

Uma
COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA
e sua
ESCRITA



PATRÍCIA DOS SANTOS
COSTA DE OLIVEIRA



Uma
COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA
e sua
ESCRITA



PATRÍCIA DOS SANTOS
COSTA DE OLIVEIRA



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PATRÍCIA DOS SANTOS COSTA DE OLIVEIRA

UMA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA ESCRITA

CAXIAS DO SUL

2022

PATRÍCIA DOS SANTOS COSTA DE OLIVEIRA

UMA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA ESCRITA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CURSO DE MESTRADO - DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO EM MESTRA EM EDUCAÇÃO. LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.

ORIENTAÇÃO DA PROF.^a DRA. SÔNIA REGINA DA LUZ MATOS.

CAXIAS DO SUL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

O48c Oliveira, Patricia dos Santos Costa de
Uma coordenação pedagógica e sua escrita [recurso eletrônico] / Patricia dos Santos Costa de Oliveira. – 2022.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Educação. 2. Supervisão escolar. 3. Coordenadores educacionais - Prática. 4. Escrita. I. Matos, Sônia Regina da Luz, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37

Catálogo na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

PATRÍCIA DOS SANTOS COSTA DE OLIVEIRA

UMA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA ESCRITA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA À BANCA EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM EDUCAÇÃO. LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.

CAXIAS DO SUL, 21 DE DEZEMBRO DE 2022.

BANCA EXAMINADORA:

DRA. SÔNIA REGINA DA LUZ MATOS (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Participação por videoconferência

DRA. ANDRÉIA MORÉS
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Participação por videoconferência

DRA. VERÔNICA DOMINGUES ALMEIDA
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Participação por videoconferência

AGRADECIMENTOS



AGRADEÇO à minha família, pela constante força propulsora, por ser a razão de meu viver e por atravessar comigo o cheiro de curvas desta pesquisa; ao grupo de pesquisa Pedagogia da Diferença, que povoou as terças-feiras com provocações e encontros de trocas que fizeram esse texto mais rico; aos colegas de curso, pela leveza partilhada de tristezas e alegrias; à professora orientadora, Dra. Sônia Regina da Luz Matos, pelo reencontro para continuar o combate em pesquisa com rigor, vibração e inventividade; às professoras que compõem a banca, profa. Dra. Verônica Domingues e profa. Dra. Andrea Morés, por estarmos juntas desde o projeto de qualificação, fazendo pensar a escrita da função de uma coordenação pedagógica por outro domínio: o da diferença; por fim, agradeço a todos os anjos que, direta ou indiretamente, estiveram comigo nesta escrita de muito cheiro, gosto e experimentações nos últimos quase dois anos, para que pudéssemos saborear cada página como um banquete de escrita.

Um sincero, leve e feliz OBRIGADA.

“Nos navios negreiros, vieram o dendê e o gosto da pimenta, a culinária ritual dos negros, as comidas dos orixás. Os coqueirais cresciam nas praias, e o português guloso trouxe suas receitas de doces, seu açúcar. Misturaram-se os gostos: a mandioca dos indígenas, a branca farinha, o azeite cor de ouro do dendezeiro, a pimenta, o coco, o amendoim, o gengibre. Os pratos portugueses adquiriram maior picante, um gosto mais definido e forte. Os guisados africanos perderam sua agressividade, ganharam maior finura. A cozinha sadia e simples dos indígenas comparece também com suas folhas, suas raízes, suas caças. Assim nasceu a culinária baiana, sem dúvida e sem exagero, uma das mais finas e saborosas do mundo” (AMADO, 1977a, p.362-363).



Lascívia baiana mesclada



RESUMO



O que escreve uma coordenação pedagógica quando investe em movimentos de cartoculinar? Essa presumível pergunta é a questão que movimenta esta pesquisa. Toma-se cartoculinar, como ato de uma coordenação pedagógica baiana em meio aos microencontros com a culinária pela literatura jorgeamadense (2012), deste modo, pergunta-se pela função da escrita de uma coordenação pedagógica. Trata-se de um método cartográfico: cartoculinar. Esse método é constituído no processo de feitura do texto, enquanto a coordenadora-pesquisadora amplia sua investigação, ao mesmo tempo em que cozinha algumas receitas da culinária pela literatura jorgeamadense (2012), com ingredientes tipicamente baianos. Para mostrá-las na experiência, a coordenadora-pesquisadora: cartoculina na pesquisa, provocando escritas da função de uma coordenação pedagógica; tensiona a função da escrita instrumental da coordenação pedagógica em meio a culinária pela literatura jorgeamadense; e intui a escrita da função da coordenação pedagógica atravessada por movimentos macropolíticos, como a escrita instrumental, e micropolíticos, como o ato de cartoculinar. Por fim, vê-se que as forças determinantes das macropolíticas sobre a função da coordenação pedagógica se fazem pelo que denominam ação de escrita voltadas aos protocolos de organização, que vão determinando um tipo de escrita

imposta por legislações e normativas, e tais macropolíticas forçam um tipo de modo prescritivo e burocrático, tornando a escrita instrumental. Por dentro e entre tal determinismo sobre a escrita, ao cartoculinar, instituem-se algumas experiências de singularidades, mostrando pelas receitas, fotografias e escritas que compõem o ato de cartoculinar. Uma coordenação pedagógica ao investir em cartoculinar, escreve acionando a experimentação da dissertação como um ato micropolítico, proveniente da sua função de micromilitância que insiste em resistir inventando entre movimentos de constituir-se em meio às subjetividades de devires que atravessam a escrita de uma coordenação pedagógica. A cartoculinância em proposta de fuga aos padrões impostos as formas burocratizadas, padronizantes e homogeneizantes dos textos da função de uma coordenação pedagógica abre-se na defesa da dissertação, feita em leitura de texto integrada a vídeo de fotografias do compósito da pesquisa, disponível no link <https://youtu.be/WSjAWJ5-tEY>, em vias de inserir o leitor na atmosfera do método cartoculinar.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenação pedagógica. Escrita. Pedagogia da diferença.

ABSTRACT



What does a pedagogical coordination writes when it invests in cartoculinary movements? This presumed question is the issue that drives this research. Cartoculinary, is taken as an act of a pedagogical coordination from Bahia, amidst microencounters with the cuisine in Jorge Amado's literature (2012), thus, one wonders about the function of writing pedagogical coordination. This is a cartographic method: cartoculinary. This method is being constituted in the process of making the text, while the coordinator-researcher expands its investigation, while cooking some recipes of the cuisine in Jorge Amado's literature (2012), with typical Bahia ingredients. To show them in the experience, the coordinator-researcher: cartoculin in research, provoking writings of the function of a pedagogical coordination; tensions the function of instrumental writing of the pedagogical coordination in the midst of cooking by the Jorge Amado's literature; and intui writing of the function of pedagogical coordination crossed by macro-political movements, such as instrumental writing, and micro-political ones, such as the act of doing cartoculinary. Finally, one sees that the determining forces of macropolitics on the function of pedagogical coordination are done by the so called writing action focused on organization protocols, which determine a type of writing imposed by legislation and regulations. Such

macropolitics force a type of prescriptive and bureaucratic mode, making writing instrumental. Inside and among such determinism about writing, when cartography through culinary is done, some experiences of singularities are instituted, showing the recipes, photographs and writings that make up the act of cartographing through culinary. A pedagogical coordination when investing in cartography through culinary writes , and at the same time triggers the experimentation of the dissertation as a micropolitical act, coming from its micromilitancy function that insists on resisting, and inventing among movements of constituting itself in the midst of the subjectivities of changes that cross writing of a pedagogical coordination. The act of doing cartography through culinary in a proposal to escape the imposed bureaucratized, standardizing and homogenizing forms of the texts of the function of a pedagogical coordination opens in the defense of the dissertation, made by reading a text, and showing a video of photographs of the research composite, available at the link <https://youtu.be/WSjAWJ5-tEY>, in the process of inserting the reader into the atmosphere of the cartoculinary method.

KEYWORDS: Pedagogical coordination. Writing. Pedagogy of difference.

SUMÁRIO



PELO AZEITE DE DENDÊ	16
MOVIMENTA A PESQUISA	18
VIOLENTA O ENCONTRO	34
ATREVE A CARTOCULINAR	53
DISPARA A ESCREVER	82
PELAS PIMENTAS	92
ASPIRA	94
MISTURA	112
TENSIONA	126
PELO COCO	164
INTUI	166
MANIPULA	190
ATRAVESSA	209
ATIÇA	222
O QUEBRAR DO COCO É IRREGULAR	240
REFERÊNCIAS	254
LISTA DE FOTOGRAFIAS	260
A DEFESA DE UMA ESCRITA EM CARTOCULINÂNCIA	263




**PELO AZEITE
DE DENDÊ**





PRIMEIRA PARTE

AVENTURAS & DESVENTURAS DE UM BOM BRASILEIRO
(NASCIDO NA SÍRIA) NA CIDADE DE ILHÉUS, EM 1925,
QUANDO FLORESCIA O CACAU & IMPERAVA O PROGRESSO 

COM
AMORES, ASSASSINATOS, BANQUETES, PRESÉPIOS,
HISTÓRIAS VARIADAS PARA TODOS OS GOSTOS,
UM REMOTO PASSADO GLORIOSO
DE NOBRES SOBERBOS & SALAFRÁRIOS,
UM RECENTE PASSADO
DE FAZENDEIROS RICOS & AFAMADOS JAGUNÇOS,
COM
SOLIDÃO & SUSPIROS, DESEJO, VINGANÇA, ÓDIO,
COM
CHUVAS E SOL

&

COM
LUAR, LEIS INFLEXÍVEIS, MANOBRAS POLÍTICAS,
O APAIXONANTE CASO DA BARRA,

COM

PRESTIDIGITADOR, DANÇARINA, MILAGRE

&

OUTRAS MÁGICAS

OU

UM BRASILEIRO DAS ARÁBIAS



MOVIMENTA A PESQUISA



Seguindo num processo de esfacelamento, a coordenadora-pesquisadora insiste pela caça incessante de si entre movimentos inventivos de constituir-se pela singularidade em meio às subjetividades de devires que a atravessam. Ora paralisada, ora inquieta, ora afectada, ora consciente dos limites e das aspirações que a travam ou não, das fantasias e de tudo o que transcorre em volta. Ora num tamanho enclausuramento em busca de saberes outros e tentando praticar novas façanhas, tateiam possibilidades que acontecem na multiplicidade.

Aos 44 anos, na varanda de casa, na cidade de Lauro de Freitas, no estado da Bahia, às 5 horas da manhã de um domingo primaveril, ouvindo já o canto dos pássaros, a coordenadora-pesquisadora transita de um lado a outro, tomada por um apagão na tessitura do dissertar a escrita em meio ao processo de tentativas que se dá em fazer e refazer, ao experimentar paladares, aromas e sensações entrelaçados no movimento das mãos e multiplicidades das suas próprias fantasias e ideias.

Uma escrita que já começa tomada pela literatura¹ do

1. Toma-se o termo *jorgeamadense* nesta escrita, para referir-se à literatura do escritor Jorge Leal Amado ou simplesmente Jorge Amado. Embora citem-se outras referências do autor nesta dissertação, é com *Gabriela, Cravo e Canela* (2012) que se desenrola a presente pesquisa - uma obra que povoa o imaginário literário pelos movimentos socioculturais, políticos e econômicos

escritor Jorge Amado (2012), disparada a fervilhar em rastros com Gabriela, cravo e canela – primeira parte, indicando na página 11 da literatura jorgeamadense, encontro que destaca a força da sutil linguagem poética, política e crítica em par com a vontade de escrever este texto, marcando uma cartografia que vai escorrendo pelos mergulhos literários em finura vocabular e operando roubos que potencializam a resistência de um texto que aparece para fazer-se subversão.

Destarte, por entender que problematizar é preciso, esta escrita topográfica em tentativa de encontro acontece em um cenário violento de movimentos experienciados no corpo vestido de fragilidades, para apresentar desobedientes fantasias acerca da escrita da função de uma coordenação pedagógica, aqui dando vazão a esta pesquisa, intitulada *Uma coordenação pedagógica e sua escrita*.

Na errância do matutar, do tentar, do fazer e do refazer deste texto, tensiona-se a escrita para além dos vocábulos e das concepções. Em verdade, este texto transcorre no plano da íntima e subjetiva produção autoral do entrelaçar das fantasias e do aguçar dos sentidos, violentando nas contradições impostas mundo à frente em curvas desconhecidas que podem permitir entender que há escrita quando há movimento em meio a rupturas, encontros e composições em um compositório de lascívia baiana mesclada.

Nesse compositório, "três são os elementos característicos: o dendê, o coco, a pimenta, [raro] o quitute onde pelo

de numa costumeira cidade altamente patriarcalista e autoritarista desde os tempos de ouro dos cocos do cacau no Brasil. Portanto, assume-se aqui, a partir de agora, o termo como marca ao posicionamento de pensamento do autor na referida obra literária.

menos um deles não esteja presente" (AMADO, 1977a, p. 364) em preparação culinária baiana. De modo que transbordam as triviais prescrições nesta escrita de atravessamento da culinária pela literatura.

Há, então, de se fazer um acordo com você, leitor, que adentra este texto: em vias de fazer-se um combate à escrita da função de uma coordenação pedagógica em sua face burocratizada e altamente regulada por protocolos de organização que "ocupam o espaço da experimentação" (BORGES, 2018, p. 188)², tornando a escrita instrumentaliza. Eis aqui uma pesquisa topográfica da escrita da função de uma coordenação pedagógica, numa composição de texto atravessada pela subjetividade de uma cartografia provocada a partir da culinária pela literatura e pela culinária própria desta cartografia.

Esta escrita constitui-se em afastamento a muitas das normas que regem os escritos ditos acadêmicos, como a ABNT, o que não o torna, de nenhuma maneira, menos científico. Organiza-se seguindo uma dinâmica em que a orientação gráfica dá-se em retrato; as cores e a escolha da disposição dos elementos têm por fim proporcionar uma experiência de leitura fluida, leve e na multiplicidade da cartoculinância. A fonte é pensada como próxima de uma máquina de escrever, também afim à escrita de Jorge Amado, igualmente feita

2. Bruno Gonçalves Borges possui graduação em filosofia e doutorado em educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal de Catalão. Atua nas linhas de pesquisa: discurso, sujeito e sociedade, com interesse nos seguintes temas: Deleuze, Guattari e Simondon (informações extraídas do currículo lattes do autor). Da sua tese de doutorado intitulada *Adeus, formação: o anti-emílio anunciador do conceito de programa de vida*, faz-se incursão a produção da experiência educativa que inerte impositores padrões sociais, aqui arrastando-se para a escrita da função de uma coordenação pedagógica.

em estilo, numa estética que anseia por aproximar-se em partes de um livro de receitas escrito à máquina, enquanto as panelas fervem para que não se percam da cabeça as medidas dos ingredientes e as instruções de preparo dos mais variados pratos de um banquete abaianado. Folha encaixada na máquina, dedos ágeis para não perder o ponto de cozimento, começa a escrita da culinária pela literatura atravessada pelo ato de cartoculinar.

Ao passar as páginas vagarosamente para lê-las, verás em sua feitura, escrita e sutileza de fotografias capturadas, tiradas pela coordenadora-pesquisadora. Algumas fotografias aludem a uma percepção singular em meio a sobreposições de ortodoxos textos em cenas de ingredientes abaianados que compõem com personalidade pratos baianos que rondam esta dissertação. As fotografias têm nome, esses como escorrimientos dos *punctuns* que povoam cada cena. Todas elas compõem a atmosfera de entendimento desta pesquisa. No final da mesma, está uma lista de fotografias, com as indicações de nome e página onde cada uma está localizada dentro deste texto. A escolha em deixar a lista no final é estritamente ligada ao fato de que a protocolização da lista conflita com a fluidez do texto que se desenrola a partir da capa.

Há traços cartográficos nas fotografias do livro *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012) sendo marcadas por ressonâncias de leituras, por rabiscos com seta apontando palavras, pontilhados, traçados, circulações e anotações da coordenadora-pesquisadora que disparam vidas - cada uma delas "vive de si mesma", que ancoradas em Roland Barthes (1974, p. 127), vêm a fazer o compositório pesquisal. Sutilmente,

indicam também um roubo literário: feito de *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012), livro que de modo sensível, povoa o imaginário literário de toda a construção da pesquisa, posicionando a produção textual em um estilo levemente poético.

Nos primeiros parágrafos de cada capítulo, há uma espécie de resumo que anseia por movimentar o conteúdo daquele bloco de texto que ali está. São escritas em uma aspiração de texto em constante movimentação. Nessa feitura escritural, por natureza altamente normativa e regrada, a escrita da função de uma coordenação pedagógica, aparece em um tensionamento pelas vias de outro texto (a receita), também com grau prescritivo, como as legislações que sentenciam "universalidade de modelos", conforme diz Félix Guattari (1987, p. 174), mas que adentra a cena de escrita como possibilidade inventiva de subverter a institucionalização imposta pelo modelo dos textos dessa função.

Esta dissertação tem diagramação em seu texto e tratamento das fotografias, a fim de conferir no trabalho apuro de cores e contrastes para realce das potencialidades dos *punctuns* e estética textual. O trabalho de edição gráfica acontece por Eduardo Lanus e Ana Paula Vieceli, a pedido e com acompanhamento da coordenadora-pesquisadora.

Como as fotografias movimentam o texto, potencializando a vida das preparações culinárias e dando sobrevoos de escrita, a defesa da dissertação acontece em leitura da culinária pela literatura, enquanto em um vídeo, aparecem o compositório das fotografias projetadas, desenrolando uma apresentação sensorial em movimentação de característicos sons, de voz e de silêncios, todos partes provocativas do compositório pesquisal, com o intuito de que inventem uma

realidade que movimenta processos na pesquisa e insiram o leitor na atmosfera do método cartoculinar. O vídeo *Apresentação de defesa da dissertação: uma coordenação pedagógica e sua escrita* está disponível em link e localiza-se no resumo, na nota de rodapé³ e nas referências bibliográficas, e deve, para que a experiência de leitura seja completa, ser assistido quando acompanhado da leitura do texto *A defesa de uma escrita em cartoculinância*, o qual é preparado para a defesa, e está localizado ao final desta dissertação, logo após a lista de fotografias.

O leitor deve entrar no texto de leve, sem pressa, aproveitando os respiros que aparecem em jogo com Jorge Amado (2012), e os traços de uma cartografia feita por uma coordenadora-pesquisadora, que, enquanto pesquisa, resolve cozinhar algumas receitas da culinária pela literatura; e enquanto cozinha, pesquisa e escreve em vias de uma escrita que tangencia Barthes (1974; 1984) em abertura de experimentações.

Aproveite para rabiscar o presente texto, anote nele as importâncias, as inutilidades e as vontades – a cartografia continua sendo feita com você, leitor. E se, na leitura, sentir-se em algum momento cansado ou ainda com gigantesca fome, tente aventurar-se na cozinha, seguindo em cartoculinância proposta por esta pesquisa.

Neste primeiro capítulo, há fantasias de uma coordenação pedagógica baiana por uma coordenadora-pesquisadora e enclausurada na escrita burocratizada, quando ainda são

3. O vídeo encontra-se no link <https://youtu.be/WSjAWJ5-tEY>.

tempos covidianos⁴. Com vontades, inquietações, despertares, vida contada em histórias variadas de como a coordenadora-pesquisadora, entre voltas e voltas, se movimenta chegando até aqui... um remoto passado de memórias de família, da educação até a formação também como educadora, de experiência de escritas em regência de ensino, em gestão escolar à atuante na coordenação pedagógica. Com questionamentos por um fazer pautado na prática documental e delineando com tema, questionamento e propósitos um apaixonante caso da escrita que se fez pela cozinha, com espreitadas literárias, filosóficas, muita fome de inventividade e vontade de cartoculinar ao modo jorgeamadense.

Nessas desobedientes fantasias, está o posicionamento de assumir uma cartografia, que fortemente vem provocada pela coordenadora-pesquisadora, ora cartógrafa e autora, a estar circundada de seus próprios mapas de leitura em páginas e mais páginas de narrativa literária, o que finda por povoar uma fome de tentativa inventiva nessa empreitada que é de escrever com a culinária pela literatura.

Está também, a resistência dessa coordenadora-pesquisadora, mulher, mãe, que vem do nordeste baiano, filha de uma mãe alfabetizada pelo pai nos tempos em que a gratuidade e a essencialidade do ensino não se faziam presentes na educação básica do Brasil; época em que este pai via na educação o caminho para transformação de vida. Com raízes cunhadas na parte de uma região parcamente assistida pelas políticas públicas, com taxa de analfabetismo imperante no

4. Aplica-se tempos covidianos à pandemia do novo coronavírus causador da doença da covid-19, que teve início no Brasil em março de 2020, perdurando até os dias atuais.

Brasil e fluidora violência, a coordenadora-pesquisadora experiencia precariedade das classes multisseriadas e as dificuldades da educação pública básica e superior brasileira.

Atuante profissional da educação, vive escritas na regência de ensino, na gestão escolar e na coordenação pedagógica como modos para o enclausuramento. Atua 40 horas semanais na rede municipal de ensino de Lauro de Freitas/BA. Transita entre duas ações: uma - coordenação pedagógica em escola pública; e outra - coordenação pedagógica em Secretaria Municipal de Educação. Hoje, parte do Programa de Pós-graduação em educação da Universidade de Caxias do Sul, faz tentativas de exercitar no curso de mestrado em educação possibilidades de escritas mais plurais - um estudo que faz inúmeras aberturas no cruzamento da escrita da função de uma coordenação pedagógica e da literatura pela culinária.

O combate pelas causas da alfabetização de jovens e adultos, anos atrás, provoca um encontro com a orientadora desta pesquisa. Hoje, aqui, depois de mais de 20 anos, o feliz reencontro é uma continuação lá de trás, agora pelo tensionamento da escrita da função de uma coordenação pedagógica. É no bojo dessa discussão que se delineaia esta pesquisa. Paralelamente, as raízes agrestes provocam a cartografar, cozinhando junto à escrita do corpo de uma coordenação pedagógica com sabor próprio e violência necessária para seguir pensando na trama de escritas outras da coordenação pedagógica.

De certa forma, aborda uma cartoculinância formativa, problematizando-a a partir de um diálogo entre a itine-

rância pessoal-profissional da coordenadora-pesquisadora, que transita com personagens literários e com aporte teórico desta pesquisa, desdobrando-se em uma escrita autoral.

Há o sentimento de enclausuramento na escrita da função de uma coordenação pedagógica, e, por ora, esse adjetivo, "enclausurada", circunda a coordenadora-pesquisadora na resistência contra a sistemática dominante que corre nas relações de forças entendidas como universais, movimentos que regem o todo, ou como minúsculos movimentos de fugas. Tão assim, reúnem-se desejos que a tocam e a atravessam, sem os quais seria impensável inventar outros tempos, outros espaços, outros corpos, outras vidas - habitar outros territórios. É tomada pela apetência da produção autoral, para que se possa patentear uma escrita resultante do devorar leituras.

Este estudo evoca a metodosofia como método de transcrição pela necessidade premente de, nas palavras de Sandra Mara Corazza (2020, p. 14), "espremer as palavras e de torcer a língua, de botar a guinchar os textos e de trapejar as práticas da tradição na pesquisa". Assim, procura mover-se por linhas onde não seria possível chegar pelo viés convencional do processo técnico e científico formal. Busca-se, então, traçar linhas para que nelas possa assentir tanto a solidificação de padrões quanto as brechas para reordená-las e seguir o curso, mesmo que preservando traços sólidos (CORAZZA, 2002), o que não faz esta dissertação ser menos acadêmica ou científica; pelo contrário, possibilita um fazer questionador que está em constante volatilidade.

Um texto como ato político, com pulsações próprias no entrelaçar das relações de forças na escrita do corpo de uma

coordenação pedagógica, que vive enclausurada na experiência da sua função pela dominação institucionalizada, que a torna um espaço de prescrições, normas e leis que acabam por esvaziar as possibilidades inventivas e silenciar o que não seja obediente. Daí uma escrita que mapie o território e cartografe os traçados da pesquisa na experiência (CORAZZA, 2002).

Por isso, trata-se de uma pesquisa que questiona a escrita da função de uma coordenação pedagógica: o ato de escrever em meio à legislação hodierna conectada a protocolos de organização (BORGES, 2018) dessa coordenação pedagógica que tangencia o esvaziamento das possibilidades do texto, validando apenas escritas ocupantes de espaços restritivos e excessivamente prescritivos, no qual impera a repetição para a manutenção de funções ou atribuições político-sociais.

A vontade de pesquisar acontece com muitas inquietações que acabam por fazer questionar o fazer de tantos anos de trabalho, aqueles em que, muitas vezes, mais foram para encher e preencher as incontáveis planilhas e documentos do que, efetivamente, fazer atos políticos diretos competentes às funções dentro de uma coordenação pedagógica. Assim, esta dissertação é feita de uma vontade em desobedecer a escrita da função de uma coordenação pedagógica pautada nos "protocolos de organização que [impõem] modelo" (BORGES, 2018, p. 65) à escrita e acaba por padronizar as funções em prol da manutenção de uma ordem.

Essa pauta está referida, principalmente, na percepção de um sistema burocrático que faz ponte com a ineficiência e com a lentidão, revelando certa (ou grande) falta de pre-

ocupação com as necessidades individuais e grande apreço às atribuições documentais. Há, na coordenadora-pesquisadora, a vontade que vem da subversão, das possibilidades da escrita.

Para além do sistema de escrita da coordenação pedagógica, o sistema de escrita laboral da nossa sociedade em muitos de seus variados contextos, vai moldando, pouco a pouco, o volume de escrita documental a determinado fim, para a satisfação do padronizado, do legislado, do formatado. Data venia, não é que as escritas documentais sejam erradas, em verdade são escritas necessárias à vida em uma organização societária regida por normas legais. Tensiona-se quando essas escritas são marcadas por institucionalizadas normas de controle disciplinantes. Trata-se de abrir faíscas a essa universalidade pelo microfazer singularizante.

Escrever este texto é um enorme desafio para alguém sempre ensinada a trabalhar e portar-se à mesa com a escrita dentro dos padrões institucionalizados. É difícil esse afastamento; a representação tem força. Partir rumo ao desconhecido e sem promessas de respostas imediatas ou certeiras na pesquisa que vai se fazendo pelo seu próprio trilhar: em que a cartógrafa penetra como uma grama, no espaço pouco ou nada cultivável das significâncias refugadas para posicionar seu olhar e seu corpo, a fim de perguntar por aquilo que no mais improvável espaço da função de uma coordenação brota: a escrita inventiva e política (COSTA, 2014).

Intentar às possibilidades por vias de uma cartografia entrecortada na culinária pela literatura, afinal, tem-se potência à tentativa da diferença. Por isso, o tema que movimenta esta pesquisa dança entre a coordenação peda-

gógica e a escrita - fazendo um recorte para função⁵ da escrita de uma coordenação pedagógica.

Diante disso tudo, este estudo é movimentado pela seguinte problemática de pesquisa: *o que escreve uma coordenação pedagógica quando investe em movimentos de cartoculinar?*

A fim de responder ao problema de pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral: cartoculinar, como ato de uma coordenação pedagógica baiana em meio aos microencontros com a culinária pela literatura jorgeamadense (2012), deste modo, pergunta-se pela função da escrita de uma coordenação pedagógica.

Como possibilidades de processo, dedicam-se esforços ao desdobramento de quereres específicos, a saber:

a) cartoculinar, como método movente na pesquisa, provocando escritas da função de uma coordenação pedagógica;

b) tensionar a função da escrita instrumental da coordenação pedagógica em meio à culinária pela literatura jorgeamadense (2012); e

c) intuir a escrita da função da coordenação pedagógica atravessada por movimentos macropolíticos, como a escrita instrumental, e micropolíticos, como o ato de cartoculinar.

Esta pesquisa delinea-se em capítulos, os quais são listados a seguir:

Pelo azeite de dendê: trazem-se as delimitações iniciais que motivam este estudo, em justificativa de quem o faz e

5. A palavra "função" refere-se ao "cargo" na coordenação pedagógica, fazendo referência aos textos que são inerentes ao fazer pedagógico dentro da posição de coordenar, aqueles regidos por protocolos de organização e oriundos de ditames legais (BORGES, 2018).

por qual motivação. Dito de outra forma, traz as implicações, o tema, a problemática e o propósito da pesquisa, além de tatear o método. Tudo isso acontece permeado pela estética culinária desse azeite, ingrediente emprestado da culinária jorgeamadense que tanto é manipulado na cozinha baiana, dando vazão às invenções distintas de pratos e acompanhamentos.

Pelas pimentas: ingrediente de ardência e potência na culinária baiana, tensiona-se a função da escrita instrumental protocolada, trazendo para o texto a força do questionamento da escrita dessa coordenação legitimada pela legislação, em meio à culinária pela literatura jorgeamadense.

Pelo coco: tomando-o como elemento disparador de escrita, tão diverso em suas possibilidades de usos culinários, versa acerca de atravessamentos por movimentos macropolíticos, como a escrita instrumentalizada e os movimentos micropolíticos, além do ato de cartoculinar na possibilidade de questionar sua função de escrita.

O quebrar do coco é irregular, tece, por fim, provocações sobre as sensações, as visões, os gostos, os toques que fizeram despertar este texto cartoculinado e convidativo ao leitor para também cartoculinar.

A vazão necessária para a fluência deste texto aparece na cartografia com Bedin da Costa (2014, p. 66), sendo uma possibilidade de "criação de mundos" que potencializa o texto a servir como um convite ao encontro, uma porta para operar sobre a realidade e que faz com que se habite um espaço de quem opera diretamente sobre a matéria a ser cartografada - manipulando-a, usando quês de fruição artista em educação (COSTA, 2014).

Essa cartografia tem um território político: a coordenação pedagógica e a escrita, ambas são políticas. Pergunta-se pelo seu funcionamento e do quê e como escreve essa coordenação. Não necessariamente de política pública, política partidária, mas da macropolítica e da micropolítica (GUATTARI, 1987) atravessadas na escrita da função de uma coordenação pedagógica.

Marca-se uma geopolítica que atravessa a subjetividade cartográfica desta investigação: é nordestina baiana. Fala-se do território geográfico mesmo, possibilitando para as zonas fronteiriças da pesquisa aberturas às porosidades de espaço regional de onde se constitui: a culinária pela literatura jorgeamadense dispara o cartoculinar, aqui método experienciado. A cartografia é marcada também pelo território subjetivo e singular ao qual circunscreve: a cozinha da culinária baiana.

Juntam-se forças sabendo que o exercício da cartografia não é um decalque; é parte de estar em um território e a partir dele pensar a realidade de uma maneira outra daquela inicialmente proposta pelos manuais científicos tradicionais, dando atenção ao encontro, percebendo o que acontece nos intervalos, acompanhando o processo de uma prática investigativa, e não buscando essencialmente um final pré-determinado (COSTA, 2014).

Logo, cartoculinar é o território deste estudo. Montado com a questão geopolítica da literatura jorgeamadense posicionada pelo escritor Jorge Amado (2012), baiano de dobras e de paixões, em que se propõe a experimentar uma pesquisa que tensione a escrita da função de uma coordenação pedagógica altamente marcada pelos procedimentos instrumentali-

zantes, sem saber de antemão quais serão os atravessamentos do estudo que vai se fazendo em processo; e, ainda, acreditando na potência de um texto que segue pela subjetividade da expressão singular da função de uma coordenadora, até então enclausurada na escrita da função, que vai dissipando o enclausuramento com o cartoculinar.

Nesses atravessamentos, sobre a mesa da cozinha, há uma tigela pequena de porcelana em que brilha um líquido oleoso e ruivo, um dos que Amado (2012) usa para fazer com que a personagem Gabriela conquiste a todos com a manipulação dos ingredientes que utiliza em suas receitas. É o azeite de dendê, que movimenta este primeiro capítulo. Com sua cor e textura inconfundíveis, o popular ingrediente da cozinha africana chega ao Brasil desde o início do comércio escravagista. Extraído do fruto do dendê, esses que mais parecem pedras preciosas de tons degradês marcantes, ao passo que fazem salivar a boca e coçarem os dedos com vontade de pegá-los para apertá-los.

É uma gama de amarelo, laranja, amarronzado, espraiando uma insurgência que exala cheiro só de olhá-la. Adapta-se muito bem ao solo quente do nordeste e é uma planta cultivada com certa dificuldade. Paladares sensíveis não se embarçam para identificar sua presença característica: não é só a cor, mas também o cheiro que marcam uma insurgência avermelhada frente aos outros azeites. O tal óleo de palma em violento movimento de encontro a outros ingredientes, acumula-se a esses em preparações culinárias, e vai pintando com um vermelho sangue, como se em transmutação, o fundo da porcelana vazio que paira na cozinha.

A close-up photograph of a white ceramic bowl filled with a thick, vibrant red soup. The bowl is positioned in the upper right quadrant of the frame. Surrounding the bowl are numerous roasted chestnuts, their shells glistening with oil and showing a range of colors from deep red to golden-brown. The background is a dense field of these chestnuts, creating a rich, textured environment. The entire image is framed by a thin white border with decorative flourishes at the top and bottom center.

Insurgência avermelhada

VIOLENTA O ENCONTRO



Nesses movimentos do texto, a escrita acontece quando é afetada em meio a rupturas, encontros e composições. Sobre isto, Deleuze e Parnet (1998, p. 17) dizem que "é no fundo da solidão que se pode dar qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e por vezes sem conhecer nem as ter jamais visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos". Faz-se, ainda, a presente escrita dos encontros que vão se fazendo ao longo do processo, alguns conceituais e outros literários e culinários.

Os tons degradês do óleo de palma em suas nuances nas preparações culinárias arrastam movimentos de permissão para que esta dissertação transite por mundos da fantasia, junto a culinária pela literatura jorgeamadense e na companhia barthesiana (1974; 1984)⁶. Com isso, este texto traz a possibilidade de uma escrita outra no corte das fotografias e da escrita, que não a institucionalizada. Nessa cena de encontro em que dois charmosos grisalhos — Amado e Barthes — juntos se põem à mesa para degustar a cozinha baiana pela literatura, junta-se outros, inventam-se mais encontros. Eis a chegada de Félix Guattari (1987),

6. Toma-se o termo barthesiana nesta escrita (inclusive povoado em muitas das escritas acadêmicas) para referir-se ao crítico literário Roland Barthes ou simplesmente Barthes, com os entendimentos de escrita, escritura e fotografia no que tange ao interesse da pesquisa. Embora cite-se outras referências do autor, esta escrita desenrola com maior escorrimento pelos títulos: *Novos ensaios críticos: seguidos de o grau zero da escritura* (1974); e *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (1984).

que muito há de conversar sobre os movimentos macropolíticos, como a escrita instrumental, e micropolíticos, como o ato de cartoculinar atravessado na escrita da função coordenação em meio ao ato de pesquisar e cozinhar.

Ainda sobre os encontros que partem da literatura baiana, essa força da natureza inventiva que permite viajar sem do território mover, é a potência de Jorge Amado (1977b) como parceria imagética que dispara a possibilidade de continuar pensando fortemente em movimentar o mundo pela literatura.

Há de se descrever com modos literários esse baiano arretado. Moço bonito. Dono de um generoso nariz. Cabelo grisalho levemente despojado. Olhar corujante e profundo que ativa o espírito questionador. Bigode bem aparado marcante. Possuidor de um estilo casual de vestir-se. Sobrancelhas grossas e saltitantes. Rosto largo. Sua formação em Direito autoriza dons legislativos para vadiar, impedindo outro funcionamento aos duros artigos, incisos e parágrafos da dissimulada dominação de padrões. A regionalidade é fetiche em romances e crônicas do corpulento escritor da segunda geração modernista. Moço com jeito sedutor e envolvente. Puro charme!

Esse brasileiro das terras cacauceiras tem na caneta e no pensar o poder de inventar o que somente se pode ver e sentir, e, como tão bem se autointitula em entrevista à revista "Hoje", é escritor romancista da geração de 30, que nos serve com sensualidade, política e sedução pela beleza de suas escrituras.

Envereda-se pelos cocos de cacau, pela relevância de pensar a divindade marcante no país dos senhores contro-

ladores de subalternos, aqueles capturados em subjetiva produção de serventia e feliz obediência ao patriarcado explorador dominante e opressor, que repousava e ainda repousa dissimuladamente ao servir somente para exploração na sistemática capitalística das vastas propriedades coroneizadas, em especial no nordeste (AMADO, 1977). Complementa Paloma Amado Costa (1997) que a temática cocos de cacau melhor tipifica o escritor Jorge Amado, porém, "não é a fruta, no enfoque [, e] sim a economia gerada por ela, [e,] sobretudo, a luta pela conquista [de] terras, [...] responsável por amores, ódios, brigas: se morre e se vive pelo cacau" (COSTA, 1997, p. 47). Jorge Amado movimenta uma literatura própria pelos cocos de cacau; enquanto fruta perfumada, arrasta a constituição social de desigualdades gritadas nos seus tantos escritos.

Ao embrenhar-se no universo cacauero, Amado (1977b), enquanto autor que escreve com o cacau, dispara a produção de um tipo de consciência por seus personagens que se subverte aos padrões coronelizados modeladores, como em *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012), quando arrasta a violência necessária e a sedução da cozinha baiana para dentro do seu livro de crônica costumeira. Por meio de personagens tipicamente regionais, sabe com maestria como destilar textos com cheiro, com gosto, com textura e com cor de ingredientes do estado baiano.

Seu modo de narrar faz com que a própria Bahia transborde em suas palavras, sendo possível em escorrimto lírico fantasiá-la, em debruçamento na mesa da cozinha olhando pela janela casarões no coração do centro histórico baiano, as ruas e as ladeiras estreitas calçadas

em paralelepípedos do Terreiro de Jesus até o largo do Pelô, vestidas numa arquitetura colonial provedora e mobilizadora de cultura de um povo. Transborda uma Bahia socioculturalmente negra, que carrega suas histórias, ora fantasiosas, ora reais.

Faz pensar que uma comida não carrega consigo apenas o aroma, a textura e o sabor. Carrega - por trás da receita, dos ingredientes e dos temperos - a história de vida de um povo com seus entraves, conquistas e experiências que podem contribuir para o momento presente e futuro de uma sociedade.

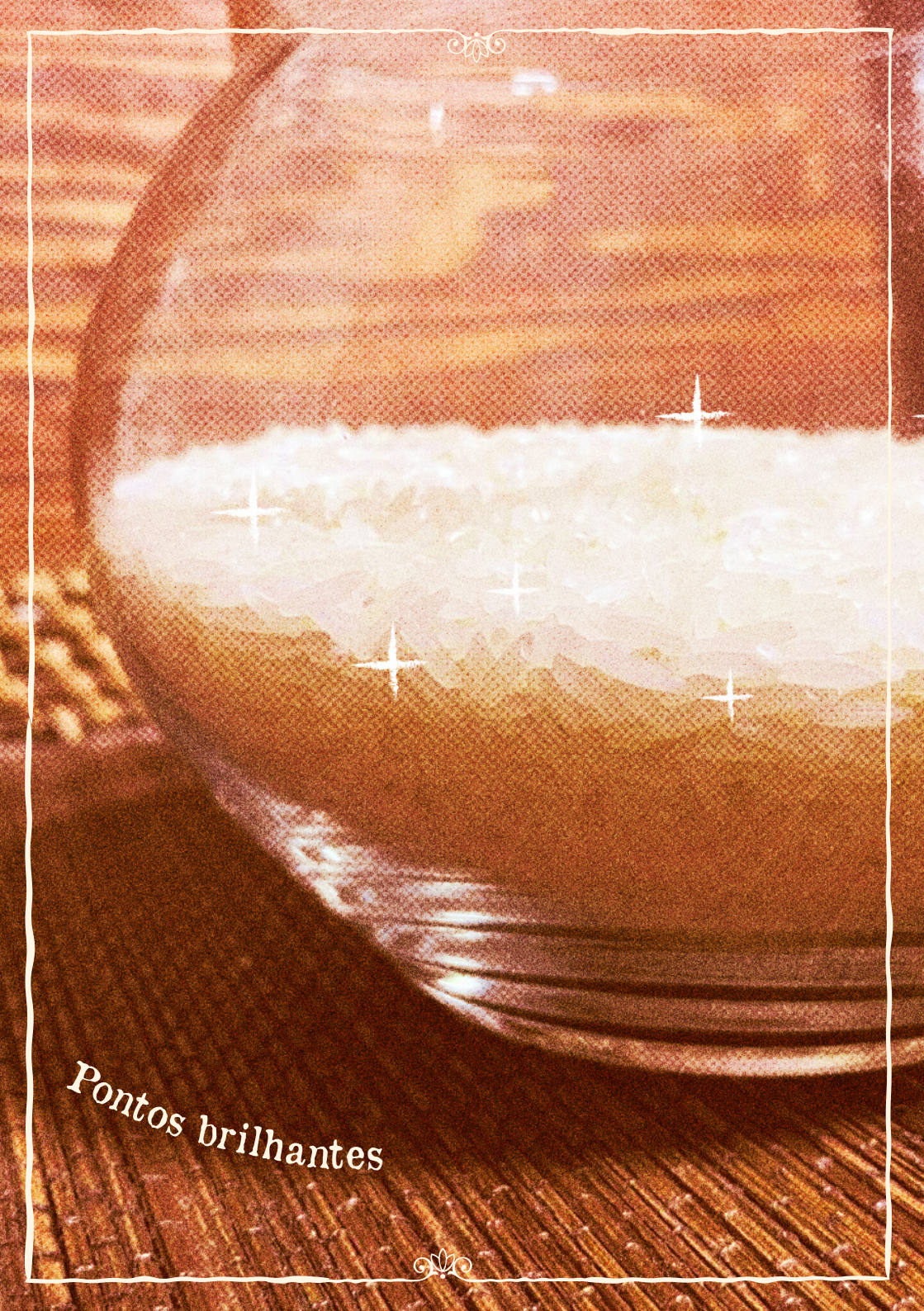
São muitas as forças que movimentam uma pesquisa. Nesta, que se faz no entrecruzar de paixões, adiciona-se a fruição literária como ingrediente da receita: é a literatura que tempera este texto, pela trama das raízes baianas na diversidade étnico-racial e nas causas sociais e políticas, no progresso sertanejo, na riqueza de cor e de aroma das comidas, na desigualdade de gênero masculino em detrimento ao feminino e na percepção sensorial de um povo, realçando a escrita de uma coordenação pedagógica na narrativa como sujeito do próprio querer. Assim, esta dissertação vai sendo tramada, atenta às minúcias, às faces subjetivas e ao valorizante espaço de uma tentativa de escrita singularizante, sutilmente, poética, política e dinâmica.

Ressoar como partícula jorgeamadense traz para esta escrita a possibilidade de escrever, o que abre para o texto uma potência inventiva, uma vez que explora a vida do vocabulário baiano, aquele que aproxima os gostos, os temperos e as cores da cozinha local e, não sufi-

ciente, provoca no texto prescritivo a possibilidade manipulatória para rasgos micropolíticos em afastamento da universalização. Aqui, propõem-se outros movimentos de escrita: trazem-se as receitas a partir de alguns rastros da literatura de Amado (2012). Com a culinária, movimentam-se uma pesquisa cozinhando, na tentativa de dar vazão ao fazer da cartografia.

Pulsa uma benevolência arrastada pelos pontos brilhantes e translúcidos no miolo do vaso, que até tenta enclausurá-lo. Estão no centro da luz que os atravessa ao incidir, provocando um corpo vítreo, facilmente tangível pelo contraste no contorno do vaso. Sejam de tipos curto, médio ou longo com nomações distintas, o acompanhamento é vetusto, sendo em cozedura ou não. Um dia já lhe coube dispor à mesa da nobreza.

Esses pontos brilhantes no vaso de vidro, embora hoje, seja parte essencial do trivial almoço de muitos brasileiros, paradoxalmente, vem lamentavelmente sumindo da mesa dos brasileiros menos favorecidos economicamente, arrastando um forte pensar sobre a realidade da fome no Brasil. O arroz no vaso de vidro sobre a bancada desperta para uma preparação típica que tingem sua brancura à alva. Toma em pulsante energia pela sua chuva no enlace matrimonial os noivos e noivas. Por vezes, o mingau de sua farinha é o primeiro alimento consumido após o leite materno. Presente em momentos diversos da vida, não seria diferente nesta escrita, e, apesar de não ser um ingrediente marcante na culinária jorgeamadense, faz-se presente em muitos encontros na mesa baiana. Nesta pesquisa, toma-se por reivindicar sua presença à mesa de quem sente por sua falta!



Pontos brilhantes



Escorre o pensamento de que é questão de resistência uma coordenadora-pesquisadora, mulher, mãe, com raízes cravadas no nordeste baiano, tentar saborear receitas experimentadas por personagem mulher retirante nortestina da literatura. Na cozinha, esse pensamento é posto, e na culinária jorgeamadense (2012) atravessa a escrita como potência. Possibilidades de aberturas permitem, quem sabe, uma tentativa de subversão ao pensar a escrita da função de uma coordenação.

A comida na escrita da função de uma coordenação combina sabores que vão se misturando, permitindo experimentações, expressando sentido político, social e cultural, além dos minúsculos da vida, por estarem presentes nas diversas situações que envolvem o fazer de geração a geração.

Outro ingrediente surge para ser misturar aos sabores e ingredientes desta escrita. À vista, na fotografia, nudes grãos olhantes projetam seus olhos penetrantes elegantemente capturando a atenção, fazendo tontear pela finura que capazes são de fazer os grãos quebrados: acarajés de cobre. Não se pode negar o feito de que arrastam seus micropontos olhantes em uma lindeza que ressoa nessa tela feijoadada de secura na cor nude cremosa contrastante.



Nudes grãos olhantes



O acarajé⁷ é um símbolo baiano e de matriz religiosa, oferenda sagrada do candomblé. Souza Júnior (1997) afirma que esse quitute tem presença marcada no terreiro de candomblé. Todavia, nos dias de hoje, nem todo acarajé vai ao altar religioso, pois é "comida de quem quer comer. Se alguém quer comer um acarajé do orixá, deve ir ao terreiro. Acarajé vendido na rua não é, necessariamente, comida de santo" (SOUZA JÚNIOR, 2008, p. 36). É desse acarajé vendido em tabuleiros nas ruas baianas, feito na cozinha das casas, na cozinha jorgeamadense, é sobre esse que escolhe não ir ao altar religioso que se fala nesta escrita.

Gabriela fabrica "riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata, o mistério de ouro do vatapá" (AMADO, 2012, p. 306). Gabriela assim arruma um "enorme tabuleiro de doces. Outro, ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras" (AMADO, 2012, p. 139) e arrasta-se a inventar passos. Dentre tais riquezas, o acarajé é uma preciosidade, um quitute crocante e gostoso feito com azeite de dendê, e que também as baianas arretadas na Bahia vendem tanta alegria nos seus tabuleiros fazendo festa e comercializando-o ao passo que sustentam suas famílias.

O acarajé de cobre tem em sua base o feijão-fradinho. Ao fazê-lo, há a necessidade de levar esse feijão ao molho d'água de um dia para o outro, quebrando-o e retirando manualmente sua casca, de onde vão surgindo belos nudes grãos a olhar-nos com seus marcantes olhos entre cascas;

7. Na sua dissertação de mestrado, Florismar Menezes Borges (2008, p. 10) aponta que: "o acarajé foi introduzido no Brasil, especificamente na Bahia, através dos escravos de etnia nagô, das regiões Iorubás da Nigéria e do atual Benin".

e, ao triturá-los, obtêm-se uma textura um pouco pesada, chegando a lembrar até a textura do aipim. De uma forma direta, o acarajé é bolinho de feijão-fradinho, frito em azeite de dendê quente e borbulhante. Fácil de fazê-lo.

Embora instituído na capital do axé, Salvador, como patrimônio cultural, contempla o Ofício das Baianas de Acarajé registrado no *Livro dos Saberes* em 2005 como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Esse Ofício é uma prática antiga de produção e venda de comidas baianas feitas com azeite de dendê, coco e pimenta em tabuleiro, fortemente difundido na capital baiana. Inclui-se, além do acarajé, o abará e os diversos tipos de cocadas e de mingaus. O registro é ato público de legitimação ao legado ancestral no processo de formação de nossa sociedade (IPHAN, 2007).

O acarajé é uma comida saborosa que causa expectativa para experimentação, pode provocar momentos únicos de encontros e combinações dando estilo do aroma e do sabor ao paladar. Exatamente assim, ocorre no fazer de escrita de uma coordenação pedagógica que se permite, aqui, sair dos trilhos à cartoculinar em ebulição escarlate numa gama de vermelho-laranja-amarelada, convidativa, em textura cremosa que tingem acarajés de uma cor de final do dia, cor de crepúsculo em dia que fez sol. Na feitura do reunir de ingredientes, a corola do alho, é tomada em ebulição, enquanto de canto fita-nos, e faíscas espraiam-se pouco a pouco de escrita, assim como escorre o azeite de dendê: forte, determinado e escarlate.



Ebulição escarlate



O fazer do acarajé em sua quentura quando recém-frito, é pura potência inventiva. Basta seguir a prescrição avante! Borbulha o óleo de dendê quente, esse que já opera em faíscas, do qual explodem quentes bolhas perigosas no fritar em viradas, enquanto sai riqueza acobreada redonda e até ruiva pela densidade do azeite de dendê em seu borbulho escarlate.

Sai além disso, uma escrita com literatura numa manipulação que reverbera o minúsculo. Esta escrita também precisa de vazão para escorrer linhas, para fazer curvas, as quais são possibilitadas com Roland Barthes (1974; 1984). Começa numa manhã primaveril, quando ele adentra a cozinha sem ao menos pedir licença. Aproxima-se e senta-se... os encontros desalinham, os encontros incomodam. São muitos os ingredientes desta escrita e determinado o escorrimento do azeite de dendê que em ebulição escarlate dão um toque especial às invenções cartoculinadas.

* Acarajé de cobre *

- bater o feijão-fradinho seco, rapidamente no liquidificador, só para quebrar o grão, mas sem esmagá-lo;
- pôr o feijão de molho n'água suficiente para cobri-lo;
- levar o feijão todo descascado ao liquidificador para bater;
- ralar 1kg de cebola;
- colocar a massa de feijão num caldeirão e misturar nela o sal e a cebola ralada, batendo com colher de pau até incorporar;
- numa frigideira, colocar bastante azeite de dendê - que ultrapasse a metade do acarajé durante a fritura- e deixar esquentar bastante;
- acrescentar uma cebola inteira descascada;
- dar a forma aos acarajés com duas colheres, colocando-os a fritar no azeite de dendê quente e quando um lado estiver frito, virar com ajuda de uma escumadeira para fritar o outro lado;
- servir puro ou cortado acompanhado com salada, molho de pimenta, vatapá e camarão seco.

A lista dos ingredientes para a receita é pequena. Normalmente, quem vai fazê-la já tem todos os ingredientes em casa. Veja a lista:

- 1 kg de feijão-fradinho;
- 1 kg de cebola branca mais 1 cebola com casca para fritura;
- sal a gosto;
- azeite de dendê para fritura a gosto.



Riqueza acobreada



Na escrita desta dissertação, o cozinhar de ingredientes, o destilar e espremer de palavras também está respaldado no pensamento de Barthes (1974; 1984). Esse autor sabe como ninguém provocar interrogações. Sua refinada postura, seu impecável cabelo grisalho jogado levemente para trás, seu olhar atraente e profundo que aparenta pensamento que ressoa aos olhos. Dono de um elegante e sedutor estilo. O fino nariz lhe é marcante. Revela no vestir-se uma combinação sofisticada em tons neutros. Um galanteador com jeito simples de se portar. Sujeito do saber e da invenção. Um crítico literário francês - mistura arretada essa de nordeste brasileiro com França. Um avivado ao peculiar. Um escritor que envolve pela ondulante captura da sensualidade do escrever e do ler, seja pela escrita, seja pela imagem. Tomar de imediato por uma arrebatadora paixão é uma atribuição que opera com eficiência.

Pouco a pouco, Barthes (2005, p. 15) vai dizendo "escrevo, 'acabo' a obra e morro, mas, ao fazê-lo algo continua: a espécie, a literatura" e, assim, vai se tentando escorrer a bastante custo essa escrita mais fluida... o que é desnorteador para a função de uma coordenação pedagógica educada pela escrita institucionalizada e pautada na representação do meio escolarizador.

Com ele, um potencial da escrita e do efetivar de forças que estão no invisível, nas entrelinhas de qualquer interação. Há uma validação em meio às falas de Barthes (1974) para seguir nesta escrita de fuga das amarras burocráticas e pedagogizantes que enlaçam a escrita dessa função de coordenação. A validação dispara o entrecruzar de paixões, inicialmente as dos quitutes baianos da Gabriela, personagem da obra de Jorge Amado (2012).

Pela autorização barthesiana (1974), fantasia-se uma escrita que matuta sobre os instrumentos comuns e excessivamente prescritivos no funcionamento de escrita de uma coordenação pedagógica que leva ao esvaziamento da escrita pelos circunscreventes padrões universais, algo que vem tomando a cartografia. Isso vai ao encontro do pensamento de Félix Guattari (1987).

Sempre um arrebatamento, Guattari (1987) vem em um escoamento degradê, como uma avalanche violenta que invade nosso ímpeto, de matizes vivas carregadas de inquietações, vem em rompante e, às vezes, não deixa perceber na hora que já chega. Percebe-se depois, normalmente, quando algo começa a querer mudar. Possuinte de um corpo que opera e comunica simultaneamente as facetas de um estado filosófico, psicanalítico e militante social. Um notável escritor francês. Dono de um semblante pensativo. Olhar distante. Elegante visual despojado. Seus óculos em formato redondo denunciam-no como gênio. Sua veia inspiradora por movimentos sociais e reivindicatórios fazem-lhe um andarilho. Andarilho que se permite em corda elástica sobrevoar distintos atos sem cristalizar. Subversão. Transversalidade. Transformação.

Guattari é um homem paralisante do ponto de vista de resistência a controle social (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Ele provoca a intuir relações de força em um território, provocando faíscas a interpelar movimentos institucionalizantes de escrita da função de uma coordenação, o que dispara a possibilidade de expressões singulares, produzindo um modo de escrita em resistência a essas esvaziadoras e institucionais práticas de texto no efetivar das interações micropolíticas e macropolíticas da função de uma coordenação.



Escoamento degradê

É possível uma escrita de cruzamentos? Tem-se, então, que a escrita é um entrelaçamento. Nela cruzam-se muitos elementos: a literatura, a fotografia, a culinária e a escritura. Eis a presente pesquisa com tamanha proeza para pensar e tramar uma escrita de coordenação pedagógica com leveza literária. Mas, isso não é tarefa fácil ao levar em consideração os movimentos macropolíticos e micropolíticos que atuam no reforço a padrões de escritas que esvaziam a possibilidade de existência de singularidades, ou seja, de ações do escrever que diligenciam modos de fazer representacionais e repetitivos (GUATTARI, 1987).

A micropolítica é o modo de retalhar a realidade a partir do campo das forças, na medida em que também se produz abertura de forças que estão no invisível. É a política do fazer que vai sendo inventada e escrita nos contornos do enroscar-se nos padrões legais enrijecidos e universalizados da escrita no plano institucional, por assim dizer, no plano da macropolítica, em oscilante movimento (GUATTARI, 1986).

Ainda que seja possível conceitualmente separar macropolítica de micropolítica, implica-se um manifestar de dois extremos que podem convergir e divergir em enroscamentos, portanto, não é à toa a necessidade de vê-las juntas, quando a intenção é entender como, por exemplo, a função de uma coordenação pedagógica efetiva os atos de escrita que lhe dizem respeito.

Reunir na cozinha, ingredientes que mobilizam sabores e memórias com a literatura, e permitir violentar mais e mais um desobediente corpo que vai sendo tomado por uma ebulição escarlate no enlaçar de outros e de outras paixões

desponta em tensionamento de escrita. De certa maneira, é dado conta de que Amado (2012), Barthes (1974;1984) e Guattari (1987) já formam um grupo de pesquisa a reunir-se quase que diariamente, à medida que sucede cada leitura e escorre a escrita.

Isso posto, amplia-se esse encontro com quem mais chegar na cozinha, como Bedin da Costa (2014; 2020) e Corazza (2020), para arrastar o método cartográfico: cartoculinar como método inventivo e movente; e Paola Zordan⁸ (2007), para trazer em cena a coordenação pedagógica, de quem se rouba subsídio para conceber a função de uma coordenação, de modo que as linhas vão sendo riscadas, encontrando-se, ramificando-se para serem sovadas como uma massa de acarajé e espraiando-se pela perspectiva da diferença na intensidade de afirmar a pesquisa junto ao grupo da Pedagogia da Diferença⁹ enquanto uma escrita minúscula e fértil que cartoculina.

8. Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), artista visual, e professora do curso artes visuais da mesma universidade. Membro da Rede Escriteiras (rede de pesquisadores das filosofias da diferença em educação. Escritora do artigo *Supervisão escolar e a impossível perspectiva da diferença* (2007).

9. O grupo de estudo Pedagogia da Diferença faz parte da área de conhecimento - CNPq educação, filosofia e multiplicidade na contemporaneidade, da linha de pesquisa história, filosofia e educação da Universidade de Caxias do Sul.

ATREVE A CARTOCULINAR



Na condição de escrita política da função de uma coordenação pedagógica, convoca-se uma vida sendo tocada pela comida como partícula sensorial. Pode-se dizer, que mesmo diante da posse de determinadas leituras, é desafiador traçar linhas de pesquisa. Cartografando nas leituras frente à Roseli Gomes Brito de Sá (2020), que tempera escrita em torno do fuçar entendimentos por trilhas tortuosas que escorrem medo do novo e encantamento pela descoberta, tangencia o método que vai fazendo este texto fluir. Com Zordan e Souza (2020, p. 452), "pesquisa-se o que se vive. Do contrário, seria impossível" esse fazer cartoculinar.

O método desta dissertação que se faz em experimentação da culinária pela literatura jorgeamadense pode ser comparada ao que Corazza (2002, p. 107) denomina de labirintos em pesquisa de educação, no qual "o traçado de seu desenho é formado por linhas sinuosas e imprevisíveis, das quais, quando se está dentro, não se tem a mínima ideia de onde nos levarão". Desse modo, essa cartografia não almeja respostas obtidas em linha reta, resultados previamente calculados ou conclusões decalcadas e teorizadas.

Tomar as significações pelo avesso é necessário na condição de insatisfação com as verdades vigentes (CORAZZA, 2002), especialmente no que diz respeito àquelas coladas à escrita da coordenação pedagógica, institucionalizada como

fazedora tarefaira de documentos, planilhas, formulários e demais gêneros assentados no cumprimento da legislação.

A provocação da escrita é para uma pesquisa que fortaleça a prática da investigação, construindo possibilidades inventivas e "não expulsa[ndo] os modos de nossos processos de subjetivação" (CORAZZA, 2002, p. 131). A prática do pesquisar, seguindo a diferença, implica a movimentação das intensidades da vida, das potências que povoam as experiências de cada ser.

Criar um método é uma questão que cabe de modo a ir mostrando o fazer distinto a cada destino: configura-se o problema pela duração do processo e pela existência da pesquisa se desenrolando e acontecendo. Notadamente, privilegia-se a singularidade do método montado enquanto um traço nas filosofias da diferença e para além delas (CORAZZA, 2020). Portanto, a construção desse método vai se fazendo em cruzamento da culinária pela literatura e dos muitos movimentos que cortam a escrita institucionalizada da função de uma coordenação. Dessa maneira, a coordenadora-pesquisadora enquanto pesquisa, resolve cozinhar algumas receitas; e enquanto cozinha, pesquisa.

O método não segue lógica planejada ou tem fim esperado, uma vez que parte da cartografia, na experiência viva e movente do campo de pesquisa (COSTA, 2020). Possibilita extravasar a pesquisa acadêmica, vivenciando as multiplicidades abertas às porosidades da tentativa inventiva. O cartoculinar, método próprio desta pesquisa, é aquele que a movimenta, faz-se na necessidade de que a coordenadora-pesquisadora faça política envolvendo o ato de escrita em sua escritura (BARTHES, 1974), ou seja, envolve aconte-

cimentos minúsculos, gestos do que se passam enquanto se respira pelos signos diversos do ato de escrever no fazer de uma coordenação.

O cartoculinar vai se delineando ao passo dos acontecimentos nas linhas pró-combate, com rastros da memória mobilizadora do desejo de estar como coordenadora-pesquisadora. A escrita dessa função de coordenação pedagógica inicia com flerte de afecções (no sentido amplo da palavra), apreciando a literatura, sentindo e experimentando a cozinha em memórias afetivas de tempos em que a coordenadora-pesquisadora morava em uma casa no povoado Praça, no litoral norte e agreste baiano¹⁰. Um esquecido povoado que fica a aproximadamente 8 quilômetros de estrada, que oscila entre muitos buracos de notáveis grandezas, avermelhado barro e amarronzada poeira (aquela que na pele se encrava e resiste desmedidamente aos refinados sabões), até o centro da ainda conhecida Barracão¹¹, hoje denominada cidade de Rio Real/BA. Uma fronteira cidade entre o estado de Sergipe, localizada a mais de 200 quilômetros de costumeiros buracos asfálticos da capital baiana, Salvador.

Logo atrás da casa de memórias do povoado Praça, há o rio Real. Só de o atravessar nadando, estamos no estado de Sergipe. Nessa casa de memórias, à tona vem a vontade

10. Nominção de identidade da região - um território de identidade, atualizado a partir da lei estadual nº 12.057/2011, que estabelece a revisão sistemática das divisas municipais no estado da Bahia. Até a então atualização, situava-se o povoado na microrregião do agreste de Alagoinhas.

11. A conhecida Barracão, evidenciada em *Crônicas do Barracão*, autoria do prof. Moacir Macêdo (2014), elucida a tão encravada e antiga, porém, vigente Barracão na vida contemporânea de um povo. As aspirações democráticas dos trabalhadores rurais, professores, donos de terra, empresários, entre outros, espriam em paradoxos pela libertação de padrões naturalizados nessa costumeira cidade.

da coordenadora-pesquisadora em ser coordenadora pedagógica, que se fazia intensa, talvez até pela inspiração no pai, professor por bastante tempo de muitos dos moradores desse lugar onde viviam. Nesse povoado, ele chegou a fazer doação de um pequeno terreno para a construção da escola pública (Escola Menino Jesus de Praga), por acreditar no fazer minúsculo para um diferente educar na sociedade. Consciente da importância da educação para a mudança social, ele milita também nas questões de âmbito socioeconômico e política junto aos trabalhadores rurais na instauração (entidade) sindical.

Apesar de desafiador, construir o espaço desta dissertação com tal elemento de memória afetiva e política parece que pode ser oferecido, naquela época e hoje, como um tipo de micromilitância social – uma resistência subjetiva que foi um diferencial no sonho de tantas crianças e famílias daquele lugar, e hoje se constitui como registro nesta dissertação.

É o cartoculinar que vai abrindo, pouco a pouco, o enclausuramento que adjetiva o sentimento da cartógrafa. O método inaugura possibilidades para pensar a escrita institucionalizada, dentro de seus meios prescritivos e inflados de tantos e tantos verbos imperativos e substantivos concretos, e atravessá-la por uma tentativa inventiva também em um texto de base prescritiva: a receita.

São a literatura jorgeamadense e a escrita barthesiana que fazem o texto partir a passos da clausura: acena, então, um alegre movimento de singularização, o qual permeia todo esse estudo em um micromovimento, o de mexer com a estrutura do texto institucionalizado e instrumentalizado em protocolos (BORGES, 2018) e operar um funcionamento outro para ele: o de possibilitar ver que a escrita é rio corrente, ver que

a escrita é muito Gabriela (AMADO, 2012)- mulher solta, que corre, dança, remexe, fala, grita e inventa na cozinha como e o que bem entende.

Itinerando nessas ideias e na tomada por forças afetivas da casa de memórias, o encontro com o livro *Afrodite, contos, receitas e outros afrodisíacos*¹², de Allende (2007), desperta o entrar em cena da culinária pelas memórias libidinosas da personagem, ratificando o quanto os sentidos estão imbricados nas experiências afetivas. O cheiro da escrita da culinária e o modo que faz o leitor portar-se à mesa sedutoramente é a inspiração que arrasta a cartógrafa a querer escrever linhas pela culinária. Vaza-se o quão inventivo e potente é pesquisar cozinhando ou cozinhar pesquisando. Mas, ainda falta algo, o baianês que segue nas veias... falta o calor baiano! Há potencial ainda para ser explorado nesse livro, afinal, ele atíça vontades. Por enquanto, ele fica rondando as escritas.

Eis o arrebatamento iniciado com flertes: a obra literária *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado (2012), instantaneamente atravessa a escrita desta dissertação. Amado (2012) nos apresenta à personagem homônima, símbolo da liberdade, da subversão, da sensualidade e da beleza, que tem uma cor de canela, perfume de cravo e, como dito pelo próprio autor, boca de pitanga. Uma mulher sem explicação! Com atrevimento à desobediência aos padrões sociais, desde quando decide deixar o sebento aglomerado de retirantes

12. *Afrodite, contos, receitas e outros afrodisíacos* é um livro de autoria de Isabel Allende (2007), que indico a todos que queiram se permitir, descobrir-se, acalorar-se e divertir-se pesquisando afrodisíacos.

onde vivia e se lançar a divagar fugindo da seca em vista de trabalhar, com uma trouxa entre a cabeça e braços, alegre e faceira, com risada nos olhos e na boca para uns e outros, ela vai desnudada de chinelo, mas com pés a deslizar pelo chão e cheia de vontade de cantar modas sertanejas, numa espécie de respirar a liberdade.

A desobediência vinda de Gabriela é o estopim para envolver a coordenadora-pesquisadora na escrita desta dissertação, a qual flerta com a subversão. É na obra de Amado (2012) que ela encontra as comidas¹³ para fazer microrreitas na pesquisa inventando outros sabores. Assim como em vias de fazer fluir o texto, abre suas próprias amarras para o combate à escrita dita "acadêmica", aquela que nos estabelece como marionetes de uma única maneira aceitável e científica de constituir textos, altamente pautada na normatização de corpos-letrados para sua posterior adaptação ao seletivo grupo de gêneros textuais, que atuam em prol do controle da manutenção do que se escreve e pesquisa.

Há, na proposta de escrita, banhada de Barthes (1974), um quê de sensibilidade, um toque um pouco mais artístico e menos impositivo com o vocabulário; a escrita proposta por esse viés não almeja falar "sobre" algo ou alguém, mas funciona criando espécies e novas línguas que acabam por traduzir a subjetividade de quem escreve.

13. As comidas referem-se a pratos feitos na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (2012), cujas respectivas receitas são manipuladas pela cartógrafa e abertas para que o leitor também as manipule, em especial nos acompanhamentos. São elas: acarajé de cobre, abará de prata e cusuz de milho, tendo o caruru, o molho de pimenta e o leite de coco como acompanhamentos.

Faíscas acendem ao encontro do livro *Frutas de Jorge Amado ou o livro de delícias de Fadul Abdala*¹⁴, escrito por Paloma Amado Costa (1997), filha de Jorge Amado. Um livro do tipo arquivo da culinária dos personagens do autor, em que as frutas são partículas fundantes para os pratos da região baiana. Uma força impulsionadora a experimentar de alguma forma a escrita da função de uma coordenação pedagógica com a suculência, a doçura, a maciez e, até a aspereza, o amargo, a dureza e o colorido dessas frutas.

Ainda, e com convencimento desejoso do cartoculinar, desponta outro livro da mesma autoria (COSTA, 2003), saber: *A comida baiana de Jorge Amado ou livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de Dona Flor*¹⁵. Também ao modo de arquivo da culinária jorgeamadense. Devorá-lo é um ato de escrita que se dá de imediato e que potencializa a força de um método que vai se fazendo nas curvas entre as literaturas culinárias.

Nessa esteira, as comidas encontradas na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012) transportam-se às supramencionadas obras, que funcionam aqui, como espécie de arquivo das invenções literárias do autor Jorge Amado. As receitas dessas comidas são manipuladas pela cartógrafa, especialmente em seus ingredientes bases, inventando sabores singulares na cozinha da casa de memórias, de modo que aparecem

14. As frutas de Jorge Amado ou o livro de delícias de Fadul Abdala é uma obra de autoria de Paloma Jorge Amado (1997). Reúne alguns trechos de obras de Jorge Amado em que são citadas as frutas e/ou culinária utilizando-as, bem como dados informativos a respeito delas.

15. *A comida baiana de Jorge Amado ou livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de Dona Flor*, de Paloma Jorge Amado (2003). O livro reúne quitutes e pratos presentes em obras do Jorge Amado, bem como algumas passagens dessas obras em que a comida aparece.

na cena desta pesquisa microrreceitas atravessadas pela escrita da função de uma coordenação pedagógica em sua face institucionalizada. Por isso esta escrita é imbricada a ingredientes tipicamente baianos - eles trazem força e beleza para a tentativa de subversão do texto.

O cacho de dendê, obra de arte que dá tantas variedades ao óleo de palma, quando em amadurecimento das suas frutas, é pintado em aquarela na fusão de tons do verde ao alaranjado. Compete-lhe fazer arte de nuances vivas em pratos que conferem à cozinha baiana uma riqueza de possibilidades singulares. Sabiamente segue em processo de amadurecimento para incessantemente inventar nuances.

O dendezeiro desce suas frutas em cachos de luxúria, numerosos deitados uns sobre os outros, abraçando-se em tons de verde-amarelo- alaranjado. Os frutos alinham-se um por um, lado a lado em uma convenção à espera de serem atiçados a feituuras díspares.

Pintado em aquarela de belezura fascinante, este e muitos cachos que se transformam em óleo de palma marcam um gosto e um colorido típico da culinária baiana. Entretanto, uma inquietação quanto à escassez anunciada desse óleo povoa o pensamento da coordenadora-pesquisadora. A matéria¹⁶ em um programa televisivo anuncia o possível desaparecimento desse ingrediente que é essencial na feitura do acarajé de cobre da culinária jorgeamadense e de tantos outros pratos baianos.

16. Matéria exibida em 23/08/2020 pelo programa Fantástico que refere à crise na produção do azeite no estado da Bahia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8798635/>



Pintado em aquarela

São muitos os obstáculos enfrentados acerca do plantio do dendezeiro, da colheita e da produção do azeite para dar fantasias às mesas baianas. A insuficiência ou a falta de políticas públicas para tal é mais um olhar desatento à luta do povo nordestino.

A inobservância da forma precária e perigosa de cultivar o dendê, com pouca segurança a escalar as altíssimas palmeiras para cortar o cacho, e ainda a forma tão arcaica de macerá-lo braçalmente em madeirados pilões para o preparo do azeite, acrescido da insuficiência ou falta de políticas para tal, são fortes intentos a vislumbrar o desaparecimento - a escassez das aquarelas em prateleiras e pratos baianos.

O método se volta para detalhes e imprecisões ínfimas. Funciona como um recorte necessário e possível de se abarcar em uma pesquisa, quer em torno de um objeto, quer de um acontecimento, quer de um campo investigativo. O saber de um método faz-se do traçar seus próprios contornos à medida que vai trilhando "seus próprios movimentos (que) constituem um saber, derivado da experimentação, do ensaio e da problematização do próprio pensar, do viver e do mundo" (CORAZZA, 2020, p. 15).

Diante disso, espregueia-se com Zordan e Souza (2020) o entendimento de que um método, mais do que uma escolha, é uma montagem. Um fio que vai se tecendo na medida em que a própria escrita acontece. O método age muito como um fio condutor da escrita, aquele que possibilita pensar em uma pesquisa acadêmica sem os moldes padronizados *made in templates* acadêmicos, e que, nem por isso, faz dela menos potente.

Pelo viés metodofista, pode-se ter como foco ler e escrever um texto instigante e anunciador com diferentes estilos, lançando-o à crítica e ao inventivo modo do leitor ler enquanto transcrevia

a escrita para sua questão investigativa (CORAZZA, 2020). Esse método acontece enquanto processo a ser inventado na investigação e na escrita de recortes como quem corta os ingredientes e os prepara.

O método aqui é entendido como a singularidade que não busca garantias analíticas ou sintéticas como no modelo matemático, nem regras da lógica formal, tampouco no conhecimento filosófico, por isso tamanha importância em falar dele, para que seja concebido e entendido como um processo. É a composição de ferramentas conceituais e imagéticas feitas por meio da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, entre a fruição acadêmica e a literária para desenrolar e mostrar os movimentos do que se passam na escrita de uma coordenação pedagógica (CORAZZA, 2020).

A singularidade posta em pauta neste texto passa pelo que Guattari e Rolnik (1986) denominam de processos de singularização. Em meio a uma cultura de massa que objetiva padronizar todos os tipos de produção em vias da manutenção dos modelos sociais, a singularização é a possibilidade de "recusar todos esses modelos de decodificação pré-estabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 17).

A produção da singularidade passa pela desvinculação de projetos de manutenção da dominação capitalista (social e política) e pela possibilidade de funcionamento de grupos minoritários - aqui, transpondo-se para a escrita da função de uma coordenação pedagógica. A micropolítica da coordenadora-pesquisadora é arremessada para o texto e se constitui, também, pela desobediência política à escrita institucionalizada pela legislação.

Parte da singularidade cartográfica a própria escolha dos

ingredientes culinários que circundam esse estudo e potencializam a escrita. Nesse processo, o azeite de dendê é um ingrediente que abre possíveis sabores para tantas receitas, aquele que faz com que os pratos principais brilhem mais, fiquem mais encorpados, tenham mais vazão.

O azeite de dendê é força e potencializa outros ingredientes para movimentar a possibilidade de uma escrita desobediente afastada dos padrões impostos no fazer de uma coordenação pedagógica, e até mesmo da vida acadêmica. A tentativa de escrever assim com prazer, afinal de contas, é um ato envolvente que jorra escrita singular.

A escrita é movimentada pelos afectos "que não são mais sentimentos [...], transbordam a força daqueles que são atravessados por eles" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 194). Os que sobrevoam esta pesquisa envolvem duas grandezas como partes ativas da feitura do método: a literatura e a culinária baiana com Jorge Amado (2012) em *Gabriela, Cravo e Canela* - a tentativa micropolítica de subverter uma escrita em estilo marcado pela instrumentalização de seus aparatos prescritivos.

Dito tudo isso, o método cartoculinar constitui-se como minoria, em que "muitos dos quais, no começo, nem sabiam ser nominados, mas, tão-somente, praticados" (CORAZZA, 2020, p. 13); move-se atravessado pela culinária na ação da escrita da função de uma coordenação pedagógica que tensiona forças distintas à medida que a coordenadora-pesquisadora acessa territórios de maneira sensível para estar no processo, na experiência, com sua subjetividade, afecções, sensações e tudo que a sua volta transcorre; e manipular receitas em ideias que, ao serem traduzidas, transcriam-se de forma não convencional, dando vazão à invenção de outras escritas - aquelas sujas, singulares. Logo,

o cartoculinar é um método inventado que tem como algumas de suas características: ser único, fluido e volátil.

Nesse ponto, é curioso o quão inevitável é - ao mobilizar afetos, afectos, sensações, sabores, aromas e regozijos - mover também as memórias. Para além disso, em tempos hodiernos e covidianos de relutâncias, assiste-se cada vez mais à razão e à subjetividade imbricando-se, quiçá, tornando-se somente uma coisa de um pensar e dilacerar faculdades da fantasia, da vontade em uma crescente margem de encontros e fazeres em áreas de conhecimento distintas, buscando novos fazeres, novas invenções.

Às vezes, inventar na itinerância desta pesquisa é fazer uma escrita de vontades, tomada pelo ato de pesquisar em que a leitura e a culinária tornam-se uma só coisa: a literatura. Há mobilização de memórias afetivas ao possibilitar uma escrita entre um real inventivo, um real legislador, um real acadêmico, um real literário, um real culinário - tudo em um tempo em que se viveu, vive-se agora e viver-se-á depois.

Como colecionadora em busca de preciosidades, a matutar a função de uma coordenação pedagógica arraigada no discurso da representação, tomada por verdades absolutas, tendo sua funcionalidade centrada na sinfonia administrativa das volumosas pilhas de formulários, relatórios, cadernetas, planejamentos, horários a serem infinitamente preenchidos, revisados, elaborados vezes e vezes... depara-se com um discurso apropriado ao apoderamento disseminado na funcionalidade pedagógica da coordenação, mas que fomenta, por vezes, um discurso justificador de fracassos educacionais.

É um fazer sem fim na burocracia da escrita instrumentalizada, porque ela faz com que muito do trabalho de uma coor-

denação esteja diretamente atrelado aos fazeres preenchedores de linhas e acumuladores de papel. Se não de papel físico, de incontáveis arquivos infinitamente armazenados em nuvens invisíveis.

A transformação pessoal e o fazer pedagógico marcam o quão complexo e esgotante é a tentativa da escrita quando se busca afastá-la da burocratização. Somente agora, claramente lançada ao caos, ao imprevisível, é que a coordenadora-pesquisadora abstém-se da bonança dos textos protocolares da coordenação, enroscando-se ao que já está constituído, naturalizado e a reivindicação à liberdade da tentativa inventiva de escrever.

Frente à manipulação do azeite de dendê em união a outros ingredientes, a fim de subverter o acarajé de cobre de Amado (2012), há, uma vontade em fazer um acarajé arrozeitonado na itinerância de uma escrita que vai se fazendo pelas beiradas e aberta às porosidades, é que as propostas culinárias pela literatura aparecem para questionar a feitura de uma escrita protocolar.

O cartoculinar é um método movente, aparece como vento; como uma leve ventania em meio à escrita que pausa para espalhar sobre a bancada ingredientes coloridos. Comida, quando feita no minúsculo de casa, nunca é igual; não se decalca em seu grau de existência; pode lembrar do aroma, da estética, do sabor, mas sempre haverá alguma linha, algum ponto que difere daquela receita universal.

Desse modo, o fazer da comida ocorre em vias micropolíticas, a partir de gotejamentos de possíveis que escapam à macropolítica das injunções dos ingredientes e do modo de fazer, afinal, cozinhar é uma movimentação de vida.



Cebola descamada

Borbulha o azeite de dendê esquentando dentro do tacho para fritar os acarajés; somente se pode fritá-los quando o azeite está bem quente; enquanto isso a câmara se arrisca para conseguir captar a cena: o azeite de dendê vai penetrando sutilmente pelas porosidades dos quitutes que entram levemente esbranquiçados no tacho e, pouco a pouco, como se, em transcrição, tornam-se levemente laranja-ouro-amarronzado.

É a pintura da crocância, de cor crepuscular em dia de temperatura branda, que é dada pelo azeite de dendê em sua densidade; por esse que também é denominado de óleo de palma, que dá vida para outros ingredientes culinários que se deixam pintar para ganhar vida e formar cenas de mesa farta e bocas satisfeitas. O cheiro dessa crocância atrevida abaianada vai espriando com o ar, em sabor de crocância arrozeitonada. Uma obra sendo pintada na cozinha ao passo que, gentilmente, vão sendo virados e nem sentem a quentura do fogo.

Essa crocância atrevida arrozeitonada, de arroz e azeite, lança também o aroma da cebola roxa e dos demais ingredientes à possibilidade de inventar e reinventar na própria escrita. A cebola descamada é um quadro já pintado quando cortada sobre a tábua marrom: abre-se em roxas camadas em degradê como finas camadas de roupa leve em dia que começa fresco e vai esquentando, como uma saia esvoaçante para dançar um samba de roda. Em verdade, talvez finas camadas como essas careçam ser descamadas na tão constante instrumentalização da funcionalidade de uma coordenação pedagógica.



Pintura da crocância



De saia esvoaçante e com bandeja pronta, Gabriela (AMADO, 2012), tão contente, sai para vender seus quitutes, senão que para espriar seu cheiro inebriante de pássaro fora da gaiola. Arrasta consigo não somente liberdade e paixão, e sim também ingredientes culinários que movimentam histórias e intensidades: o azeite de dendê, aquele que enche o tacho, grosso e pastoso, porém, de textura leve a convidativa que aquece no fogo à espera de encontro para pinturas fazer.

Gabriela (AMADO, 2012) não para em território de ninguém que não seja o seu. Não a cerceia o trabalho, a instituição do casamento, os olhares maldosos de quem diz que ela, afinal, é uma mulher sem boas maneiras. Escapa duplamente de destinos que a silenciam: primeiro, retirante, escapa de uma vida de trabalhos insalubres para adentrar ao restaurante do árabe Nacib; depois, já enamorada, escapa da instituição do casamento como pregam os cânones sociais, em que deve apenas servir ao marido, calar suas vontades e adequar-se ao modelo social imposto.

Assim ocorre nesta pesquisa, que quer escapar dos ditames acadêmicos, protocolares e institucionais movendo forças para em cartoculinância pensar sobre a educação e fazer uma desobediente escrita da culinária pela literatura.

A culinária tem força, quando a manipulação, o preparo da comida passa no minúsculo transgressor das nossas mãos! Isso não ocorre quando feita pelas vias das largas produções, escalas seriadas no universo do decalque - universo no qual se tenta aqui manter longe da cozinha, uma vez que essa escrita milita pelo ato de cartoculinar,

entrando na aventura da tentativa.

No que concerne à transgressão, eis o momento de transgredir aos famosos acarajés de cobre para chegar ao acarajé arrozotonado. Esmiuçá-lo, prepará-lo, manipulá-lo e degustá-lo é a própria potência da tentativa. Pode-se até fazer um acarajé de grãos-de-bico, ao usá-los como substitutos dos preciosos grãos elegantes de cor nude do feijão-fradinho. Mas, por ora, decide-se transgredir o acarajé de cobre manipulando-o para jorrar uma microrreceita pelo escorrimento do azeite de dendê com arroz na tentativa inventiva de fazer um acarajé arrozotonado.

Essa escrita milita em resistir inventando pelo ato de cartoculinar, aventurando-se na constante tentativa de crocância atrevida, no balanço da fritura do acarajé arrozotonado que vai pegando cor no borbulho do azeite de dendê. Esse acarajé arrozotonado é de uma crocância e de uma leveza estonteante! Seu aroma, os vizinhos que o digam! Esse é atrevido porque subverte-se ao acarajé de cobre e é a versão cartoculinada da riqueza acobreada bem baiana! O acarajé arrozotonado vai sendo feito seriando. As prescrições necessárias são:

* Acarajé * arrozeitonado

- lavar todo o arroz;
- pôr o arroz de molho n'água quente por 1h, em seguida, escoá-lo e macerá-lo em processador;
- ralar 300g de cebola;
- colocar a massa de arroz num refratário e misturar o sal, o ovo, a farinha de trigo e a cebola ralada, batendo tudo com uma colher de pau até que esteja incorporado;
- numa frigideira, colocar azeite de dendê de modo que cubra parte do acarajé durante a fritura, esperar aquecer o azeite de dendê e acrescentar um alho inteiro para o processo de fritura;
- moldar os acarajés utilizando duas colheres de pau;
- aquecido o azeite de dendê, acrescentar os acarajés moldados. Quando um lado estiver frito, virar para fritar o outro;
- servir inteiro acompanhado com salada, camarão ou com outro complemento que desejar.

Sabendo de tudo que se deve fazer e programando a cozinha para tal festa, vai-se atrás da lista de ingredientes:

- 1/2 kg de arroz;
- 200 g de cebola roxa;
- 1 xícara de farinha de trigo com fermento
- 1 alho com casca;
- 1 ovo;
- sal a gosto;
- azeite de dendê para a fritura.

Fonte: Autora (2022).



Crocância atrevida

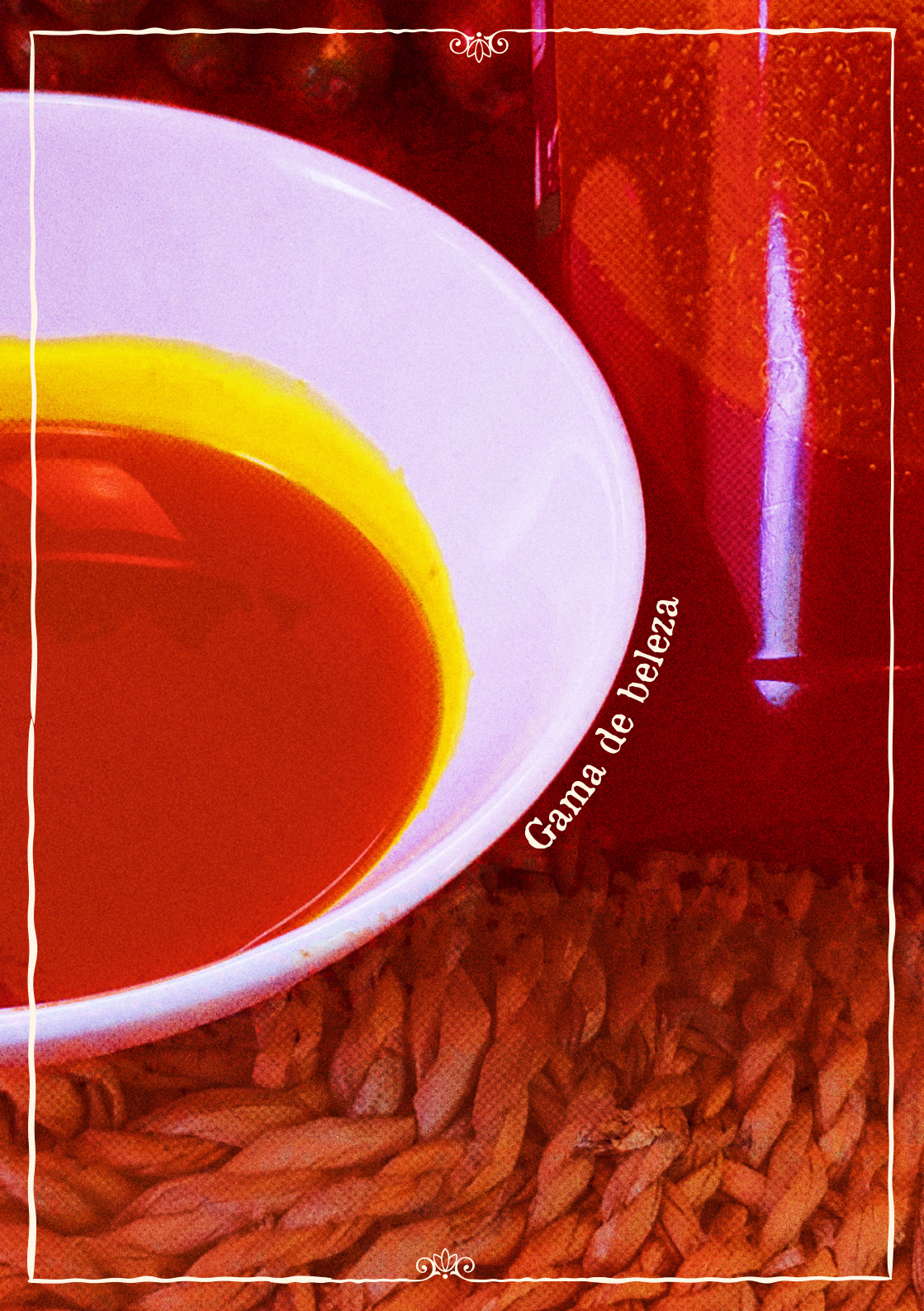


Sobrevoar nas minúcias pressupõe uma etapa notável nesse método: a inserção das fotografias como parte do ato de cartoculinar. Sobre isso, Barthes (1984, p. 68) expõe que "basta a sua presença para mudar" a leitura, de tal modo elas adentram ao método para sobrevoos de escrita no entrecruzamento de vidas, ora inventadas, ora vividas e ora não vividas, apenas ressoadas nos movimentos de escrita.

A fotografia, elemento do compositório desta dissertação e parte ativa do método, arreperia as vontades que vêm em fetiche ao olhar: sobre a bancada, um vidro de azeite exalando cheiro - frasco singelo de plástico, de onde brilha um líquido de cor de crepúsculo a se misturar com o vermelho cóbreo e o amarelo alaranjado; e uma cumbuca porcelanar com azeite de dendê não são meras imagens planas, eis que passam por um processo que envolve sobrevoos na realidade de fazer-se pungir por uma gama de beleza quase no fundo por entre o vaso e a cumbuca. São eles, os olhos degradês em gama de beleza crepuscular, que fazem boniteza em nuances intensas quando o óleo é pouco aquecido. É quase como uma máquina com fita pouco gasta e os dedos a inventar escritas.

Assim escorre esta escrita com Barthes (1974; 1984). Um escritor que envolve pela inteligência e sensualidade do ler-escrever, também pela arte fotográfica, abrindo brechas para a provocação em que a coordenadora-pesquisadora ao manipular as receitas, captura processos pela fotografia, como advento dela mesma estando dentro das experiências, numa "dissociação astuciosa" (BARTHES, 1984, p. 25).

As capturas dançam na feitura do processo de escrita. As fotografias dão sobrevoos imagéticos que fazem parte do estilo de escrita e do texto acadêmico. Atuam como ponto sensível a invenção, são criadoras de realidades. As fotografias passam a ser exploradas a partir de duas linguagens: a expressiva, ou seja, o sujeito olhado; e a crítica, isto é, o sujeito que olha.



Gama de beleza

Do capturar até o consumir a imagem da fotografia no manipular das receitas, a coordenadora-pesquisadora enquanto pesquisa e cozinha, movimenta práticas distintas: opera a captura da imagem fotografando os pratos, os ingredientes, os distintos espaços onde se passam os minúsculos. A coordenadora-pesquisadora, nessa tarefa, é o *operator*, a fotógrafa que a foto tira, por assim dizer; nessa capturação, há o suportado da imagem, aquele que foi fotografado, ou seja, o referente, o *spectrum*, uma espécie de referenciação da fotografia (BARTHES, 1984).

No ato de fotografar, a coordenadora-pesquisadora permite-se deixar na subjetividade que a toca e as intenções da pesquisa; esse referente, pois, passa a ser olhado, consumido em sua imagem, sendo então o *spectator*, quem vai entrecortar toda a escrita. Como *spectator*, algumas fotografias atraem; é esse espírito de atração que interessa a fotografia. Paira o desejo de penetrá-la como acaso, por senti-la, notá-la, vê-la e pensá-la. De uma forma direta, o *spectator* é também a coordenadora-pesquisadora; e você, leitor, quem fitam e consomem a imagem (BARTHES, 1984).

Em verdade, a coordenadora-pesquisadora, enquanto *spectator*, tem duas formas distintas de olhar este referente, independentemente de estarem juntas ou não: pelo *studium* e pelo *punctum*.

Assim, como *punctum*, seu olhar é para "fotografia por sentimento, a fim de [...]aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida" (BARTHES, 1984, p. 39). Esse olhar, enquanto pensante momento singular de uma experiência cartográfica, conserva a fissura e o corte ao referente e traz à fotografia uma força própria que a autoriza à poética, arras-

tando numa linguagem crítica uma escrita sensorial, emotiva, algumas vezes olfativa e gustativa. O *punctum* parte da cena como flecha, corta, é o buraco, o acaso que pica, mortifica e fere. Se lança ao acaso, à escrita dos sentidos. Aqui, interessa tratar da fotografia não no campo técnico operacional, mas no íntimo, como ínfimo furo sensível à invenção (BARTHES, 1984).

Como *studium* desperta interesse por testemunhos políticos, se lança ao gosto da vastidão. É o saber e a polidez, o estudo, o campo da ordem vasta do desejo sobre os elementos da fotografia. Aquilo que faz enxergar na fotografia a partir da carga histórico-cultural. Pelo *studium*, o olhar para a fotografia suscita, assim como em Barthes (1984, p. 47), "apenas um interesse geral [...], o campo muito vasto do desejo [...] do gosto inconsequente: gosto/não gosto" numa linguagem expressiva.

É o mesmo olhar que acontece em *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012), quando Mundinho Falcão na tentativa de mudar os velhos métodos político-culturais, busca trazer novas perspectivas à região cacauceira, entre as quais remediar o porto "Barra de Ilhéus", para manter o novo canal aberto à navegação da exportação dos cocos de cacau, fluindo o desenvolvimento socioeconômico. Isso escoa um problema insolúvel, que aparentemente não tem jeito, vez que o então governador boicota o processo de reforma, dificultando a vinda do Dr. Rômulo Vieira, engenheiro responsável do Ministério da Viação. Felizmente, o personagem Mundinho Falcão consegue manipular a situação, e o então, quase sobrenatural engenheiro, chega às terras cacauceiras; depois de muita luta e para registrar esse momento, precisa da fotografia, pois ela exprime a verdade, um acontecimento histórico.

Eis que, o fotógrafo Clóvis (AMADO, 2012), personagem que reúne um grupo e no centro o engenheiro, coloca sua cabeça sob o pano preto, e depois de meia hora para bater a foto, vê-se que a fotografia não é operada, porque a chapa está queimada, quem sabe pela falta de experiência fora do "formatado" estúdio fotográfico. O interesse mesmo é que todos olhem essa fotografia pela vastidão histórica com olhar histórico-social, um olhar pelo *studium*, objetivo em sua pragmática.

Talvez, se a câmera fotográfica de Clóvis (AMADO, 2012) não fosse digital seria mais fácil. A câmera utilizada nesta pesquisa pela coordenadora-pesquisadora poderia ser digital ou até mesmo a do celular. Quem sabe a qualidade, a luz e o tratamento das fotografias fossem diferentes. A utilizada para a feitura de cenas de realidade junto a Barthes (1984) é manual e tem rolo de filme com 24 poses, por isso exige que as fotografias sejam tratadas com efeito de edição, repleção de cor e luz em virtude das minúcias no cartoculinar.

A câmera analógica é um desafio para quem se acostumou a ser digital: usá-la não é fácil, porque olhar pelo buraco da lente, através dos óculos de grau faz sentir dificuldade em enxergar, de fato, a cena toda. Então, há um pouco de surpresa quando se revela o filme: um detalhe que não tinha percebido ao tirar a foto, a distorção de uma cor que parecia mais clara ou mais escura, o ângulo que ficou mais alto ou baixo do que o operado. Todo o processo de fotografar tem sido uma escritura barthesiana (1974, 1984) que enche de vontade de flertar por imagens, de fotografar com os olhos para congelar uma realidade que depois é dissecada, depurada em palavras que a fazem dona de movimentos, de cores, de cheiros arrojados, coqueirados e apimentados vindos da cozinha, saídos

da rua e descolados da dureza dos protocolos de organização.

Acontece esse flerte, por assim dizer, esse vazamento de possibilidades em preparação culinária ou prato pronto, exalando fumaça enquanto a saliva brota na boca de quem o vê; em passeio pela feira, carregando sacola de palha e procurando ingredientes, tocando as frutas, colocando a mão dentro dos sacos de arroz e de feijão-fradinho só para sentir sua crocância crua; em leitura ao rabiscar em páginas de livros, traçar linhas e escrever em pedaços de papel rodeada de livros. Inunda a vontade de fotografar quando na tentativa de singularizar os processos antes estáticos da fotografia e, em meio ao *punctum*, escorrendo o vazamento de possibilidades.

A fotografia adentra ao método cartoculinar como potência também textual, dado que as imagens dão força à escrita e são elas mesmas textos a serem lidos. A potência do *punctum* acontece na medida em que ele faz um retalho, um corte do que é, às vezes, invisível na fotografia.

O encontro que acontece na cozinha com os autores ainda ressoa nos ouvidos... e como se em uma maneira de refinar, requintar o entendimento sobre a fotografia, Barthes (1984) profere-a como ingrediente inclassificável ou que reproduz o infinito. O que define o fundamento da imagem fotográfica é a pose, no entanto, é entendida aqui não como técnica do operador, nem somente como ato do alvo, e, sim, especialmente como intenção de leitura. O mergulho na fotografia, aos poucos permite ao autor (1984) situar o que norteia seu olhar semiótico sobre a imagem, o *punctum*. Ele advém da própria imagem, tornando-a transparente à vista. Refere-se a algo que cala e fascina o corpo.



Vazamento de possibilidades



Algumas vezes, as fotografias saltam aos olhos em proximidade dos ingredientes crus ou cozidos, expondo seus corpos sem pudor e marcando conjuntos coloridos de partes culinárias na lindeza de seu ser. Noutras, as fotografias aparecem no acaso do vagar, na rua, na mesa do café da manhã, na visão das pessoas levando suas vidas ao sabor dos dias e do tempo.

É o campo do patinar sobre o território cego da imagem. O corpo reage ao detalhe, àquilo que lhe é apresentado. A fotografia dá verdade, com a condição de retalhar o corpo. Nesse espírito, elas são feitas durante a pesquisa como parte das produções de sentidos, na medida em que são cenas da manipulação dos ingredientes culinários e dos espaços captados pela subjetividade da coordenadora-pesquisadora em seu movimento de pesquisa e, por isso, o *studium* e o *punctum* se encontram, sendo componentes da composição da escrita do método cartoculinar.

Notadamente, se, por um lado, a coordenadora-pesquisadora olha as fotografias pela vastidão objetiva, por outro, também as olha, nota e pensa pela subjetividade íntima. Desse modo, considera-se que a fotografia se torna a potência para as receitas culinárias dando vazão à possibilidade de um fazer texto que transmita gosto, aroma, textura, calor, cheiro da culinária baiana em pitadas de sensível traço literário.

DISPARA A ESCREVER



É por essa crescente margem de encontros e inventivos fazeres distintos que se provoca um momento para experienciar a verdade instituída no discurso do conhecimento naturalizado de uma coordenação pedagógica, necessitando transformá-lo em potência questionadora.

Para este texto, a escritura barthesiana (1974) provoca a inventar novas composições ao produzir sentidos junto a Guattari (1987) e Amado (2012), dando escoamento a uma escrita autoral, que tenta se esquivar da convencional escrita prescritiva.

Tecer, escrever, tramar corpo e mente em esgotamento, que se subvertem à dominação, às normatizações que engessam, enquadram... dispara uma escrita com a culinária pela literatura para movimentação de aliança educação-vida por vias micropolíticas que levem à possibilidade inventiva de escritas em meio as questões das instituições que estão em constante fluir por mais estagnadas que possam parecer.

Um entrelaçar de corpos, forças, sociedade, instituições regulamentadoras, subjetividade... de Barthes (1974;1984), Guattari (1987) e Amado (2012) é preciso! Para cartoculinar e possibilitar escritas sujas que possam provocar acionamento nas escritas da função de outras coordenações pedagógicas.

Todavia, não se busca aqui tratar a comida em sua

inteireza, mas trazê-la nos elos que despontam o prazer de inspirar, de sobressaltar escrita. O azeite de dendê, aqui, é potência disparadora do acarajé e acentua a marcação do seu sabor adocicado e do aroma intenso característico.

Ao derramar suavemente uma gota de azeite na ponta do dedo indicador, há uma tensão em encostar a língua nele para sentir seu gosto *in natura*, sem a interferência do fogo ou a união ao sabor de outros ingredientes. Pinçar a língua em chiste até encontrá-lo, grosso e encorpado, ao formar um pingo arredondado e modelado no dedo, pode fazer sentir uma oleosidade de fundo doce que preenche o céu da boca e ali se deposita em pequenas camadas que insistem em não serem diluídas pela saliva.

As mãos manipulantes que sentem a gota do azeite escorrido por entre os vãos dos dedos são as mesmas que querem manipular uma escrita mais fluida, mais solta, mais cartoculinada.

Na despensa da cozinha, a prateleira baiana com ingredientes típicos da cozinha local lembra um canto pequeno da quitanda que fica logo ali na esquina, com os ingredientes de força dessa cozinha saborosa e densa. Os azeites de dendê na prateleira, de variados tamanhos e intensidades, oscilam entre um alaranjado cóbreo e um vermelho escarlate.

A preparação do acarajé exige ao menos 1 litro de azeite de dendê bem quente, o que requer ao menos duas garrafas da segunda prateleira. Os cocos descansam suaves em suas roupas cabeludas, marcando a antítese entre a delicadeza e a insurgência.



Prateleira baiana



Focalizar aspectos provocativos que se entrelaçam na escrita da função de uma coordenação pedagógica e associá-los aos prazeres de saborear com os sentidos que a vida humana dispõe pode potencializar inventivamente a escrita dessa coordenação.

Aspira-se que a escrita dessa coordenação pedagógica possa agir como fio condutor da "própria vida", que toca e atravessa verdades, violentando-se sem ter certeza de chegada; experimentando a tentativa, mirando saltar voos em meio a movimentos de escrita rígidos e maleáveis. Com efeito a esses movimentos, Guattari e Rolnik (1986, p. 138) chamam de movimentos de linhas inflexíveis os que operam regulando e legitimando a manutenção da ordem, enquanto os movimentos de linhas flexíveis vazam entre brechas numa fuga muitas vezes invisíveis.

Há, nesses movimentos forças distintas e não binárias, de modo que na escrita da função de uma coordenação não cabe pautar uns pelos outros, mas de agir em oscilatório movimento de força expressando-se pela singularidade.

Nesses primeiros movimentos, a escrita da função de uma coordenação pedagógica é instituída, instrumentalizada e universalizada pelos protocolos de organização e legislação; nos segundos movimentos, eis o escorrimento de gotículas de micromilitância pelo cartoculinar que vem pela manipulação em via de atravessamento a mesma escrita ortodoxa.

Acontece um sobrevoos em meio ao qual se busca escrever vontades que partem da existência dos processos da vida,

intuídas pelo entrelaçar das relações macropolíticas e micropolíticas (GUATTARI, 1987), e por acreditar que o pensamento traz escrita vivida, degustada, sentida e imaginada. Há, uma convicção de que a escrita da função de uma coordenação pedagógica deve patinar na superfície, no acaso, em possibilidades inventivas, a fim de dar vazão às escritas.

Com isso, espera-se que pares e demais profissionais da educação atirem-se ao improvável, esquivem-se da verdade única que mitiga o pensamento, problematizando o fazer educacional decalcado e desbotado ao cair na fantasia da inventividade. Urge bombeamento da escrita da função de uma coordenação pedagógica tão somente mecanizada e reprodutora dos modos de escrita protocolares a partir de questionamentos dos seus próprios movimentos de forças dominantes.

São fortes o desejo e a fome de degustar manipulações culinárias, ao fluir o aroma pela casa de memórias. E junto, o inspirar cada vez mais vibrátil desta escrita mexida de realidade = fantasia = fotografia = *studium* e *punctum* = escrita = tentativa inventiva. A cozinha é o espaço de forças nesta escrita, que, pela subversão, manipulação e ousadia, consegue fazer possível a tentativa inventiva com a mistura de ingredientes, sabores e aromas em uma luxúria contrastante.

A top-down view of a glass dish containing a vibrant red sauce. The dish is surrounded by a generous amount of green okra (ladyfinger) and cashew nuts. The okra is cut into small, cylindrical pieces, some showing the internal seeds. The cashew nuts are whole and appear to be roasted or fried. The entire scene is framed by a white border with decorative flourishes at the top and bottom center.

Luxúria contrastante

O cartoculinar, como método, transborda a cozinha da coordenadora-pesquisadora e adentra a cozinha do leitor para que, no processo de leitura do texto em ato contínuo, ele possa ler enquanto cozinha e quiçá aventurar-se em escritas que carreguem uma luxúria contrastante, abrindo microespaços como esses dos quiabos, em túneis de sementes que se fazem um diferente do outro, cada qual em sua microrrealidade singular de funcionamento da natureza, bem como as microrrealidades de funcionalidades das coordenações pedagógicas.

Por ora, o convite vai a você, para cartoculinar com um dos acompanhamentos mais famosos e regionais do acarajé: o caruru, esse creme à base de quiabo, castanha, amendoim e azeite de dendê - um aromático, aveludado e de gosto marcante quitute. Seguindo as prescrições necessárias e os ingredientes, é possível perceber uma textura forte e, ao mesmo tempo, suave. Esse caruru pode ser servido num final de semana de visita ou de reunião familiar acompanhado de acarajés fritos calmamente em fogo brando. Em verdade é uma porção aveludada de força e delicadeza que enche de alegria a boca cheia.

É uma porção aveludada, especialmente por levar em seu preparo uma xícara cheia de azeite de dendê - generosa, quase indo por cima; é a dona da maciez da mistura que rouba um pouco da cor do azeite de dendê, assumindo um tom alaranjado que convida à mistura. É de lagrimar frente aos possíveis de sair do esperado e tentar outros fazeres com o cartoculinar.

Lá vai a tentação da receita:

—* Caruru *—

- lavar os quiabos, deixá-los escorrer e secá-los bem antes de cortá-los, para evitar a baba;
- cortar cada quiabo em quatro partes, no sentido do comprimento e cortá-los em rodela;
- bater as cebolas no liquidificador;
- numa panela, colocar azeite de dendê para aquecer e refogar nele as cebolas e o quiabo cortados;
- bater a metade do camarão seco no liquidificador;
- quando o quiabo já estiver começando a amolecer, juntar o camarão seco que foi batido e a outra metade dos camarões secos inteiros;
- bater no liquidificador o amendoim e a castanha-de-caju com meio copo de água e juntar também ao refogado;
- temperar com sal, mexendo sempre;
- estará pronto quando mudar de cor, engrossar um pouco e o cheiro começar a inundar a cozinha.

A lista pode facilmente ser encontrada em um mercadinho de esquina bem baiano ou em uma feira logo pela manhã:

- 100 quiabos;
- 5 grandes cebolas;
- sal a gosto;
- 50g gengibre ralado;
- 250g de castanha-de-caju;
- 250g de amendoim;
- 300g de camarão seco;
- 1 xícara de azeite de dendê.



Porção aveludada







PELAS PIMENTAS



SEGUNDA PARTE

ALEGRIAS & TRISTEZAS
DE UMA FILHA DO POVO NAS RUAS DE ILHÉUS,
DA COZINHA AO ALTAR

(ALIAS ALTAR NÃO HOUE DEVIDO A COMPLICAÇÕES RELIGIOSAS),
QUANDO CORRIA FARTO O DINHEIRO

&
TRANSFORMAVA-SE A VIDA

COM
CASAMENTOS & DESCASAMENTOS,
SUSPIROS DE AMOR & UIVOS DE CIÚME,
TRAIÇÕES POLÍTICAS & CONFERÊNCIAS LITERÁRIAS,
ATENTADOS, FUGAS, JORNAIS EM CHAMAS, LUTA ELEITORAL

&
O FIM DA SOLIDÃO,
CAPOEIRISTAS & *CHEF DE CUISINE*,
CALOR & FESTAS DE FIM DE ANO,
TERNO DE PASTORINHAS & CIRCO MAMBEMBE,
QUERMESSE & ESCAFANDRISTAS,
MULHERES DESEMBARCANDO A CADA NAVIO,
JAGUNÇOS NOS ÚLTIMOS TIROS,

COM
OS GRANDES CARGUEIROS NO PORTO & A LEI DERROTADA,

COM
UMA FLOR & UMA ESTRELA

OU

GABRIELA, CRAVO E CANELA

ASPIRA



Pelo provocante aroma e picante sabor das pimentas é que, numa manhã veranil banhada pelo sol quente do nordeste brasileiro - em clima seco, muito calor, a bela paisagem, ora verde, ora seca que aflora inspirações, sensações, expressões... dá-se início ao segundo capítulo desta pesquisa, o qual tensiona a escrita institucionalizante da função de uma coordenação em meio à culinária pela literatura jorgeamadense, cartografando em cartoculinância as alegrias e as tristezas de uma filha da escrita naturalizada da coordenação pedagógica, que transita nos encontros da possibilidade à escritura atravessada pela culinária, transcriando o texto em desobediência.

É uma admirável enumeração que povoa esse capítulo, escrevendo com legislação, protocolos, atribuições da função de uma coordenação pedagógica alinhada aos deveres políticos. Vontade de subverter e fazer sinestesia de ações na cozinha. Traições literárias em receitas e compilações burocráticas que se misturam aos artigos, aos incisos e aos parágrafos...tateando por entre forças padronizadas e capitalistas, segue propondo e cozinhando entre encontros numa escrita escorrida a cada página.

É um ar de desobediência que paira na cozinha pela janela, com mistura cheirando pimentas e sua manipulação com afetos, afecções, aventuras com a família, e

rabiscando, circulando, marcando as palavras e frases em Gabriela, cravo e canela - segunda parte, indica rastros na página 135 da literatura jorgeamadense que ecoam como encontros: a transformação, a cozinha, a lei em problematização - são prenúncios de escrita de uma coordenação pedagógica que faz resistência ao naturalizado, em vias de questionar a sua função de escrita instrumentalizada e regida pelos protocolos de organização (BORGES, 2018).

Nesse texto que vai se desenrolando na cozinha, com a desmedida força dominante de padrões estabelecidos pela sociedade capitalista, aspira-se faiscar minúsculos detalhes na instrumentalizada escrita de uma coordenação pedagógica, denunciando tal escrita protocolada e afirmando o texto como político na fluidez da culinária pela literatura.

Para tanto, urge a tentativa de bambear a sinfonia administrativa instrumentalizadora da escrita legitimada pela legislação hodierna dessa coordenação, em especial a lei municipal nº 1.375/10, na perspectiva de experiência na função (LAURO DE FREITAS, 2010). Atesta Guattari (1987) que quando se fala em macropolítica, trata-se de questões legais, institucionais, normativas. Então, neste momento do texto, tensiona-se a escrita da função de uma coordenação a partir da macropolítica da legislação em meio à culinária jorgeamadense.

Uma culinária pelos movimentos das pimentas possibilita um degustar picante e provocante. É esse movimento de fazer e pesquisar que instiga a pensar que o naturalizado da escrita de uma coordenação precisa também ser

provocado e tensionado. Afinal, o movimento da escrita no funcionamento de uma coordenação, tão engessado por prescrições, ordens e demandas, é aqui, de certo modo, questionado em face de suas possibilidades outras - as quais são arrastadas na culinária pela literatura.

Assim, tomam-se os movimentos entre a cozinha e toda a extensão da casa em estado insolvente do nordeste baiano. Quer-se desnudar a aspiração, o estranhamento, a oportunidade e o que naturalizado está na escrita da função de uma coordenação pedagógica.

Uma escrita que se lança ao acaso, "além daquilo que ela dá a ver: não somente para 'o resto' da nudez, não somente para o fantasma de uma prática, mas para a excelência absoluta de um ser, alma e corpo intrincados" (BARTHES, 1984, p. 89) se convoca ao estranhamento e à subversão em um lugar assistido com timidez pelas políticas públicas.

Que não aceita e resiste ao pouco efeito das leituras e razões estéticas predominadas nesse lugar que, por vezes, se ocupa nas atenções aos acontecimentos costumeiros dos dramas populares enquanto subitamente a violência impera pelo derramamento de sangue ecoado de armas brancas e de fogo, talvez pelas ausências de perspectivas socioeducacionais e intensas lutas por conquistas de poder e riqueza via leis próprias que codificadas apenas estão na consciência dos senhores; pelo exaustivo suor no labor braçal de uma vida dura e sofrida; pela dominação capitalista e cafetinista, enquanto flui vertiginosamente o semblante transformador desse lugar simples, mas vagarosamente dissipam os costumeiros dramas das

minorias, assim como quase sempre acontece nas sociedades.

É um lugar tipicamente seco, desprovido de confortos. Lá florescem folhas, flores desabrocham ao largo da casa e água boa aparece ao cair das poucas chuvas que aromatizam o ar e modificam a paisagem no movimento translacional.

Lugar de memórias afetivas, que têm as marcas de uma infância com a grande e florida árvore defronte a casa, a colheita das variadas pimentas, dos milhos que até se transformam em bonecas pela diversidade de seus cabelos com adereços de flores dos cactos, dos limoeiros que excedem a culinária, das palmeiras que dão cocos de água e de licuris, da casa de fazer farinha como extensão própria da casa de memórias em que o descascar mandiocas de tamanhos grandes e pequenos se confunde entre o brincar-trabalhar, do movimento dos animais ao raiar do dia acompanhado do aroma do café torrado e pilado ao pilão, das brincadeiras de pega-pedra na varanda e das tantas rodas de contação de histórias. Desse pedaço de terra, brota o sustento para a sobrevivência da família.

A casa de memórias é um espaço de movimentação afetiva que dança também na escrita deste texto: são elas, as memórias, alguns dos temperos das receitas.

Ainda hoje esse lugar é espaço de reunião familiar nos tantos feriados e é onde se manipula a culinária para esta pesquisa, levando a aspirar um acionamento no funcionamento do território, de forma a dar partida a outras realidades.



Casa de memórias



Esse território da casa de memórias marca também o deslocamento de um corpo de coordenação pedagógica em formação, que parte de um pequeno povoado da cidade fronteira rasgada pelo rio Real para a região metropolitana da capital baiana, a fim de exercer enquanto profissão a função de uma coordenação pedagógica. Desse modo, a escrita dessa função é instituinte no corpo de uma mulher nordestina inspirada pela atmosfera literária jorgeamadense que, assim como muitos retirantes, precisa escapar da seca, das dificuldades, migrando em busca de uma vida melhor, passando a acompanhar o crescimento de cidades pela riqueza do capital através da própria energia vital e de tantos outros trabalhadores no processo de modernização que, aos poucos, para trás deixa, o lugar quase faroeste de coronéis onde vivia.

Em sua partida para Ilhéus, Gabriela (AMADO, 2012) vê a oportunidade de uma nova vida a começar pela "inóspita caatinga que [cede] lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos" (AMADO, 2012, p. 75) na marcha às terras cacaeiras onde faz poesias culinárias na cozinha do árabe Nacib. E segue no combate à reinante hipocrisia social, resistindo às imposições de tradições e comportamento impostos pelo poder do status em Ilhéus. Sua chegada marca uma virada na vida não só de Nacib, mas de todos que direta ou indiretamente passam a conviver com os movimentos subversivos da então cozinheira.

Assim como Gabriela (AMADO, 2012), a coordenadora-pesquisadora em movimento segue combatendo as escritas instituídas na função de uma coordenação e traçando, quiçá, linhas para que, mesmo timidamente, o lugar em que pouca chuva cai para aromatizar seu ar possa repensar costumes.

Escreve também por mulheres que reivindicuem com mais força seu papel na sociedade patriarcal, que desafiem o modelo de conduta imposto de "mulher de bem", aquele que somente serve ao casamento e satisfaz as normas sociais.

Escreve na função de um instituto atravessado por discursos variados, que se intercalam entre premissas tradicionais de heranças escolásticas e tecnicistas, tendências idealistas e toda pedagogia do escolanovismo que permeia educação contemporânea (ZORDAN, 2007). Obviamente, essa escrita da função de uma coordenação pedagógica brota de forças canônicas grifadas pela submissão e guiadas para a reverência, para as práticas e para os mecanismos modelares. Um instituto materializado no serviço que outrora já lhe incumbiu inspecionar, controlar, administrar, treinar e supervisionar em folhas desbotadas.

Um serviço que nasce do desenho da demanda ordenada da sociedade moderna, pré-industrializada, altamente disciplinar, no tempo em que ideias enciclopedistas autenticam o conhecimento universal, e a escola leiga concebe-se rente à proliferação de prisões, quartéis, sanatórios e hospitais para preparar o povo à serventia do progresso junto aos ideais governistas dos estados modernos (ZORDAN, 2007).

Pensar a escrita da função de uma coordenação pedagógica leva a fazer gancho com uma realidade dotada de prescrições, calcada necessariamente na ordem, na norma e no fazer institucionalizado. Aquela receita de que não se pode fugir da lista de ingredientes, senão, a princípio, desanda. Assim, constitui-se a função da coordenação pedagógica, no declinar da hegemônica didática tradicional, cedendo espaço a aspirações escolanovistas na reconstrução do ensino assentado

no ideário científico da ciência e da tecnologia como pontes para eficácia educacional.

A coordenação pedagógica faz-se com preliminares registros entre as décadas de 50 e 60 como função controladora-executora escolar calcada na ideologia econômica e sociopolítica. Durante os anos 60 a 80, passa de modelo supervisor-controlador-técnico ao supervisor-funcionalista, com a redemocratização política e intensos movimentos da sociedade civil. Percebe-se, nos anos 90, na função supervisora, uma adversão ao tecnicismo, a função democrática - que chega aos anos 2000 como concepção de coordenação se inserindo como função nos fundamentos e processos pedagógicos ao promover práticas coletivas (RAMOS, 2002).

Com Zordan (2007, p. 179), diz-se que é nesses tempos "pós estruturalistas, desconstrutivos, sincréticos. [...] que a educação mais se questiona do que afirma suas funções que somos convocados a problematizar o papel e lugar" da escrita de uma coordenação pedagógica. Procura-se, aqui, tensionar os textos desse emaranhado lugar revestidos por parâmetros legais, que têm como papel promotor práticas coletivas não desbotadas, mas que ainda se obrigam a uma função esverdeada presa nos antecedentes anos 2000, por assim dizer, uma função burocrática.

Essa funcionalidade de escrita traz forte marca da macrorredemocratização política pela proliferação de movimentos consolidados na Constituinte de 1988. Portanto, é sobre a função de escrita da coordenação pedagógica legitimada em preceitos legais vigentes que se requer matutar as práticas escritas.

Tratar a partir de agora de tantos textos de legislação

faz convidar a fitar a pimenteira quase detrás da casa de memórias, com belas pimentas de aroma e forma única para uma típica culinária. As pimentas despertam pensar na escrita da função de uma coordenação como terreno de picância ardida, aquela que se sente na garganta e vai subindo até chegar no nariz e fazer fechar os olhos em suspiro de queimação.

Há de se procurar, nesta escrita, também as possibilidades para uma coordenação pedagógica que tensione sua ardência gentil, em suas cores chamativas e formas que desafiam a natureza com curvas e pontas. Há de se disparar a matutar sobre não necessariamente, prescindir das prescrições receitadas da escrita de uma coordenação pedagógica e, sim, a faiscar aberturas nessas prescrições.

A fotografia de pimentas é uma roupa colorida de verão. Por parecerem tão apetitosas, seriam facilmente comidas por algum desavisado sem a menor preocupação com a queimação. Saltam aos olhos a tela de ardência gentil de cores vivas, chamativas, convidativas, que as pimentas têm. É uma festa da natureza com tamanha ardência gentil.

Cartoculinar junto a Jorge Amando (2012) intenta modos únicos de fazer comida geograficamente baiana, aquela pimencratizada, advinda da institucionalização da escrita em meio a burocracia pedagógica da função de uma coordenação.

Entende-se que, na função de qualquer coordenação pedagógica, se requer ter conhecimento sobre os diplomas legais vigentes que amparam a educação brasileira nas suas esferas de atuação profissional, já que a escrita de uma coordenação pedagógica perpassa pelas normatizações, objetivos, princípios e competências que se desdobram na função.



Tela de ardência
Sant'!!

Isso posto, na Constituinte de 88, a educação, como talvez o mais importante dos direitos sociais de garantias fundamentais, inspirada nos ideais de igualdade, que dentre outros direitos foi tecida na modernidade em virtude de mobilizações, transformações sociais no entendimento de que os seres humanos são iguais em sua dignidade, com a preocupação de exigir do Estado a garantia de direitos de oportunidade indispensáveis à vida humana, faz conjecturar que não há como assegurar muitos dos outros direitos sem a educação.

O seu capítulo 3 do oitavo título é dedicado à educação e às suas respectivas atribuições. Destaca na exordial desse capítulo que o dever de educar, ao visar desenvolvimento pleno e socioeconômico do indivíduo é de competência tríplice, ao conferir dever de partilha entre família, Estado e sociedade (BRASIL, 1988, ART. 205). Tais pontos evidenciam macroação política, sem que necessariamente se aponte ou releve a importância de microações, mas ressoam interferências, ainda que de maneira indireta, na função de uma coordenação que tem na atualidade seu coordenar preconizado em atos normativos e ordinários, podendo tais interferências aparecer de forma positiva ou negativa nas ações dessa coordenação.

Este texto claramente oscila entre a leveza da literatura e a dureza da legislação. Escrever com *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012) faz flertar com a vontade de manipulação dos ingredientes culinários. A captura que acontece pela força do estudo da legislação faz

movimentos tímidos de fuga. A escrita está a fugir, arrastada pela literatura ao passo que as mãos escreventes deixam sentir o cheiro de comida quente no fogo que vai tomando o ar e exalando perfume pela cozinha.

As mãos escreventes manipulam ingredientes e se permitem inventar ardência colorida no calor de 30 graus do nordeste baiano. Uma fragrância de azeite de dendê esquentando... ou seria de camarão seco sendo triturado? É um cheiro com cor, é um cheiro que faz barulho de crocância e fumaça saindo da boca por morder quente. As idas e vindas para o texto literário de Amado (2012) abrem possibilidades para bambear e rasgar a prescrição, abrindo-a para feitura outras.

A priori, no fazer de uma coordenação pedagógica, considera-se como microação o efetivar de forças que estão no invisível, isto é, nas entrelinhas de qualquer interação de força que se observa em entidade humana. Por sua vez, a macroação estaria no registro inequívoco de qualquer estrutura de força do contexto existencial. Ainda que seja possível conceitualmente separá-las, na prática, o manifestar desses dois extremos registra-se de maneira interdependente e sinérgica.



A constituição das pimentas

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade;

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal;

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 1988, ART, 206).



A Carta Magna determina que o ensino, em qualquer nível, etapa e modalidade, deverá ser seguido de acordo com princípios, os quais também estão estabelecidos na lei Darcy Ribeiro, nº 9.394/96 (BRASIL, 1996, ART. 3º) e aqui aparecem em sobreposição a uma cena de pimentas capturada durante movimento de escrita - é a constituição das pimentas mostrando um discurso tensionador na educação: um ensino que seja qualificado, justo, respeitoso e focado no crescimento do sujeito.

Infeliz utopia que sobrevoa uma realidade de desmanche em investimentos financeiros resultando em cerceamento pedagógico. Dificultoso é laborar para dar conta da sinfonia administrativa determinada para a função de uma coordenação com minguada condição digna de trabalho, valorização profissional, liberdade de decisões no processo inventivo ante as formas de organização homogeneizantes, mas que anseia por mudanças educacionais mesmo que em gotícula de micromilitância, como no ato de cartoculinar. Quem sabe a forte ardência das pimentas instaure de tanto ardor "ai!" nesse sistema.

Tão assim, replicam dimensão de natureza macropolítica dos atos educacionais, desencadeando outros atos micropolíticos ou ainda macropolíticos (GUATTARI, 1987), ainda que de maneira a evidenciar micromotivações. Há interligação entre esses atos no funcionamento de escrita de uma coordenação pedagógica tarefaira, que é tomada pela cafetinagem, ou seja, pela exploração estatal na sobrecarga das múltiplas atribuições cruzadas em distintas áreas do conhecimento ao buscar atender muitos dos prescritos princípios.

Fala-se com Zordan (2007) que essa função de coordenação pedagógica se obriga a trabalhar interdisciplinarmente, mais do que orientar o currículo, traça as possibilidades que as áreas de conhecimento apresentam para dialogar entre si. Em sua tarefa, depara-se com vários tipos de discursos e lida com tensões que a imposição de certas verdades estabelece, implicando intervenções e questionamentos em relação à prática.

Há que se considerar que essas determinações macropolíticas podem ser úteis às microações no funcionamento de uma coordenação pedagógica ao levar em conta que, entre os citados princípios, o meio de ingresso na administração pública é pela via concursal, e que, de certa forma qualifica a profissão, embora ainda careça de ser instrumento de luta pelo Brasil afora. É preciso fitar tais princípios como modo de dobra das macromazelas que insistem em torná-los, por vezes, utópicos.

É nesse ponto que a cozinha da casa de memórias cede espaço ao híbrido movimento das pimentas. A cada minuto que passa, o pensamento é violentado. Há a desestabilização sufocante que deixa cada vez mais o corpo em exaustão, embora com vida ainda. Pulsação. Manipulação. Tentativa. A leitura da legislação é pesada e chega um momento em que os olhos querem marear.

Mesmo em esgotamento, cartoculinar uma saborosa receita com pimentas em meio à pesquisa que vai se escorrendo imbricada na cozinha, como se os ingredientes deixassem cheiro e cor nas folhas de escritas duras das leis é o respiro que faz o texto ganhar ritmo.

Ao ver se a panela está queimando ou o caldo engros-

sando enquanto corre tempo para que as leituras assentem a cabeça, espera-se que o texto flua menos tenso. Pensar a escrita da função de uma coordenação pedagógica, tema tão caro ao desenrolar desta pesquisa, postula adentrar o texto duro da lei ante às macropolíticas instituídas no sistema educacional.

Cartoculinar é ato de micromilitância, mesmo que, às vezes, arda em calor e olhos avermelhados pela potência da pimenta, aquela que, se usada sem conhecimento, rouba o gosto do prato, usurpa o sabor dos outros ingredientes e faz tudo arder em demasia, anulando os demais sabores. Isso está posto na função de uma coordenação pedagógica, que existe e é próprio desse território, sendo-lhe inerente trilhar entre o sabor e o ardor, por assim dizer, entre as formas de organização padronizantes, homogeinizantes e a liberdade no processo inventivo da escrita.

Paira uma preocupação em provocar experiências de sabores na escrita da função de uma coordenação. Há que se permitir na cozinha pela janela, esse elemento de ampliação do espaço que proporciona a fuga, a movimentação, a desobediência e o sobrevoo experimentar inventivas escritas.

A cozinha pela janela abre-se para um mar verde de natureza em constante modificação e provoca a tensionar uma escrita fazendo-se em seu próprio processo de composição. À mesa, muitas e muitas conversas; a bancada sempre olhando a paisagem, sopra os ingredientes para as mãos manipulantes; as bocas do fogão a experimentar borbulhas, enquanto o ínfimo candeeiro ilumina as noites escuras para as intensas leituras de textos.



Cozinha pela janela

MISTURA



Por ora, é a escrita que segue, fechando o livro de Jorge Amado (2012) a escorrer em fluida leitura, enquanto se mantém um olho que contrasta com o texto legislativo sobre a mesa da cozinha e o outro na máquina de escrever sendo tomado pelos vibrantes tons em uma pequena cumbuca cheirosa que paira sobre a bancada ao lado: lá, pimentas dedo-de-moça, pimentas-de-cheiro, pimentas-biquinho, pimentas-chocolate, pimentas-palito, pimentas-pretas, pimentas-amarelas, pimentas-do-reino... como pensar um texto legal por meio delas?

Todas elas também a olham enquanto sabem, atrevidas, que são potentes marcas do estilo baiano, trazendo às mesas um sentido daquilo que é quente e que atravessa o que é o bem-comer para as pessoas daqui. Podem até parecer solitárias em sua ardência, sua autossuficiência reclamada depois de muitas em muitos goles de água tentando inutilmente retirar aquela dor ardida que cresce a cada jorrada líquida descendo goela abaixo.

Quando em preparações no fogão à lenha, as pimentas liberam um cheiro adocicado e quente que invade as narinas, transbordando suspiros de vontade. É picante a sensação de ler sobre a função de uma coordenação pedagógica que está assentada nas diretrizes e bases da educação nacional. A lei Darcy Ribeiro, nº 9.394/96 versa que a formação profissional para atividades especializadas da docência como supervisão, orientação, dentre outras, deve ocorrer em graduação de pedagogia ou pós-graduação (BRASIL, 1996, ART.64).



Autossuficiência reclamada

Fixa-se, portanto, a formação inicial para essas atividades, que avançando tempos, incorporam-se e transformam-se na atual coordenação pedagógica. Cabendo a continuidade formativa dessa atividade especializada, ao longo da trajetória profissional, que por certo é um dos grandes desafios enfrentados no campo do magistério, dado que dar conta de tantas atribuições e reservar tempo para estudo, tanto é prática complexa, quanto prática que timidamente é investida pelas esferas públicas, fora que ainda é tema tímido em pesquisas. Ato contínuo, a supra lei define que se considera função do magistério,

as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico (BRASIL, 1996, ART.67, §2º).

Define-se no cenário educacional brasileiro, a função da coordenação pedagógica nesse escopo, devendo ser objeto de observância aos já citados princípios de ensino, que tratam do ingresso e valorização na carreira docente (BRASIL, 1988, ART. 206, V, VIII). Em nível de estado da Bahia¹⁷, fica nítida a evolução da função coordenação pedagógica pela expressão da lei estadual nº 7.023/97, a qual fixa o cargo e incorpora

17. Não é intenção nesta pesquisa aprofundar a lei nº 7023/97. Somente mencionar a evolução da função coordenação.

anteriores supervisões e orientações educacionais ao citado cargo (BAHIA, 1997, ART. 7º)¹⁸.

Na referida esfera estadual, passa a compor o quadro do magistério público "os servidores que exerçam atividades de docência e de suporte pedagógico direto à docência, incluídas as de direção, planejamento, administração escolar e coordenação pedagógica" (BAHIA, 2002, ART.4º)¹⁹. Estabelece ainda, com objetividade, atribuições da coordenação (BAHIA, 2002, ART.8º). Isso, de certo modo, inspira micromovimentos no entrelaçar das ações educacionais nos municípios baianos pela imperiosidade da coordenação pedagógica no fazer educacional de uma população desigual em gênero, raça, renda, acesso ao ensino, saúde alimentar...

Nesse compasso, o instituto coordenação pedagógica, especificamente na esfera municipal de Lauro de Freitas, Bahia, é instituído pela lei municipal nº 1.138/05²⁰, de forma que: "ficam criados os cargos de Coordenador Pedagógico" (LAURO DE FREITAS, 2005a, ART. 2º). Ato contínuo, é lançado concurso público para investidura no cargo para composição do quadro de pessoal do magistério municipal. No edital de abertura do

18. "Os atuais cargos de orientador educacional e supervisor escolar, da estrutura do magistério de 1º e 2º graus do estado, [...] ficam transformados em cargos de coordenador pedagógico, cujas especificações abrangerão as atribuições das nomenclaturas ora transformadas, passando as mesmas a serem desempenhadas pelos ocupantes do cargo citado [...]" (BAHIA, 1997, ART. 7º).

19. A pesquisa não tem a intenção de aprofundar o estudo sobre a coordenação da rede estadual ao trazer a lei nº 8.261/02, a qual dispõe sobre o estatuto do magistério público do ensino fundamental e médio do Estado da Bahia, mas de apontar a função da coordenação pedagógica enquanto cargo de carreira dos profissionais do magistério.

20. Embora traga como movimento legal de instituição da coordenação pedagógica na esfera municipal de Lauro de Freitas/BA, não é de interesse desta pesquisa, aprofundar leitura na lei nº 1.138/05, qual disciplina o quantitativo de vagas dos cargos de provimento permanente de professor, cria os cargos de coordenador pedagógico, auxiliar de classe. Assim como o decreto municipal nº 001/05 que torna público o período para inscrições ao provimento de cargos públicos ao quadro de pessoal do magistério no âmbito do município.

concurso de nº 001/05, dispõe-se que a coordenação pedagógica é um cargo do magistério público que tem suas atribuições estabelecidas nas atividades de execução no âmbito do sistema de ensino ou nas escolas (LAURO DE FREITAS, 2005b).

Por conseguinte, determina a lei municipal nº 1.375/10, que versa sobre o estatuto, plano de carreira e remuneração do magistério público de Lauro de Freitas, em seu art. 54, que o coordenador pedagógico "será lotado em unidades de ensino ou em unidades técnicas da Secretaria responsável pela educação". Declara pela lotação que a atuação pedagógica do coordenador tanto pode ocorrer em âmbito escolar, quanto em âmbito de sistema de ensino. É desse trânsito que a escrita da funcionalidade de uma coordenação é experienciada pela coordenadora-pesquisadora. Prescrevem ainda a supra lei as atribuições dessa coordenação (LAURO DE FREITAS, 2010). É em meio a essa conjuntura que há a possibilidade de matutar sobre o funcionamento dessa coordenação pedagógica no tocante às suas escritas.

A função coordenação pedagógica é produto de lutas de categoria de profissionais ao longo dos tempos, como possibilidade de melhorar a qualidade da educação básica pública. Uma conquista do espaço-tempo que explicita o compromisso público com a profissionalização da educação, mas que ainda é tímida às lentes da esfera do poder público Brasil afora. Abdicar dos processos de contratação cômodos e favoráveis aos cargos políticos continua sendo tarefa difícil, mesmo com deliberação legal.

Por vezes, é vista uma carência assombrosa de profissionais da área, preenchida pelos cargos políticos, por assim dizer, processo seletivo simplificado com remuneração abaixo

dos profissionais de carreira, e que a cada natal encerrasse o labor com o fechamento da famosa "prestação de contas executiva".

Há então, duas faces: por uma, a conquista de luta, um salto no quesito administração pública; por outro, uma estagnação prevista na carreira da coordenação no tocante à valorização e à remuneração, eis que aplicar disposições salariais de cargos de livre nomeação abaixo das remunerações dos profissionais de carreira, evidencia centralidade nos movimentos de controle da administração pública.

Mesmo considerando a menor fatia ser uma conquista em algumas cidades brasileiras, há que se levar em conta as relutâncias para que percentuais de convocações atendam aos contextos educacionais. Exemplo é o referido concurso público nº 001/05 (LAURO DE FREITAS, 2005b). Um dos primeiros da região metropolitana de Salvador para a função coordenação pedagógica, aquele que mobiliza cidades do estado afora em torno da inscrição.

Dentre as muitas cenas na casa de memórias afetivas, povoa agora a cena que arrasta a coordenadora-pesquisadora do pequeno povoado Praça para a inscrição nesse concurso público, a fim habitar a função de uma coordenação pedagógica baiana.

Depois de alguns buracos de quilômetros asfálticos, eis a vez da quilométrica fila suportar. Gente debaixo do sol tapando a cabeça com apostilas recheadas de tópicos relativos a leis com seus artigos, parágrafos e incisos. Bolsas grandes, denunciando a bagagem do educador, que cada vez mais amplia carga horária e seus atos de escrita, em uma eficiente servidão ao estado. Debaixo de sol, a quase 30°, os muitos concorrentes de semelhante noites e noites debruçadas em livro, com o intuito

de um melhor currículo apresentar resistindo ao quente sol para aventurar-se no corpo de uma coordenação pedagógica, aquela para pensar escritas políticas que cambiem a educação pública.

É possível dizer que, no lastro do trilhar da coordenação pedagógica, o seu nascer é concebido pelo movimento intenso de lutas, pelo fazer múltiplo de muitas atribuições, pelo tímido olhar à estabilidade funcional e pelo expansivo grau político de nomeações em cargo público.

Relevante tocar na questão do democratizar a gestão educacional pela bandeira de luta dos micromovimentos políticos no campo da educação na busca participativa da sociedade na gestão educativa. A gestão democrática é um princípio determinado na Constituinte (BRASIL, 1988, ART. 206, VI) e na subsequente lei Darcy Ribeiro (BRASIL, 1996, ART. 3º, VIII), que faculta deliberações educacionais aos atores educativos, calcada no pressuposto de que a educação é um processo coletivo que carece de participação. Nota-se nos escritos de Zordan (2007) que gerir nesse compasso é ação pensada sobre questões mediante pontos de vista de seus autores, os quais, ao fazerem escolhas, pensam e determinam por quais linhas irão seguir.

Esse processo participativo, enquanto engrenagem no funcionamento educacional, instaura-se mesmo que timidamente como concepção de gestão que caminha a acionar práticas plurais na trama de atuação entre os pares. Por vezes, não se encontra nas instituições educacionais fortalecimento de relações democráticas, mas relação entre desiguais, mesmo a participação estando assegurada pela dotação de autonomia via colegiado e elaboração de proposta política pedagógica (BRASIL, 1996, ART. 14, I-II).

O ato de participar compreende idealizar uma ação coletiva. Outrossim, são nessas ações tecidas nas relações do espaço do coordenar que também se constitui escritas no fluir da funcionalidade de uma coordenação.

A escrita da função de uma coordenação pedagógica pode se convocar a ser autora do seu próprio fazer pedagógico. Eis que a gestão democrática impulsiona os agentes educacionais a serem autores de suas próprias regras. Essa autoria é mais do que distribuição de poder, na medida em que não mais se regula ao regimento outorgado do órgão central a serviço do poder executivo. Criar próprias regras é avaliar limites e praticar atos de acordo com o que nos serve, descobrindo modo singular para regular o tempo e espaço das próprias vidas nos espaços educativos (ZORDAN, 2007).

Logo, importa à função de uma coordenação ser manipuladora do próprio fazer escrevente ao gerar distintos micromomentos entre os pares, os docentes, os discentes e as famílias nas relações colegiadas, formulações pedagógicas coletivas, dentre outras, indagando quereres e forças diante das normas impostas. Zordan (2007) reitera que esse fazer requer está por dentro da produção, do debruçar-se sobre o território, estar envolvido para finalidade almejada.

Manipuladora do próprio fazer, está sendo a coordenadora-pesquisadora agora na cozinha, o espaço onde questiona as prescrições das receitas impostas a abrir possibilidades para uma mistura em face de cheiros e gostos da culinária baiana em cores do carnaval. Pensar a função de uma coordenação assim, dá fome e vontade de fazer dançar mais ingredientes nesta escrita.

Cores do carnaval





A fotografia das pimentas permite com Barthes (1984) realidades em fazer de escritura. As cores das pimentas despontam em festa de cores de carnaval. Amarelas, vermelhas, verdes, marrons, secas, *in natura*, na conserva, em molho: longe de serem meros acessórios na composição culinária baiana, as mais ou menos ardidias vestem suas roupas mais chamativas para as festas de carnaval nas mesas, espalhando gosto, textura, provocação.

Conhecer os tipos de pimentas é muito como conhecer as cores do carnaval de Salvador. Tem colorido, música dançante e comida para dar alegria ao paladar, entretanto, em dose equilibrada para que o fulião possa aproveitá-lo. Tem que chegar de leve para conhecer o território da grande festa de rua que é colorida e povoada com atores em movimento.

Pode ocorrer de ter aqueles desavisados que tentam utilizar da festa carnavalesca para operar micro e macro-ações de selvajeria. É bem como a microação da função de uma coordenação pedagógica em conhecer o território que se propõe a gerir no coletivo. Ao considerar que o fazer deve dar-se a partir da necessidade do espaço-tempo dos sujeitos referenciados, assim, importa conhecer:

Quem o povoa? Que discursos tecem esse povo? Que possibilidades de trabalho se apresentam junto a essa população? Que recursos existem nesse território? [...]qualquer ação pensada para intervir [...] funciona junto aos dispositivos pedagógicos que seu próprio desenvolvimento produz [,] abre-se aos devires do pensamento, à sua volatili-

dade, às suas inúmeras possibilidades de movimentação, ao acaso (ZORDAN, 2007, p. 183).

Portanto, o funcionamento de uma coordenação que ocorre pelas tantas atribuições pedagógicas, no cenário escolar ou sistema de ensino cruzando nas dimensões administrativa, jurídica e financeira requer participação pela voz e pela escrita de modo a questionar pelas forças micropolíticas e macropolíticas fascistas ou microfascistas democráticas.

Nesse ponto, as forças macropolíticas e micropolíticas (GUATTARI, 1987) na dimensão financeira se correlacionam com o custeio das despesas inerentes ao fazer educacional. De modo geral, a distribuição dos recursos públicos é assegurada na lei Darcy Ribeiro (BRASIL, 1996, ART. 70) e na Constituinte (BRASIL, 1988, ART. 214) - ou ao menos deve assegurar - atendimento às necessidades do ensino. Ocorre no termo mais prosaico que, por vezes, encontra-se instituição de ensino desaparelhada no quesito financeiro e, por conseguinte, despreparada no quesito relativo a enfrentar desafios no exercício participativo em seu território. Há, com isso, que se questionar as forças macropolíticas democráticas.

Assiste-se, em tempos contemporâneos à busca por novos ventos e um envolver da sociedade no fenômeno participação ao passo que as determinações macropolíticas materializam-se nos objetivos educacionais para direcionamentos almejados no âmbito das organizações educacionais.

Essas macrodeterminações impulsionam como modelo de gestão o funcionamento da coordenação. O funcionamento de uma coordenação pedagógica está situado no campo das necessidades locais do tempo-espaço coletivo. O fazer dessa coordenação não é singular, solitário, uma vez que se faz das ligações tecidas entre os tantos atores que circundam a educação.

O próprio escrever desta dissertação é questionador, inclusive a respeito do cartoculinar, aquele que possibilita a escrita na medida em que tateia, experimenta, prova, sente o gosto de tantos rastros, a fim de dar vazão ao texto. A oscilação entre as fugidas à cozinha, a manipulação dos ingredientes, a leitura de Gabriela, Cravo e Canela (AMADO, 2012) e a dissecação da legislação faz o cartoculinar encontrar obstáculos - não paradas. A própria língua faz-se fria, calculada milimetricamente para não expressar subjetividade quando está instrumentalizada. Por outro lado, ao abrir páginas dos livros da Paloma Amado Costa (1997; 2003), de Jorge Amado (2012) ou ao manusear quantidades de ingredientes culinários, micromovimentos são feitos frente a uma linguagem de mais malemolência, mais gingado e musicalidade.

Macromovimentos e micromovimentos são também parte da cozinha nesse momento, especialmente daquela que traz as pimentas como protagonistas de uma macrocultura baiana de ingredientes peculiares, marcantes e fortes e de um microfuncionamento da coordenadora-pesquisadora na cozinha, dosando com parcimônia o quanto de dedo-de-moça deve usar para arder na medida - nem mais, nem menos.

Muda de pimenta dedo-de-moça na frente da casa, ainda que pequena, serve tanto para a cozinha, quanto para tirar mau olhado. Se a pimenta cresce e murcha, é porque a casa está tomada de "coisa ruim". A espera paciente demora, afinal, a planta, às vezes, desabrocha meio mirradinha e a chuva rareia. Quando o primeiro dedo de pimenta, fino e vermelho brota e tem força de se sustentar no galho, nem dá tempo para que ele mostre se a casa está de ruim ou não: a vontade de cartoculinar é tanta que ele é arrancado da pobre pimenteira para temperar um prato bem feito.

O jeito de manipular a pimenta e levá-la para a cozinha, a fim de cortá-la com cuidado, separar as sementes e colocar na panela é muito semelhante a como este texto vai se desenrolando... entre cores, possibilidades, texturas e ardência a escrita vai sendo tensionada.

TENSIONA



O sol levemente desponta na recém veranil manhã. O aquecer pede o fogo como aliado. Pede comida. Transitar pela cozinha olhando todos os detalhes, sair da mesa, ir à janela... povoa forte o pensamento em Gabriela (AMADO, 2012) que atrai famílias e curiosos para experimentar os mais deliciosos pratos que tende a inventar.

Entre movimentos, vontades e anseios, desliza a coordenadora-pesquisadora até o fogão à lenha. Ele que tem fundamental função na transformação da comida. Matutar sobre a escrita da função de uma coordenação pedagógica ao lado do fogão dispara pensares da casa da infância, essa que dá fluxo às memórias afetivas que movimentam também o cartoculinar.

Na cozinha dessa casa de memórias, reúne-se a família acostada ao redor do fogão para ver as panelas borbulhando enquanto a chama repousa sobre a lenha. O fogão, especialmente à lenha, é a alma da cozinha. Ele é marca cultural da cozinha interiorana baiana, deixa o gosto acentuado, vai cozinhando na calma da chama leve de lenha. Acomoda gentilmente, as panelas que se tremem de calor, lado a lado borbulhantes.

Nele, fazem-se as poções mágicas que alimentam o corpo. Punge a chama repousante à medida que vai tomando espaço na zona minúscula entre as lenhas. As lenhas colocam seus corpos dando de comer para a fome do fogo, que devolve a afeição em forma de comida quente.



Chama repousante



Dispara a pensar que o funcionamento de uma coordenação pedagógica é estabelecido por normas legais, entrecruzando-se a teor pessoal, profissional e formativo, sendo estes tecidos nas relações de aprendizagem e traduzidos na escrita da função. Nesse momento, enquanto a chama repousa sobre a lenha, buscar-se-á trazer as escritas permeadas especialmente, por normas instrumentalizantes regidas pelos protocolos de organização (BORGES, 2018) que se cumprem nos espaços pedagógicos dessa coordenação.

A priori, de que escritas instrumentizadas fala-se e tensiona este texto?

Essas escritas são ferramentas de particularidades próprias com meios e fins que lhes são pertinentes à efetivação de determinado registro. De maneira bem direta, são protocolos organizadores de registrar os atos que se realizam em uma particular atividade, independentemente de subseqüentes fins iniciais e prováveis resultados. Quando se escreve, a intenção é de registrar a memória operacional do ato mediante caracteres próprios para uma possível leitura. Na prática, isso sucede sobre qualquer coisa que se queira preservar, escreve-se usando os meios linguísticos favoráveis.

Na funcionalidade de uma coordenação pedagógica, assumem o papel registrador de instrumentos comuns resultantes do seu ato de coordenar. Embora não seja uma tarefa tão simples de se realizar em meio ao dia a dia da complexificada função, tal postura, até então, é uma prática que se segue e pouco ou quase nada se questiona.

A possibilidade de correr a escrita de uma coordenação com fruição na culinária pela literária com ares menos impositores, dispara curto-circuito no próprio sistema que vai cris-

talizando o fazer do texto nos espaços tomados como verdades. O momento é de questionamentos quanto aos vetores resultantes da energia vital da coordenação, ou seja, quanto às escritas de instrumentos comuns resultantes de seus atos nos seus espaços de atuação.

Faz-se coro a Zordan (2007, p. 181) na medida em que alega que "os lugares de poder não estão mais pré-definidos, as noções acabadas do processo de aprendizagem são colocadas em xeque e nenhuma verdade é tomada como a final", o que movimenta também essa escrita que vai se fazendo durante o processo sem tomar padrões como verdades e assumindo a resistência como fluxo.

O ato de coordenar implica o registro de todas as ações essenciais ao gerir atividades pedagógicas relacionadas ao processo educacional. Leva em consideração que as atribuições exigem textos prescritivos, normativos e legalizadores na efetivação do ato.

Inquietam os procedimentos de registros tomados a partir das normativas no funcionamento do coordenar, pois requerem escritas tão burocratizadas que instrumentalizam e naturalizam as escritas. Inquietam o modo verticalizado e linear como essas escritas, por vezes, são direcionadas pelos órgãos institucionais à coordenação pedagógica, a fim de que se cumpram demandas que levam até a perder a consciência das produções textuais e provocação de exaustão no corpo da coordenação pelo processo da burocracia pedagógica denotando uma função de escrita tarefaira.

Mais uma vez, adentrar ao duro texto legislativo, agora com mais fome e sabendo que, terminada essa parte, o cartoculinar aparecerá na busca de possibilidades para cozinhar,

já visualizando a ponta da faca afiada, a talhar em mínimos cubinhos a cebolinha com seus cabelos misturados frágeis, flexíveis, macios e úmidos. As linhas temperadas aparecem em sobreposição entre as atribuições de uma coordenação pedagógica e uma cena das cebolinhas capturada durante a manipulação culinária. É a sobreposição da macropolítica, isto é, da escrita institucionalizada com o ato de cartoculinar, e a cena fotográfica de ingrediente sendo manipulado é o ato de cartoculinar.

As cebolinhas estão presentes em muitas preparações abaianadas, e carrega função de dar cor, refrescância e vida para aqueles pratos que, quando a recebem jogada por cima em suas preparações finais, sorriem de alegria com a pintura esverdeada.

Os fluxos das linhas temperadas são distintos, trilham em tamanhos curtos e cumpridos; algumas linhas são formosas, outras magricelas, mas sempre irregulares querendo encontrar preparações culinárias enquanto algumas delas terminam a esvaziar-se, secando sem vida, presas mesmo por rasa raiz que pronta está para discipliná-las. Encontram-se sempre em meio ao movimento da raiz a prender suas linhas frágeis, flexíveis e macias cerceando a possibilidade de fazer pinturas em muitos pratos.

As atribuições têm raiz mais profunda. Bem assentadas estão nos termos do anexo v-b da lei municipal nº 1.375/10 (LAURO DE FREITAS, 2010) e sobrevivem faz tempos... há linhas duras atribuídas a serem seguidas, entretanto, existe a possibilidade de elas serem talhadas e temperadas com cheiro inventivo. Quem sabe fitando as linhas temperadas seja possível feri-la, adentrá-la e instaurar faíscas inventivas.



As linhas temperadas



Atribuições do(a) coordenador(a) pedagógico(a):

I- coordenar o planejamento e a execução das ações pedagógicas nas Unidades Escolares e/ou SEMED;

II - articular a elaboração participativa do Projeto Pedagógico da Escola;

III - acompanhar o processo de implantação das diretrizes da Secretaria relativas à avaliação da aprendizagem e dos currículos, orientando e intervindo junto aos professores e alunos quando solicitado e/ou necessário;

IV - avaliar os resultados obtidos na operacionalização das ações pedagógicas, visando a sua reorientação;

V - coordenar e acompanhar as atividades dos horários de Atividade Complementar em Unidades Escolares, viabilizando a atualização pedagógica em serviço;

VI - estimular, articular e participar da elaboração de projetos especiais junto à comunidade escolar;

VII - elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos indispensáveis ao desenvolvimento do sistema ou rede de ensino ou da escola;

VIII - elaborar, acompanhar e avaliar, em conjunto com a Direção da Unidade Escolar, os planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema e/ou rede de ensino e de escola, em relação a aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e de recursos materiais;

IX - promover ações que otimizem as relações interpessoais na comunidade escolar;

X- divulgar e analisar, junto à comunidade escolar, documentos e projetos do Órgão Central, buscando implementá-los nas Unidades Escolares, atendendo às peculiaridades regionais;

XI - analisar os resultados de desempenho dos alunos, visando a correção de desvios no Planejamento Pedagógico;

XII - propor e planejar ações de atualização e aperfeiçoamento de professores e técnicos, visando a melhoria de desempenho profissional;

XIII - conceber, estimular e implantar inovações pedagógicas e divulgar as experiências de sucesso, promovendo o intercâmbio entre Unidades Escolares;

XIV - identificar, orientar e encaminhar, para serviços especializados, alunos que apresentem necessidades de atendimento diferenciado;

XV - promover e incentivar a realização de palestras, encontros e similares, com grupos de alunos e professores sobre temas relevantes para a educação preventiva integral e cidadania;

XVI - propor, em articulação com a direção, a implantação e implementação de medidas e ações que contribuam para promover a melhoria da qualidade de ensino e o sucesso escolar dos alunos;

XVII - organizar e coordenar a implantação e implementação do Conselho de Classe numa perspectiva inovadora de instância avaliativa do desempenho dos alunos;

XVIII - promover reuniões e encontros com os pais, visando a integração escola/família para promoção do sucesso escolar dos alunos;

XIX - estimular e apoiar a criação de associações de pais, de grêmios estudantis e outras que contribuam para o desenvolvimento e a qualidade da educação; e

XX - exercer outras atribuições correlatas e afins (LAURO DE FREITAS, 2010, ANEXO V,B).



As atribuições determinadas pelas normas legais legitimam procedimentos de registros que levam a escritas de todas as ordens direcionadas pelo ato de coordenar. Há um estilo especializado de produção textual que se destina ao propalar assertivo das informações à atividade educativa. Como qualquer outra modalidade textual, essa escrita implica o uso da linguagem apropriada para que a transmissão da mensagem se efetive. O maior desafio para a prática dela é estruturar a base argumentativa de tal forma que ela possa transmitir bem a mensagem que se propõe a oferecer, dentro dos moldes estabelecidos, sem brechas para entendimentos levanos ou ambíguos.

Tais escritas têm a estrutura calcada na "generalização dos protocolos de organização" (BORGES, 2018, p. 65) sendo instrumentalizadas pela comunicabilidade do funcionamento adotado nos *templates* burocratizados dos setores que se interrelacionam pelo rito da legislação e que acaba por padronizar e expandir o modelo de escrita da função de uma coordenação em prol da manutenção de um modelo social. Considera-se, portanto, que tais escritas são instrumentalizadas. A generalização imprime a institucionalização à medida que é legitimada e difundida como modelo a ser seguido. Por certo, é uma modalidade de produção textual que se destina à produção sistemática das informações apropriadas ao gerir da atividade pedagógica.

Em geral, a escrita é centrada na apresentação detalhada de conceitos, definições e premissas para que teorias sejam racionalmente explanadas. Um dos desafios é a necessidade de se explorar todos os elementos que lhe cabem de forma clara, direta e precisa para que se registre com clareza, direção e precisão para eficácia dos fins que lhe são pertinentes.

A escrita existirá em todas as suas modalidades e funções possíveis. Perguntas aparecem: qual é a função política da escrita que se propõe a ocorrer na dimensão pedagógica da coordenação? A que combate essa escrita se propõe?

As escritas na funcionalidade da coordenação pedagógica têm conjunto de características iguais em sua modalidade de escrita, como preenchimento de cadernetas, elaboração de relatórios e cronograma, entre outras. Possuem uma característica majoritária de modo que os protocolos de organização atuam no "domínio da vida social e individual, imprimindo valores" (BORGES, 2018, p.65) pela burocracia pedagógica no cumprimento instrumentalizado das atribuições do corpo da coordenação. Há padronização e repetição no processo de escrita que leva ao investimento de padrões numéricos, corretivos, disciplinares, dentre outros encaixotados à serventia dominante. A função política da escrita da coordenação pedagógica, nesse sentido, é de dar validade a macromovimentos instrumentalizantes e validar a dominação de padrões sociais.

Ao ler e reler as incontáveis atribuições prescritivas de uma coordenação, questiona-se a coordenadora-pesquisadora em qual grau as atribuições têm sido incontáveis. Não só as que constam nos vinte (XX) incisos do anexo v-b da lei municipal nº 1.375/10 (LAURO DE FREITAS, 2010), mas as tantas frases iniciadas com verbos no imperativo que aparecem durante o dia a dia sendo mulher, dona de casa, mãe e, ainda por cima, estudante.

Acordar cedo, organizar as refeições, arrumar a casa, desejar bom dia, controlar a hora para não se atrasar, escolher uma roupa condizente com a função (afinal, o sistema imposto no trabalho pelo funcionamento capitalista sobre a aparência

da mulher a vê menos competente se não usa maquiagem, não prende ou arruma o cabelo, não veste calça de alfaiataria, enfim...), também, ler todos os livros propostos, parafrasear, citar, escrever, mergulhar na literatura, mas voltar a tempo de buscar o filho na escola, checar a tarefa de casa, mandá-lo para o banho e fazer o jantar; conversar com o marido sobre o dia, lavar louça, ir para a frente da máquina de escrever ou do computador já tarde da noite; dormir pouco; e assim vai desenrolando esse fazer continuamente com as tarefas que se repetem dia após dia - especialmente em tempos de dissertação.

Ah! Sem contar com as outras atribuições correlatas e afins. A última da ordem prescritiva. Essas correlatas e afins por vezes geram fazeres no dia a dia laboral que desvirtuam e levam a fazeres outros que não os da função de uma coordenação pedagógica em si, e que sumariamente asfixia o tempo do coordenar.

Esse tempo do coordenar é tomado pelo organizar dos espaços e das instâncias pedagógicas, reverberado em dar conta de encargos de sala de aula, trabalho não só na área específica, mais administrativo em corpo gestor, à orientação educacional, à definição de calendário, aos horários, às tarefas e à definição de equipe pedagógica e das salas de aula, à coordenação de conselhos, às produções didáticas dos docentes, à elaboração coletiva e acompanhamento pedagógico, à proposta pedagógica e regimentar, à efetivação de relações socioafetivas, processos curriculares, o diálogo com o território, dentre outras (ZORDAN, 2007).

Junto à fruição jorgeamadense, Gabriela - mulher forte, retirante, chega à cidade em busca de trabalho e acaba fazendo com que todos caiam nas suas graças de predicados que vão muito

além da cozinha, vão para a resistência, sobretudo de hábitos transformados pelas duras normas impostas dos senhores. Com Gabriela aqui, pegam-se as suas receitas (AMADO, 2012) e os textos rígidos das leis que vão se dobrando junto das ideias para uma microrreceita. Afinal, aquela burocratização protocolada e institucionalizada da escrita de artigos e incisos cansa. É preciso movimento. Vai, antes mesmo de começar a cozinhar, imaginando as ações, aqui descritas com muito mais gingado e movimento se comparadas aos artigos; é que a cartoculinância vai se desenrolando.

São também atribuições, agora, de quem cartoculina. Tem feijão-fradinho já quebrado dentro de um vidro sobre a bancada. Deve ter uma cebola em algum lugar... de súbito, uma vontade que inunda, daquelas que fazem salivar a boca: comer um abará de prata bem cozido, recém-saído da panela e cheirando forte. O camarão seco: sempre na espreita de olhar ao redor, com seus pequenos olhos pretos saltitantes, que destacam de seu corpo róseo e seco, entre muitas patas agora paradas. São olhos na espreita de quem passou a vida catando restos dos lugares mais refugados por aí, pegando o que ninguém queria mais e, por fim, trazendo um movimento diferenciado aos mais variados pratos nobres e populares.

Em vias de mexer a escrita instrumentalizada e institucionalizada ou criar uma experiência, investe-se em uma prescrição de mais possibilidades, uma que aos poucos vai se afastando da secura, da solidão, da ortodoxia do texto legislativo universalizado de uma coordenação pedagógica - com Gabriela (AMADO,2012) ao lado, começa a pensar nas ações da receita do provocante quitute tipicamente baiano, o abará de prata.

Ele provoca não só movimentação de sabores, tessituras, mas de memórias e força do trabalho também. O abará é outra riqueza fabricada por Gabriela - assim como o acarajé de cobre (AMADO, 2012) e com o qual a baiana gera renda na produção e circulação alimentícia, comercializando-o.

As ações prescritas a fazer para cozinhar o abará, pensadas antes mesmo de checar se têm todos os ingredientes necessários para o preparo na despensa, seguem bem ordenadas:

* Abará de prata *

- bater o feijão-fradinho seco rapidamente no liquidificador, somente para quebrar o grão, mas sem esmigalhá-lo;
- pôr o feijão de molho n'água suficiente para cobrir os grãos de um dia para o outro [o que lembra que só amanhã pode-se comer essa delícia... quem sabe, transformá-lo em prato principal];
- escorrer a água e lavar o feijão, retirando toda a casca;
- bater todo o feijão descascado no liquidificador;
- ralar a cebola e moer o camarão seco torrado [o que gera um cheiro magnífico, daqueles que entra pelas narinas e não sai mais, inundando os pulmões cada vez que o ar entra e sai];
- colocar a massa num caldeirão e misturar nela o sal;
- adicionar a cebola ralada aos poucos, batendo tudo com uma colher de pau, até que fique bem incorporado;
- incorporar o azeite de dendê e o camarão seco moído;
- passar as folhas da bananeira rapidamente no fogo para amolecê-las;
- colocar a massa em quadrados de folha na bananeira, dobrá-la e fechar dando a forma de quadrado ou de retângulo ao abará;
- cozinhar os abarás, envolvidos em folhas de bananeira, em banho-maria [inunda pela casa um cheiro misturado de salgado com algo de doce, de quente, de suave];
- servir recheado com vatapá, camarão e bom molho de pimenta.

Uma vez estruturada a lista de prescrições e atribuições da cozinheira, parte-se para os ingredientes:

- 1kg de feijão-fradinho;
- 1kg de cebola;
- 300g de camarão seco;
- sal a gosto;
- 1 xícara de azeite de dendê;
- folhas de bananeira para embrulhar.



Olhos
na espreita

Enquanto os olhos na espreita estão, registram-se quase "no automático", como forma de resistência, alguns dos processos que me levariam ao abará de prata que lentamente seria cozido em banho-maria, bem embrulhado, como que debaixo das cobertas pela folha de bananeira cortada em quadrado. Todavia, falta aqui a folha de bananeira. Que bom seria se pudesse colhê-la do pé mesmo, mas sem bananeira... e ainda mais sem os camarões secos para adicionar no abará.

Nessa situação, Gabriela (AMADO, 2012) iria à feira para comprá-los. Faltaria um vestido de chita, porém, esvoaçariam os cabelos ao vento quente, enchendo a bolsa de palha dos mais variados condimentos e temperos. Ah, as pimentas não podem faltar! Essa comida tem um quê de afrontosa, principalmente porque ela desafia as prescrições tanto lidas até aqui sobre as atribuições da função de uma coordenação, colocando-se à frente a um texto cartoculinado que é tecido de potências na cozinha.

O abará é essa riqueza prateada: um embrulhado amarelo que faz uma explosão de sabor na boca. Em verdade, ele rasga a calmaria das cordas vocais e aciona sons cada vez mais intensos, pois, quanto mais se come, mais se quer. O amarelo lembra sol, calor, aquela fome do meio da tarde depois de ter aproveitado o dia andando pelas ruas históricas do Pelô em Salvador. Vem o cheiro de uma massa apimentada com camarão seco triturado, exibindo uma estética de pontinhos pequenos que mais parecem rubis cintilantes entre os microrifícios do quitute espalhando-se por todo o espaço.



Riqueza prateada



Assim como o cozimento é hora festiva, prazerosa e, por vezes, nostálgica, também é o momento de saborear o abará de prata, que, por via de postergar seu fazer pela falta de ingrediente, acende expectativas e novos horizontes que despertam algumas sensações que movimentam em vibração de transformação. De tal modo, acontece com a transformação dos ingredientes no preparo para o cozimento que se propõe a trilhar mudanças para dar conta da necessidade através do silêncio saboroso e do barulho da folha de bananeira que o embrulha.

Vê-se um texto capaz de registrar texturas, um fazer de palavras que transmitam gosto. Um texto que se faz pelo transbordar da panela. A cozinha permite o mapa dessa cartografia culinária atravessada pela escrita da função de uma coordenação, ambas ao modo prescritivo. No patinar da superfície por verdades outras, é o momento para experienciar verdades instituídas no discurso reprodutivo e naturalizante de uma coordenação, sabendo que necessita da tentativa para transformá-lo em potência, o que arrasta a pensar a escrita pelas forças imprevisíveis, invisíveis e flexíveis. Consoante a isso, Costa (2017) diz que,

em todo o texto há uma política que o anima, um sopro político insuflado por forças que concorrem e que, por vezes, se complementam. Não se trata meramente de escrever diferente (embora também possa), mas de apostar em uma resistência do sentido diante dos fetiches da cultura - e mesmo da crítica -, considerando que cada escrita traça o mapa de seus próprios combates (COSTA, 2017, p. 23).

Isso dispara a pensar que para esta escrita, a escritura barthesiana (1974) lança para patinar na superfície à medida em que provoca inventar novas composições ao produzir sentidos junto a Guattari (1987) e Amado (2012), dando escoamento a uma escrita que faz força para ser autoral, que tenta se esquivar da convencional escrita de função de uma coordenação, aquela que vem acompanhando a tantos anos e já está como que colada nos dedos que escrevem, sem nem perceber quando burocratiza e instrumentaliza.

Um texto em estado que balanceia... ora flui com Guattari (1987), que traz potência; flerta com Barthes (1974), o qual autoriza e instiga a escrever cartoculizando; e por fim, ainda de relance aparece Jorge Amado (2012), trazendo um universo regional e único que dá força a uma escrita menos padronizada. É uma tarefa difícil a de desviar da representação e do engessamento dos protocolos instrumentalizadores, eis que atuam em conexão aos ritos legais (legislações) que padronizam a função de escrita de uma coordenação pedagógica.

Há, nos protocolos de organização, um apagamento da multiplicidade em detrimento da repetição de modelos, uma vez que a engrenagem desses protocolos na sociedade capitalística coloca a escrita numa "linha segmentária dura em contraponto a uma segmentaridade flexível [atuando] combinações binárias" (BORGES, 2018, p. 15) tolhendo, pois, as possibilidades de construção de escritas mais plurais e menos cerceadoras.

O que se questiona, nesse ponto, é o quanto os protocolos engessam a produção de escrita desse corpo

coordenação e esvaziam-na de sentido, fazendo com que se configurem em grandes amontoados de formulários, atas, cronogramas, planilhas, documentos que cumprem uma função de coordenação pedagógica protocolar e não política.

Se os protocolos de organização (BORGES, 2018) passam a ocupar o espaço da experimentação, acena o cartoculinar como possibilidade de abertura à instrumentalização e à institucionalização que dominam os processos de escrita da função pedagógica uma coordenação. Tão assim, a escrita da função de uma coordenação instituída no corpo que vive enclausurado pela dominação dos protocolos no espaço de prescrições na comunicabilidade dos instrumentos comuns da função coordenar, permite-se à tentativa de fuga do enclausuramento, à medida que cartoculina em meio à pesquisa.

O sistema impõe tanto a escrita pelos protocolos de organização (BORGES, 2018), que induz a pensar sê-la "mais fácil" para a função de uma coordenação pedagógica. No escorrer destas páginas, tem-se um intento ao questionamento e ao pensamento de que somos parte de um sistema que disciplina as escritas e coloca-as em um padrão para que possam ser infinitamente replicadas. Com isso, esta escrita tensiona problematizar as prescrições instrumentalizantes e institucionalizantes de uma coordenação que força para a tentativa de possibilitar o diferente, mas é ardido como pimenta e, deveras, demoramos a aprender como degustá-lo.

Na função de uma coordenação, veem-se alguns dos "atos de escritas por meio de atribuições"²¹ que escoam escritas em forma de protocolos: seguem regras determinadas como gêneros textuais, as quais colaboram para a construção de um texto que transmite a manutenção de modelos sociais.

É uma sinfonia administrativa eficiente ressoada em ações como coordenar, elaborar, acompanhar, avaliar, conceber, estimular, planejar, implantar para uma lista de escritas de instrumentos comuns dessa função, como: formulação de fichas, planejamento, pauta, relatório, textos de divulgação, elaboração de cartilhas... tudo isso rodeado por expressões como ações pedagógicas, planejamentos, ações educacionais, desenvolvimento de ensino - um emaranhado em sistematização para fazer da escrita instrumento de repetição em imperativos de chamadas ardentes.

Essa sinfonia administrativa eficiente dos "atos de escritas por meio de atribuições" da função de uma coordenação pedagógica aparece em sobreposição a uma cena de pimentas capturada durante movimentação de escrita - é a rúbia festança que tenta acenar para vazão de escritas outras que não as instrumentalizantes.

Nesses atos, alta é a carga da energia vital disponibilizada pelo corpo de uma coordenação para um fazer protocolado de organização que padroniza, engessa, demarca e formata aos rigores de moldes hierárquicos e dominantes. A rúbia festança das pimentas, as três qualidades que dançam nesse capítulo, demarca as possibilidades

21. Refere-se à tabela em sobreposição fotográfica "Rúbia festança" avante.

que excedem os protocolos de organização (BORGES, 2018), aqueles que regem em uma coordenação os atos de escritas, sobrepostos à cena das pimentas, acenando para tentativas de texturas, preparações, gostos, tessituras inventivas e descolando-se do trivial, do esperado para escrita prescritiva da função de uma coordenação em movimento de dobra.

É possível pensar no uso, no funcionamento e na manipulação, pois, por vezes, o exaustivo volume de escritas requerido imbrica-se à alta carga horária, de forma que o coordenar excede o tempo formal de trabalho. As horas à frente da tela de um computador, de livros de registros, de quadro de horários, de pauta de reuniões, de plano, de memória descritiva de atendimentos aos atores envolvidos no processo educativo, de registo de acompanhamento pedagógico, de planejamento, de formulação de ações e programas, de cadernetas e de tantas outras escritas parecem ressoar num único objetivo: a dominação da função de uma coordenação pelo cansaço! A resistência aqui é um sopro, quase um sussurro, mas já possibilidade de uma experimentação cartoculinando.

Os movimentos em torno da funcionalidade de uma coordenação pedagógica demarcam na ação do coordenar junto. E nesse coordenar há um valoroso agir, o do tensionamento a macropolítica pela rúbia festança e a transgressão às modelizações do fazer de escrita que o sistema funcional bem sabe impor controle.



Rúbia festança



Atos de escritas por meio de atribuições

Nº	Atribuições	Atos de escritas
01	Coordenar o planejamento e a execução das ações pedagógicas nas Unidades Escolares e/ou SEMED.	Formulação de planejamento Elaboração de pauta Elaboração de relatório
02	Elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos	Elaboração de relatório com estudos
03	Elaborar, acompanhar e avaliar os planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema de ensino nos aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e material.	Formulação de programas Elaboração de formulários
04	Avaliar os resultados obtidos na operacionalização das ações pedagógicas, visando a sua reorientação.	Elaboração de relatório
05	Conceber, estimular e implantar inovações pedagógicas e divulgar as experiências de sucesso, promovendo o intercâmbio entre unidades escolares.	Elaboração de textos de divulgação Elaboração de cartilhas

Nota: Aparece em sobreposição a cena de ingrediente culinário "atos de escritas por meio de atribuições" em molde tabela, elaborado pela autora que extrai atribuições da coordenação pedagógica da lei nº 1.375/10 (LAURO DE FREITAS, 2010, ANEXO V-B, VIII).

A close-up photograph of ginger root, showing its characteristic knobby and fibrous texture. The ginger is light brown and yellowish in color. The image is framed by a thin white border with decorative floral motifs at the top and bottom center. The text "Brotância de forças" is written in a stylized, brown font across the middle of the ginger.

Brotância de forças

Por vezes assiste-se um acervo de instrumentos comuns como planejamento, relatórios, fichas, pautas de reunião, projetos, prontuários, incontáveis tabelas que submetidas são aos rigores de *templates* e que se perdem entre as gavetas das mesas, das pastas, dos arquivos, dos almoxarifados... escritas feitas para preencher fisicamente um espaço, que acabam indo sempre na contramão da circulação. Os movimentos em torno da funcionalidade de uma coordenação pedagógica demarcam na ação do coordenar junto. E nesse coordenar há um valeroso agir, o da transgressão às modelizações do fazer de escrita que o sistema funcional bem sabe impor controle.

Ainda que, muitas vezes, não seja fácil realizar essas escritas com a qualidade pretendida no tempo requerido, uma boa função de coordenação pedagógica é aquela que realiza entrega em prazos pré-determinados. Mas, será que pulsa vida nesse corpo coordenação, que só reproduz e entrega, feito uma máquina na linha de produção? Uma política da escrita é feita sob a lâmina fina de uma atenção capaz de ajudar a pensar as escritas que nos assediam, os textos que lemos e escrevemos, os usos e subserviências da linguagem escrita (COSTA, 2014).

A close-up photograph of a halibut fillet, showing its characteristic white, flaky texture and a thin layer of skin. The fish is garnished with a vibrant mix of fresh ingredients: several bright red chili peppers, a few green serrano peppers, and several lemons. The lemons are cut into wedges, and their bright yellow color contrasts sharply with the white fish and red peppers. The entire composition is set against a dark, textured background, possibly a wooden cutting board or a similar surface. The lighting is soft, highlighting the natural colors and textures of the ingredients.

Preparo simples



Essa possibilidade aberta pela escrita leva também a ter vontade de fazer esse texto escorrer por outras prescrições... a manipulação dos ingredientes coloridos pelas pimentas sobre a bancada acena uma moqueca pimencratizada de peixe com arroz branco. Viola-se a moqueca de peixe da Gabriela (AMADO, 2012). De relance, uns corpos em brotância de forças em toda sua extensão: são os gengibres no cesto da despensa a intuir como se assentaria ao encontro de duas ardências distintas - a pimenta e o gengibre - com um suave peixe.... fazê-la parece de um preparo simples, mas requer cuidado, requer um olhar vibrátil. As finas espinhas do peixe logo saltam. Pede um fino olhar em todo o prato para retalhar suas etapas prescritivas com cuidado.

A bancada da cozinha fica cheia de potes, vasilhas, legumes, postas de peixe e temperos cortados... tudo à espera da panela em borbulha. A moqueca exige paciência (também tem protocolo de organização), muito como essa dissertação, que vem sendo feita em fogo baixo para fazer funcionar aquilo que se quer que saia do fogo ou ainda para que os cursos, se necessários, sejam modificados durante o processo. A lista de afazeres é grande, mas compensa!



Brancura em grãos



A moqueca pimencratizada ganha potência com os ingredientes prescritos que vai em cremosidade pintando os arredores com cores de sedução. É uma explosão de sentidos amarelo-alaranjado que contrasta com a brancura de grãos formando uma paleta de cores deleitável a emanar cheiro constante de sinestesia que atiga as papilas gustativas a fazerem água na boca. Faz-se um prato de texturas diversas, aquele que movimenta os gostos enchendo de mais vontade quem o degusta.

Nesses fluxos da escrita instrumentalizada que é entrecortada pela fluidez de estar com literatura em potência de possibilidades dada por Barthes (1974; 1984), Guattari (1987) e Amado (2012) permite a cartógrafa pela escrita "pimenta morder [, nas] ruas andar, cantigas cantar.." (AMADO, 2012, p. 183). Assim, essa escrita vai atravessando movimentos, tomando espaços como a chama do fogo entre os corpos das lenhas, enquanto o pensamento se move, abrem-se e exalam fluxos de sabores em todas as direções inventando e escrevendo contornos políticos.

A dimensão política dessa insistente escrita vai sendo tecida nesses recortes de texto como diminutos escapes necessários dos textos protocolares, se propondo ao combate universalizante da escrita que impõe padrões sociais.

Tantos questionamentos aparecem... até que ponto é pacífico nas funções de coordenações pedagógicas escrever em linhas desbotadas? De pensar possibilidades políticas de escrita? De fazer pela experiência tentativa de escrita pelo microfazer?

Moqueca pimencratizada

- lavar as postas do peixe em água corrente, secando-as;
- temperá-las com sal, alho, limão, gengibre e reservá-las por 3 min;
- numa frigideira colocar as postas do peixe reservadas e acrescentar em rodelas os aromáticos (cebola, pimentões, tomates e coentro);
- colocar os líquidos, e em seguida, as pimentas-de-cheiro picadas e cozinhar por 10 min;
- adicionar inteiras duas pimentas de dedo-de-moça, cebolinha talhada a gosto, tampar a frigideira e reservar até preparar o arroz;
- lavar o arroz branco em água corrente e escorrê-lo;
- numa panela adicionar o arroz e o dobro da medida do arroz de água, uma colher sopa de vinagre, sal a gosto e cozinhar em fogo baixo até que a água seque;
- ao secar a água, pronto estará o arroz para ser servido junto ao picante peixe.

A lista do que precisa é longa, porém, de simples acesso:

- 7 postas de peixe (aqui a escolha é a corvina)
- 4 dentes de alho
- 2 cebolas brancas
- 2 tomates maduro
- suco de 1 limão
- 2 pimentões verdes
- 1L de leite de coco
- 50 mL de azeite de dendê
- sal a gosto
- 2 pimentas pimenta-de-cheiro
- 2 pimentas dedo-de-moça
- uma porção de coentro
- cebolinha a gosto
- 1 colher sopa de vinagre
- um pedaço de gengibre ralado
- 4 xícaras de arroz



Explosão de sentidos



A moqueca pimencratizada pronta se deita sobre a mesa posta no almoço, como se uma espécie de poesia de moqueca versando suas ardências pimencratizadas para quem vai degustar essa explosão de sentidos. Barthes (1974) põe-se à mesa para degustá-la e papear em boa e longa conversa. Começa por dizer, que a linguagem de um escritor e seu estilo é uma estrutura pessoal, talvez subconsciente de hábitos e obsessões verbais. A forma de escrever perpassa por contornos à medida que,

o horizonte da língua e a verticalidade do estilo desenham, portanto, para o escritor, uma natureza, [...]. O estilo é como uma necessidade que vincula o humor do escritor à sua linguagem. [...] entre a língua e o estilo, há lugar para outra realidade formal: a escritura. [Escritura] é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma apreendida na sua intenção humana. [...] Escritura é, portanto, apenas um momento (BARTHES, 1974, p. 123-126).

Nesse momento, na liberdade de escriturar, ultrapassados são os sentidos já plasmados em escritas da funcionalidade de uma coordenação. Urgem encontros para a liberdade de escriturar em meio a movimentos que se entrelaçam num processo instável que leva à desobediência da escrita que tira a potência do microfazer de uma coordenação.

Tanto a linguagem quanto o estilo pautam-se pelas intensidades do fazer desta escrita, e não pelos ditames

de como deve ser uma escrita de função acadêmica seguindo os moldes dos protocolos de organização (BORGES, 2018). A contrariedade à produção em massa de textos calcados em instrumentalização subtrai as singularidades da escrita, normatizando ações e padrões sociais.

A subversão possível em matéria de linguagem é manipular a partir dela mesma para outra linguagem. É a partir da própria linguagem que escorre a subversão. Fala-se com Barthes (1974), que junto a Guattari (1987) e Amado (2012) dão condições e possibilidades para instaurar resistências e recusas à máquina protocolizante da escrita.

Em termos conceituais, escritura e escrita contornam significados distintos. Na primeira, há um atributo de sensibilidade, de clamor poético, criativo que resulta combinação de elementos noutras histórias. Na segunda, há um atributo da rigidez que evidencia o teor linguístico sobre algo. Logo, a escritura difere-se da escrita transitiva, dessa que focaliza falar sobre. A escritura, por ser intransitiva, focaliza no fazer (BARTHES, 1974). Pode-se dizer que a escritura é um texto que mobiliza linguagens diferentes para inventar realidades diferentes. Um texto que permite inventar outras realidades, uma espécie de autorização para escrever inventando outras realidades, extravasando o texto burocrático, convencional ou acadêmico.

Com Barthes (1974), há potência para escorrer entre forças de obediência. A liberdade da linguagem, por assim dizer, linguagem livre, aciona a escrita da função de uma coordenação pedagógica para tirá-la da cristalização da linguagem dominante. Não há como desvincular a escrita da leitura. Não há vida numa sem-a-outra, já que se complementam.

A escrita como ato político acontece pelos encontros, por estar afetada e capturada por ideias outras, aquelas que vêm trazendo inquietações e vontades. Do contrário, há o fortalecer da linguagem reprodutiva, consolidando um cenário de crença improdutiva, arraigada ao longo dos tempos na escrita do corpo de uma coordenação.

A escritura, portanto, autoriza uma desobediência inventiva necessária à escrita de uma coordenação pedagógica engessada por protocolos. A escritura é despida de qualquer ligadura que fundamente sua existência. A não escritura é um texto que, antagonicamente, só tem valor se possuir fundamento da existência dessa ligadura. Escrever em uma coordenação pedagógica é inventar possibilidades de resistências pela função pedagógica como espaço político ocupado, culminando no coletivo.

Cabe trazer que se espera com este texto, despertar, também, quem o lê para vontade um quanto frutiva de experimentar... mais que isso, vontade de experienciar o ato de cartoculinar, aquele que vai suscitando questionamentos e provocando desejos.

Eis que um acompanhante fiel da moqueca pimencratizada é o molho de pimenta. De textura aveludada e inicial gosto que puxa para o doce. O molho é o que conjuga a tríade moqueca-arroz-pimenta no estilo tipicamente baiano. Tem um suspeito sabor que deixa expectativas a espreitar os sabores porvir. De textura encorpada, um tanto leve, o molho é gentilmente despejado na moqueca pimencratizada de modo que seja parte da mordida de fome que o encontrará.

Tamanho é o esvaziamento da mente ao cozinhar! Se lançar ao processo vivo e movente do cartoculinar oportu-

niza fuga das angústias, minimiza os tormentos pela sábia decisão de experimentar sensações, ora doce, ora picante, ora salgado, ora poético, ora indescritível, que ajudam a arquitetar caminhos num trilhar dinâmico e inventivo.

Por ora, o convite para preparar o molho de pimenta para acompanhamento da moqueca pimencratizada com arroz vai a você, leitor. Seguem pistas à experiência da invenção imaginando uma mistura suave, até frutada, mas com a ardência da pimenta no ponto, aquela que dá calor nas bochechas e que traz suspense, já que nunca se sabe qual ardência vai aparecer.

Para a cartoculinância, veja os ingredientes à la Gabriela (2012) para experienciar a prescrição suave e de ardência gentil.

Molho de pimenta

- torrar o camarão seco e machucá-lo junto das pimentas num pilãozinho de madeira;
- numa frigideira, colocar o azeite de dendê para aquecer e nele refogar o camarão pilado com as pimentas;
- temperar com sal.

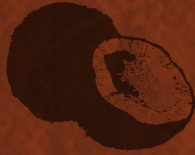
Dadas as ações, seguem os ingredientes necessários ao molho, sabendo que, cabe a você, leitor, a possibilidade da tentativa de cartoculinar:

- 100g de pimenta-malagueta
- 100g de pimenta-de-cheiro
- Sal a gosto
- 200g de camarão seco
- 1 xícara de azeite de dendê



Suspeito sabor





PELO COCO





CAPÍTULO TERCEIRO

O SEGREDO DE MALVINA

(nascida para um grande destino, presa em seu jardim)

*A moral se enfraquece, os costumes degeneram,
aventureiros vindos de fora...*

(de um discurso do dr. Maurício Caires)



INTUI



Um texto é tecido pelos tantos encontros que invadem a escrita em seu processo. Este esteve parado por um curto tempo, assim entendendo que as pausas são, elas também, aberturas para possibilidades que vez ou outra aparecem no ócio. Aberturas para seguir cartografando as intensidades de uma rotina de estudo, leituras e revisões em uma repetição constante.

Age sobre esta escrita, entre muitas forças, a de um mestrado em tempos intensos de vida atravessada por experiências que gritam como possíveis para a feitura de um texto que intenciona tramar-se a partir da culinária pela literatura jorgeamadense, intuindo a escrita da função de uma coordenação pedagógica atravessada por movimentos macropolíticos, como a escrita instrumental, na esteira da sua institucionalização; e micropolíticos, como o ato de cartoculinar, fazendo-se, pois, um ato micropolítico.

A literatura atravessa a escrita com força neste capítulo, na medida em que arrastam não somente vocabulário, mas também estética e características que conferem ao texto potência conceitual e narrativa. Com Gabriela, cravo e canela - capítulo terceiro, sendo rabiscada, tracejada e marcada, dispara na página 137 da literatura jorgeamadense, uma atmosfera borbulhante que convida a um movimento de "acordar" da institu-

cionalização incrustada na escrita da função de uma coordenação e passear em giros de passos de dança nas possibilidades de feitura de texto.

O "segredo de Malvina" (AMADO, 2012) é um sopro para que se haja debandada desvinculando-se de realidade opressora que possa se viver em uma sociedade. Esta escrita também intui soprar em debandada, tentando desvincular-se da instrumentalização a que está colada, protocolada, encaixotada em uma função acorrentada a prescrições de leis, normatizações institucionalizadas.

As formas naturalizadas de pensar e escrever na sociedade (pouco a pouco) enfraquecem-se, degeneram-se pelas aventureiras provocações vindas de fora: são essas as provocações que a literatura acende frente às leis e aos protocolos de organização (BORGES, 2018) na regência da escrita de uma coordenadora-pesquisadora que se desperta para a consciência do direito de a escrita querer desviar de padrões universalizados.

Uma escrita em debandada arrasta atos de subjetividade em enroscamentos de forças macropolíticas e micropolíticas (GUATTARI, 1987), encontrando cenas do ciclo vicioso do sistema institucionalizado que apenas faz abertura para escritas repetitivas.

Para escapar do cerco da burocracia pedagógica, da cafetinagem administrativa: ágil em determinar, maquinar, controlar, dar forma, infertilizar e generalizar os textos da função de uma coordenação pedagógica - é necessária a abertura para escritas outras, as que anunciam e escrevem potências - são elas, as escritas para cheirar, para ter prazer de texto, para

provocar questionamentos de códigos que padronizam, curto-circuitando-os para sobrevoos de escritas pelas tentativas inventivas.

Tão assim, o terceiro capítulo movimenta a itinerância pelas frutas, coloridas e únicas em produção num estado como o da Bahia, de clima sempre quente e amistoso para o crescimento de polpas aveludadas e suculentas como mel. Fala-se dos cocos de cacau, aqueles frutos amarelos cor de ouro com nuances dourada, que dão "grãos moles e brancos de mel" (AMADO, 2012, p. 165) a cheirar de entontecer mais e mais quanto mais secos vão ficando.

Aqueles que são base para a produção do chocolate e, quando posicionados em escritas de Jorge Amado (1977b) dispara a produção de uma consciência subversiva em seus personagens, movimentando forças em meio à engrenagem capitalística da exploração e opressão sociopolítica e econômica de classes sociais; assim como transcorre em Gabriela, Cravo e Canela (AMADO, 2012), quando Ilhéus é invadida pelo astronômico implemento desses cocos de cacau na economia local, movimentando a dinâmica na costumeira cidade e envaidecendo seu progresso civilizatório de padrões sociais em um impetuoso ritmo, enquanto a poderosa engrenagem gira na luta por terras e no duro e amargo trabalhado nessas terras cacaeiras.

Liquidez acetinada



Em cartoculinância, passa-se a falar de outros cocos - aqueles de polpas aveludadas e áureas que matam a sede de quem bebe sua água, chegando a escorrer pelo canto da boca em bico quando tenta não deixar escapar o gosto refrescante de fruta. O coco, ingrediente tão múltiplo na culinária, atravessa a temática deste capítulo, na continuidade de uma "resistência e também uma política" (COSTA, 2017, p. 21) que vem se expressando pelo cartoculinar em defesa pela singularidade de uma escrita. Assim, este capítulo que começa a desenrolar intui a escrita da função de uma coordenação no atravessamento dos movimentos macropolíticos e micropolíticos (GUATTARI, 1987) tomando a escrita instrumental e o ato de cartoculinar.

Há, por esses movimentos, muitas vezes, um invólucro rígido, composto por filamentos, assim por dizer de tipologia de coisas, instruções dirigidas da função em que o funcionamento macropolítico das normativas legais torna o interior da função de uma coordenação tão burocratizada, tão rígida, que torna sua escrita institucionalizada.

O invólucro de filamentos rígido e irregular do coco que se quebra, enquanto verte uma liquidez acetinada, faz vê-lo enquanto macropolítico por si só, cru e inteiro de si, furado para verter água límpida e nutritiva; e micropolítico, quebrado, dilacerado, macerado, liquidificado para compor distintos quitutes dentro das mais variadas preparações culinárias, dando cremosidade, coloração, fazendo estalar crocância singulares.

O cartoculinar, com a intensidade que vem arrastando nesta escrita, extravasa a cozinha de memórias e vai para fora de casa, abrindo espaço para tentativas outras de cenas

que levam a manipular ingredientes culinários. A escrita da função de uma coordenação urge por um movimento de singularização, de fazer-se diferente em meio ao amontoado homogêneo proposto pelos protocolos de organização (BORGES, 2018). Gabriela (AMADO, 2012) também acena nessa etapa de escrita como a personificação de tal singularidade: contra o sistema de costumes, contra o fazer do comportamento social esperado, contra as imposições sobre seus quereres.

O coco tem a casca protetora forte e de difícil acesso, mas revela uma brancura em joia e liquidez acetinada quando aberta na escorrência que vaza a proposta nesta escrita: mais livre, inventiva, singular. Costa (1997) comenta como a versatilidade do coco, originado da árvore do coqueiro (*cocus nucifera*), da família das palmáceas, vai tanto da utilização da fruta *in natura* até a preparação de diversas cocadas e tantos outros quitutes. Diz que se pode "utilizar em receitas para fazer batida, licor, vitamina, óleo, doce em calda, fruta cristalizada, musse, sorvete, salada de fruta" (COSTA, 1997, p. 63-64).

Talhado à faca e sob o brilho do sol já de fim de tarde, sensível e gelado, verte água que mata a sede em goles vagarosos. Pinga a água transparente de um verde tropical na itinerância do trabalho. São tempos de volumosas entregas de relatórios a setores. As faces do coco são abertas pela destreza da sua talha que acenam uma fruta múltipla... é água, é polpa, vira leite, é ralada, feita em lascas. Sua manipulação como uma fruta plural revela preparações distintas em tamanhos pequenos, menores e minúsculos que fazem viva a situação de esquecimento que cobre por vezes, muitas das ruelas em tantos espaços de vida do nordeste.



As faces do coco



Na beira de praia, rios, barracas, ruas... talhado e vendido para matar a sede, é parte de um trabalho exaustivo, cansativo e sofrido para arcar com as despesas de se viver. Essas cenas também compõem o compositório desta dissertação - a culinária é parte da cultura do povo, e ao mesmo tempo, denuncia suas mazelas. São tantas as capturas de sensibilidade como essa enroscada entre a macropolítica e micropolítica (GUATTARI, 1987) na escrita de uma coordenação... o cartoculinar faz-se em meio à realidade! As fotografias são alertas dos territórios, no fundo talvez "a fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa" (BARTHES, 1984, p. 62) a ponto de ressoar uma ruela, desenhar um rosto e provocar uma realidade em sobrevoos de narrativa.

A ruela, na arquitetura e na engenharia de uma comunidade, anuncia a luta de populares por um lugar entre os difíceis acessos que extrapolam os limites geográficos atravessados pela inófia de solução técnica em segurança habitacional, estampada numa estética que extravasa os traços físicos da grafia. De certa forma, escoam por ela, complexas experiências de vida que perpassam questões socioculturais e econômicas que tendem a cruzar o fazer de escrita de uma coordenação, pois vasto é o público com essas experiências no território de uma coordenação pedagógica.

Fineza da ruela





Ao decidir entrar na tão conhecida "Feira de São Joaquim", em Salvador, pós-percorridos mais de 30 km para mais coco comprar, presentes são ruelas, quase labirintos, a anunciar tantos e quantos pensamentos de quem começa a preparar a bagagem de frutas e legumes antes do sol nascer, esperando pacientemente para que as cores sejam uma a uma levada para casa pelos clientes. Os olhos, a expressão, os ombros levados à frente denunciam o cansaço. Manifesta-se saltando uma fineza da ruela, abrindo-se ela, como um baú de surpresas do qual não param de sair preciosidades. São os ingredientes culinários em suas tantas variedades que tomam a atenção em passar horas escolhendo, perguntando, encostando e apalpando para ver sua rachadura e madureza.

Um exercício de paciência e cuidado é o cartoculinar. Portanto, há um grito nesta escrita, mesmo que minúsculo, em face da percepção da função de uma escrita determinada pela legislação, que passa a operar o ato da escrita na forma encaixotada e protocolada nos movimentos macropolíticos que a circundam, e que inviabilizam sua real força de ação sobre as vidas de milhares de pessoas que poderiam ter uma mudança de vida operada pela educação.

Atravessado por Jorge Amado (2012) remexe-se o invólucro amarronzado do coco, aquele que possui casca encorpada constituída por fibras que tornam o seu interior um ingrediente de cor branca, ora espesso, ora tênue. O coco é de uma ousadia fenomenal, mesmo com a dureza de sua casca é capaz de nos alimentar, como autônoma, ao natural- a fruta dá água para beber, algumas vezes mais doce, outras menos, é uma "água deliciosa e nutritiva (a água do coco verde é rica em potássio, sendo excelente remédio para desidratação), e uma polpa muito saborosa e rica em gordura" (COSTA, 1997, p. 63).

O coco é um dos ingredientes fundamentais na culinária baiana e utilizado na cozinha jorgeamadense com muita intensidade. "Salgados ou doces, os pratos baianos caracterizam-se pela presença perfumada e forte do coco" (COSTA, 1997, p. 63). Gabriela (AMADO, 2012) aposta na força e na ousadia da fruta para inventar pratos doces e salgados. Ela, na espreita de não se deixar ser tomada pela captura dos padrões sociais, movimenta-se na cozinha fazendo peripécias com o coco nas mãos, então, faz de um tudo. É utilizado em forma de leite, em raspas, em água, ou simplesmente como um matador de sede gelado e de gosto intrigante - a água de coco seria doce ou salgada? Teria mesmo cheiro de água do mar enluarada ou de fruta derretida pelo calor? Paloma Amado Costa (1997) conta que:

[...] ingleses e japoneses descobriram a água de coco e sua semelhança com os soros fisiológicos nas florestas da Birmânia, durante a Segunda Guerra Mundial. Os coqueiros vieram fazer parte da paisagem baiana em 1553, pelos portugueses, e logo tomaram conta do litoral nordeste do Brasil. Há muito que se usufruir por aqui deste remédio gostoso, que permite que o organismo resista muito tempo ao sol quente sem ficar depauperado. [...]A verdade é que é gostoso estar na praia tomando uma água de coco verde, depois comendo sua carne, usando para isso uma pazinha tirada da própria casca do coco -não acredito que na barbaria da guerra tenha havido tempo para eles aprenderem também este requinte (COSTA, 1997, p. 63).

Parte-se, então, na expectativa de resistência ao sol quente e de formas institucionalizadas utilizando o coco como porta de entrada para experimentação com uma escrita protocolada e, não menos, burocratizada nessa empreitada.

A escrita da função de uma coordenação pedagógica, normativa por natureza, rouba do coco a versatilidade de possíveis: se alguém achou que a tal fruta era só água gelada de beira de praia ou água natural de beira de rio, surpreender-se-á com a volubilidade de uma matéria que se encontra com muitas feitura plurais para estar sempre em mudança - não inteira, não pronta - em processo de aberturas.

O coco possibilita muitas preparações, mas agora a combinação com farinha de milho é para matar a fome de comer cartoculinando. O cuscuz está na primeira refeição feita por Gabriela para o árabe Nacib, na manhã marcada pela história fúnebre de honra lavada, enterros e banquete - tudo no mesmo dia. Com o levantar do sol aos gritos de dona Arminda, acorda Nacib com vistas a espiar os enterros, abre-se seu desalento ao precisar de uma nova cozinheira para assumir o restaurante (AMADO, 2012).

Entra em cena Gabriela com sua aparência desacreditada, de iniciativa fervente recém de "pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite. Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (AMADO, 2012, p. 118-119), um café da manhã que leva Nacib a não mais querer ficar sem "pedaços de cuscuz, [e] a gula a prendê-lo à mesa [...]. Divino o cuscuz, sublimes as talhadas de banana frita" (AMADO, 2012, p. 119), arrancá-lo da cozinha é difícil, pois é uma mesa de fantasia de encher os olhos e a boca degustar.

E pensar que sofrera tanto pela partida da cozinheira Filomena que o abandonara deixando saudade. Mal sabia ele que Gabriela (AMADO, 2012) chegara não somente para ocupar o vazio espaço: mais que isso, para preencher com cheiro, gosto, pele, liberdade e ousadia necessária aquele território.

No fundo, esta escrita intui também fazer como Gabriela (AMADO, 2012), chegar aos espaços vazios refugados, e ainda provocar a cortar as fitas da máquina de escrever que insiste em repetir escritas da função de uma coordenação. Para o corte, serve a faca do agigantado cabo sobre a mesa de fantasia, acoplada à afiada e picotante lâmina que descansa pacífico entre as delícias que compõem a ciranda de uma mesa.

A escrita arrasta os entrecortes dos atos legais e até mesmo os atos não normativos do dia a dia que cristalizam um efeito imposto pela sociedade capitalística, mas que ao mesmo tempo podem vazar brechas e abrir talhas na escrita, assim como a bela fatia de cuscuz ao prato.

Esse cuscuz é comido no café da manhã, no almoço e no jantar baiano. Por transitar durante todo o dia na mesa, Paloma Amado Costa (2003) considera-o uma merenda - que não necessariamente é comido muito ou pouco, e sim em distintas refeições. O cuscuz no café da manhã vem em pedaços, uma refeição com sustança para a lida do dia; no almoço, transforma-se numa espécie de farofa para o reforço da tarde; e no jantar, apresenta-se mais frugal para a pessoa sorrir dormindo.



Decorative flourish



Mesa de fantasia



Os ingredientes base para o cuscuz jorgeamadense alteram-se: além da puba, do milho, pode ser feito com farinha de arroz, e ainda com tapioca - ingredientes que ressoam a labuta do povo do nordeste. Aliás, povo levado à condição de postura subalterna, que Amado (1977b) insere em suas escritas, dando realce ao poder socioeconômico e a opressão que senhores de terras exercem sobre a classe trabalhadora.

Muito desse povo sem condições de trabalho parte em busca de ocupar espaços outros. Um desses espaços é Ilhéus, tomada pela efervescência dos cocos de cacau, que faz borbulhar possibilidades de crescimento econômico da região e arrastar centenas de retirantes - entre eles, Gabriela (AMADO, 2012), que na esteira de tal movimento é a personificação de um povo forte, que dribla as adversidades da sociedade e a secura da terra.

Recentemente, após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, o nordeste foi gritado, menosprezado e injuriado por muitos que desconhecem e ignoram a sua labuta, a sua força. A chegada ao Brasil acontece no nordeste e, é por aqui que são escoadas as muitas riquezas sem fim por séculos. Terra de gigantes da literatura, como José de Alencar, Castro Alves e Ariano Suassuna. Dentre tantas dificuldades, sua economia é crescente e vem superando a aridez do clima, e já é mais que hora de ir operando microfissuras no pensamento xenofóbico e despreparado de quem fala sem o conhecer.

São tempos de desmonte de direitos sociais, entre

os quais os educacionais e de esvaziamento de ações coletivas democráticas pelo estado que cafetina a seus próprios interesses, portanto, mais uma vez, faz-se micromilitância nesta escrita que posiciona a cultura nordestina como valor e multiplicidade em incontáveis possibilidades de tentativas inventivas.

A cultura dessa região fala com sotaque carregado e amistoso quando posiciona seus ingredientes culinários e pratos típicos feitos de um uso da natureza que prediz sabor próprio. O cuscuz, simples e denso, normalmente é feito em um cuscuzeiro, que é um tipo de panela alta que lembra um cone, em alumínio ou em barro. No fundo, que é mais estreitado, repousa a água para ser borbulhada elevando apenas vapor para parte superior, a qual é mais alargada e onde repousa a massa para cozimento. Então, é só escolher qual dos cuscuzeiros e se aventurar na culinária para uma mesa de fantasia.

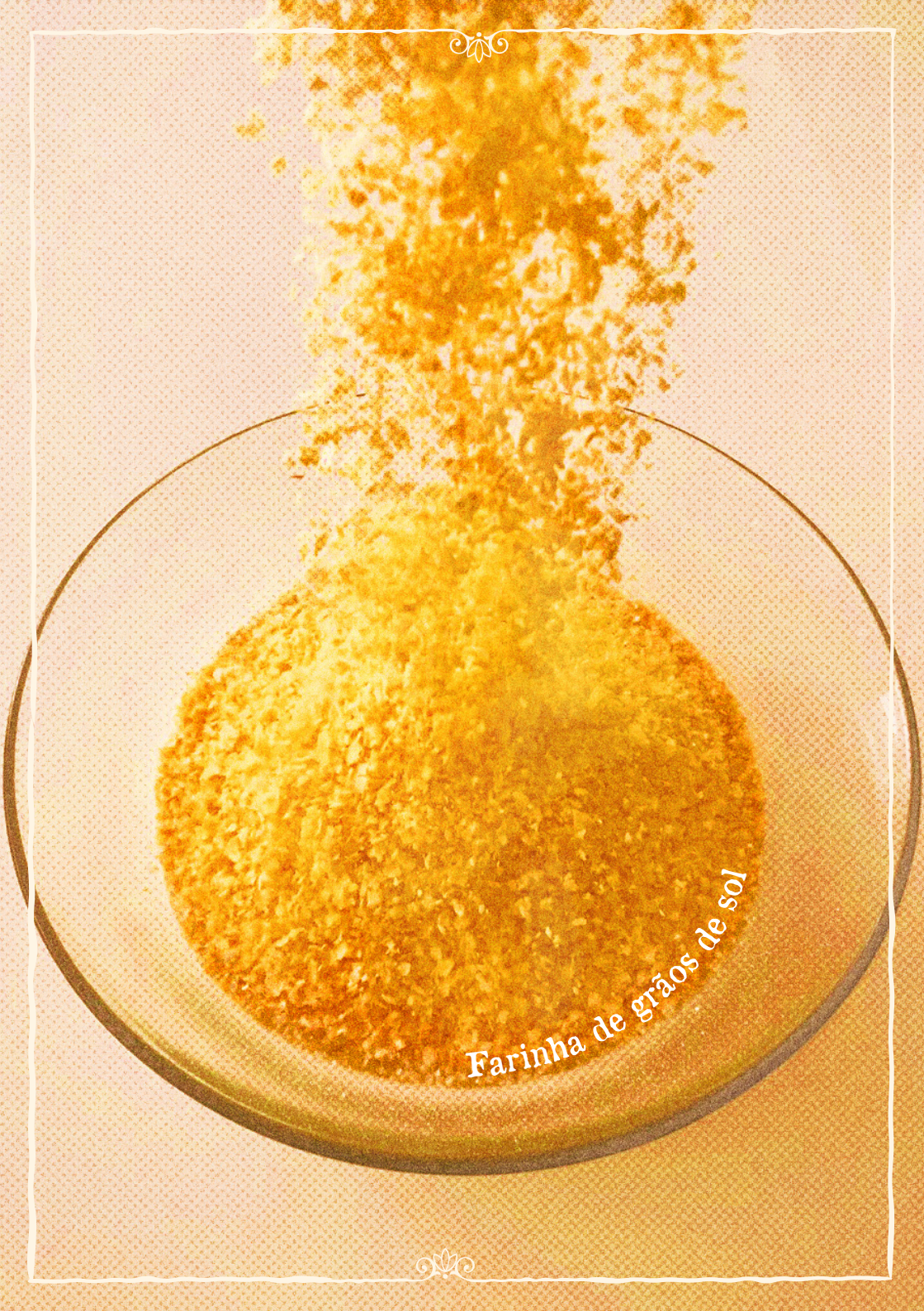
Nas comunidades nominadas "Carro quebrado e Rebolo", na cidade de Rio Real/BA (conhecida ainda como Barracão), famílias são marcadas pelo preparo do barro para a atividade da cerâmica. Uma atividade de mãe para filha, qual talvez tenha iniciado pela expressividade de barro da região.

Tal atividade cultiva uma tradição dura, peculiar, artística e artesanal influenciada pela herança cultural indígena e portuguesa, que vai do processo de extração do barro à queimação em forno a céu aberto, modelagem e pintura. É de passar horas olhando essas mulheres (parecem até pião) na modelagem de potes,

panelas, talhas, entre outros. Punge a labuta para sustentar suas famílias, carecendo de olhar em investimento de políticas públicas para melhoria da atividade e para sua própria alfabetização, pois vivem no analfabetismo de geração a geração.

A função de uma coordenação pedagógica atravessada pela mesa com cuscuz e pelas experiências de mulheres labutadoras, exige que se acorde cedo para iniciar o dia, já que o horário em espaços educacionais não ultrapassa um começo às 08 horas. O café da manhã, refeição que deve ser feita com tempo e apreço é o ideal para um dia de muitos afazeres de escrita abrilhantado pelo amarelo do cuscuz, a combinação perfeita entre a suavidade e a sustança. É o momento de preparar os ingredientes e ir à cozinha...

O cuscuz feito toma a culinária da literatura jorreamadense. Na mesa, o cuscuz é o rei em sua aparência arredondada e imponente de coroa de majestade. Para seu preparo, mexe-se com cuidado a farinha amarela, que é uma farinha de grãos de sol, lembra o sol em um dia de verão. É impressionante o que a água faz: a farinha seca e áspera torna-se macia e, como que ganhando vida, passa a exalar cheiro de comida saída de planta. É essa água que muitas terras por aqui precisam - terras áridas, povoadas pela escassez não só de água de chuva, mais de abundância de políticas efetivas, e uma enxurrada para lavar a desigualdade, isso mesmo que essa gente precisa.



Farinha de grãos de sol



Deixadas de lado por um sistema que preza pela economia de quem já tem dinheiro e relega à invisibilidade aqueles que menos têm e que labutam incansavelmente, a exemplo do trabalho na produção dos dourados dentes de ouro a vestir a espiga de cabelos ruivos e longos, esvoaçantes do vento (o milho é utilizado para fazer a farinha de milho); do coco, oásis em miniatura que se leva nas mãos em dia de sol escaldante (utilizado para fazer óleo, leite de coco, farinha de coco). Entre muitos outros produtos, as terras nordestinas de tamanho potencial carecem de um olhar sensível sobre sua capacidade de produção, clamam para que políticas públicas acenem para mais possibilidades de tentativas inventivas de crescimento territorial para melhorar também a vida dos habitantes.

Da raiz plural de tantas preparações não se pode esquecer. A mandioca, utilizada para fazer tapioca, para comê-la solitária, para fazer farinha... a farinha de mandioca é esse tesouro indígena de brancura de noiva que tanto é derramado nos pratos aqui pela Bahia, e com quem se mistura a farinha de milho para o cuscuz fazer. É símbolo da força, um tesouro indígena que muito dá para que a cultura baiana ganhe tanta força. Um tesouro, dentre outros que os povos indígenas dão à nossa cultura. E pensar tamanha dificuldade em valorizar esses povos, que por vezes, são ignorados e desmerecidos.

A mandioca brota assim: colhe a raiz puxando pelo seu caule, arrancando-a com força da terra marrom-negra quando mina um comprido pedaço de osso marrom, que quando lavado e descascado à faca, revela uma densidade de brancura invejável.



Tesouro indígena

A feitura engrossa os caldos, dá liga às massas, infere cremosidade aos bolos e polvilha os pirões das mais variadas mesas. Em derramada na cumbuca vítrea, veste de um vestido quase angelical o vidro em fundo escuro, com barra da saia desmanchada pelo chão, prestes a ser recolhida para entrar no cuscuz em preparo.

Ingrediente chave essa farinha de mandioca para dar liga ao majestoso cuscuz e fluxo ao movimentar a boca. Se faz de receita simples. Sua prescrição também é um texto instrumentalizado, faz-se de poucas escritas, poucos atos e poucos ingredientes. Avante, vai a recita!

Todavia, a escrita aqui é tentada a espreitar uma manipulação prescritiva do cuscuz, é tentada a manipular essa receita para produzir outro cuscuz. Agora, quem sabe, trazendo outros ingredientes culinários à cena... um perfume de cravo a exalar na cozinha pela janela, pelos demais cômodos da casa de memórias. Quem sabe uma escrita com cheiro do cravo possa tontear muitos pensamentos naturalizados e inférteis...

* Cuscuz de milho *

- misturar a farinha de milho com a farinha de mandioca e o sal;
- juntar a água à mistura, mexendo com a mão para que molhe por igual;
- colocar a massa no cuscuzeiro e levar ao fogo por 15 minutos, ou até que o cuscuz esteja firme;
- atentar para que se a farinha não for muito fina, a massa deve descansar por umas 02 horas antes de ir para o fogo;
- servir quente com ovos estrelados na manteiga, ou com requeijão, ou com banana frita, ou como você imaginar.

Para o preparo, os ingredientes são:

- 1/2 kg de farinha de milho;
- 2 xícaras de água natural;
- 1 colher de sopa de farinha de mandioca;
- 1 colher de chá rasa de sal.

Fonte: Costa (2003, p. 240-241)

MANIPULA



Na cozinha pela janela, a paisagem anuncia a migração outonal pelas folhas caídas das árvores. A corrente de ar que bate sobre o rosto levemente balança os cabelos ondulados enquanto o perfume estonteante do cravo ainda intenta a passar até adentrar ao nariz. Ao mordê-lo, o gosto exala um hálito amadeirado que inunda ainda mais as narinas. Um cheiro com cor de sol que doura a pele de Gabriela (AMADO, 2012), olhos cerrados, cabeça voltada ao calor que vem do céu. O cravo, ficando encharcado de saliva vai sendo delicadamente mordido e a boca rouba sua fragrância.

O cartoculinar atravessa as sensações que antes ficavam somente fora do texto para que este ganhe aberturas como escritura barthesiana (1974) fermentada por cenas de realidade e possibilidade inventiva.

Tão assim, na estação das frutas, escrevem-se e experienciam-se possibilidades culinárias do coco em atravessamento com outros ingredientes que movimentam vários sabores à mesa, arrastando possibilidades de aberturas no fazer culinário, tentando cartoculinar a escrita da função de uma coordenação pedagógica.

O ato de cartoculinar "coloca em questão o próprio sujeito operador de uma intervenção, na medida em que ele também se assume enquanto uma instituição a ser analisada" (COSTA, 2020, p. 14), despiando-se de seus próprios protocolos de organização (BORGES, 2018) para fazer a tentativa de escrever em flerte com a subjetividade, aquela capaz de transpor as realidades das cenas para o texto, colorindo-o com emoção, vivências e realidade.



Perfume estonteante



Assim, permite-se a escrita da função de uma coordenação ser aqui cartografada. Ela, que (sem querer ser) já é minada pelos anos e mais anos de instrumentalização em nome das normativas, dos moldes a serem seguidos. Há de pensar que uma coordenação pedagógica tem na sua função o condão para se embrenhar no combate aos padrões hierárquicos modeladores, questionando-os. Ao cartoculinar, pode-se abrir possibilidades para uma escrita cercada por diversos protocolos de organização (BORGES, 2018) ao considerar que há abertura para tentativas inventivas por dentro das linhas do seu próprio fazer.

Mais do que aclarar a pergunta sobre quem é a escrita de uma coordenação pedagógica, o ato de cartoculinar aponta e mostra a pergunta pela sua função de escrita, provocando micro-acasos inventivos da escrita que impõem debates, carregam para a culinária jorgeamadense e para abertura de possibilidades pelas vias micropolíticas e macropolíticas tomando essa escrita como ato político (GUATTARI, 1987).

Ao estabelecer uma comparação entre a normatização da escrita da função de uma coordenação e o ato de escolarizar, como exemplo da educação básica, tem-se que o sujeito é levado ao equipamento de ensino formal para obter a educação obrigatória estabelecida em lei²² e sua continuidade.

22. Versa a Carta Magna que o dever do Estado com a educação efetiva-se via garantia de: "art. 208, I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria". A Carta supra determina que o acesso ao ensino básico na lógica do assegurar a garantia, gratuidade, obrigatoriedade e universalidade, ao mesmo tempo que é, obrigatório ao estado, é direito público subjetivo, assegurado ao titular do direito à educação, ou seja, o sujeito tem a prerrogativa de pleitear ou não ao poder público, a oferta regular do ensino. Concomitantemente imputa responsabilidade da autoridade competente ao não oferecimento desse ensino obrigatório ou sua oferta irregular pelo poder público (BRASIL, 1988, ART. 208, §§ 1º e 2º, I).

Ocorre que o circuito de escolarização é a sua porta de inserção na sociedade pelo equipamento formal apto às transmissões de conhecimentos pelas técnicas de aprendizagem e socialização. Nesse circuito, pode haver um sistema escolarizante que cristaliza, contaminando o processo com "valores ideias" respaldado em normatização legal institucionalizante à revelia da serventia do cafetismo estatal, pelo engessamento de códigos sociais²³ nos quais estamos submetidos, formando uma "rede eficaz de controle" (GUATTARI, 1987, p. 136), bem como a rede formada pelos protocolos de organização na escrita da funcionalidade de uma coordenação (BORGES, 2018).

Nota-se, porém, uma incongruência entre as estratégias de controle social institucionalizadas e a desobediência a elas. Há, a tentativa de escrita de uma coordenação atravessada pelo engessamento dos códigos sociais, buscando fantasiar códigos mais abertos, assim como o personagem Felipe. Um sapateiro espanhol astuto, não só em consertar sapatos, como também em rebeldia, tem uma "língua suja e coração sem fel, [...]ameaçando limpar o mundo de capitalistas[...]. Interessara-se pelo drama culinário" (AMADO, 2012, p. 55). Tão como a desse astuto espanhol é, esta escrita pela diferença, na tentativa de manipulação de escritas prescritivas entre forças macropolítica e micropolítica em via de uma escrita mais astuta e subversiva (GUATTARI, 1987).

23. Códigos sociais são padronizações instituídas em uma organização societária (GUATTARI, 1987).

O funcionamento de uma coordenação pedagógica engessada por protocolos de organização (BORGES, 2018) circunscreve inevitavelmente a técnicas pedagógicas que operadas são entre os atores de seu território, todavia, não pode "circunscrever de modo válido seu campo a questões de técnicas de aprendizagem ou de socialização [sem colocar] de imediato toda uma série de problemas micropolíticos" (GUATTARI 1987, p. 50), justamente por não se tratar apenas da técnica pedagógica e, sim, da produção de sentidos frente aos protocolos das instituições (setores, secretarias, estado) sobre a função de coordenação, e esta, por sua vez, sobre a instituição (docente, escola, família, discente) que também estão implicadas ao controle do sistema que as direciona para fins de modelação por uma contaminação integrada pela aspiração produtiva.

Ocorre que a escrita de uma coordenação pedagógica está atravessada pela comunicabilidade do seu funcionamento via normas guiadas a serem adotadas dos setores que se interrelacionam nos *templates* que atuam como modelos definindo a "cara da escrita" e o executar de tal função, direcionando a elaboração das suas matérias, como no caso dos tópicos a serem contemplados em um projeto ou em uma planilha de dados dos docentes.

Essa forma vai tornando a escrita rígida, burocratizada, a ponto de instrumentalizá-la com a incumbência de movimentar "engrenagens da produção" (GUATTARI, 1987, p. 53) por protocolos organizadores da escrita pedagógica. Amparada em Borges (2018), tal tipo de escrita torna-se protocolos de organização, os quais

[...] transmitem não apenas as diferentes formas de controle como também a mensagem de confiabilidade de aplicação, pois os protocolos de organização são a manifestação do investimento repressivo sobre o *socius*, ou seja, comportam-se como um componente suportável da dominação que precisa ser disfarçado para circular entre os indivíduos (BORGES, 2018, p. 15).

Os protocolos tomam a escrita na medida em que impõem estratégias de práticas que percorrem a estrutura da comunicabilidade nos moldes de difusões pedagógicas impondo macromovimentos ou micromovimentos que determinam o ato de escrever. Isso exatamente pelas prescrições normativas que regem o fazer dos textos da função de uma coordenação, o que faz estabelecer um paralelo com Gabriela (AMADO, 2012), aquela que traz a liberdade, a vontade, a ebulição para um espaço antes ocupado pela macropolítica do *status social*, da castração dos impulsos, da alimentação dos estereótipos conservadores de comportamento - aqueles que cerceiam as possibilidades inventivas e as pintam como desvirtuadas e impróprias.

Acontece que tal feito leva a exhibir debates de uma coordenação que tende a instituir uma asfíxiante prática, uma atividade que mitiga a vida, capaz de levar à vertigem, proferindo o quão danoso é o funcionamento da escrita de uma coordenação como decalque instrumentalizado que acaba por debilitar a potência inventiva no seu fazer.

A escrita na funcionalidade de uma coordenação arrasta "microagenciamentos [...] suscetíveis de se cristalizar em torno de uma classe" (GUATTARI, 1987, p. 67), tal cristalização é parte dos macromovimentos das formas de controle profissional sobre a classe "coordenação pedagógica". Os mecanismos de controle social de classe à medida que modelam o ato de escrita prescritivamente, capturam o imaginário, injetam situações no sentido de conceber padrões sociais, impondo uma macropolítica naturalizada.

Esses movimentos entre macropolítica e micropolítica (GUATTARI, 1987) de controle da escrita da função de uma coordenação via normas, diretrizes, programas, planos... tendem a instituir padrões de comportamento. Por conseguinte, esses padrões exercem a subjetividade imposta nas relações sobre quem desempenha tais funções. Logo, a escrita de uma coordenação passa a ser muito maior do que sua mera representação no papel: ela é parte de protocolos que serializam e classificam padrões de comportamentos, esses que levam a padrões sociais.

O café da manhã com cuscuz, o sol alto, nenhuma nuvem habitando o céu, depois de três atas, uma pauta de reunião e muitas planilhas agrupando um encorpado bloco de documentos. A ruela à esquerda do espaço dessa produção maquinária é mistério a ser descoberto na sede de água para beber, quando a praia "Buraco da velha" em dia de sol escaldante é vista sendo povoada por pessoas preguiçosamente deitadas em suas cangas, vendedores ambulantes a passar, carregando cestos, mochilas, sacos de produtos e gritando suas rimas para chamar compradores.

É então que dispara um pensamento: cravar um buraco na velha institucionalização da escrita gerenciada pelos engessantes protocolos que tende a se reproduzir "mais do menos" - um buraco em seu cerne para fazer questionar e problematizar os ultrapassados padrões.

Desfila pela praia a água de coco em verdes e gelados cocos, contrastando com o mar azul celeste em combinação de cor brasileira. Da fruta, sai um líquido tímido que funciona como gotas de água-soro cintilante que desce pela garganta seca. Uma cena povoa a fotografia: uma mulher cansada do seu trabalho repetitivo e parecendo improdutivo, recebe um coco verde de um vendedor em sua humilde banca improvisada. Ele, de pele queimada dos anos de sol, chinelo surrado e semblante prestativo, talha o coco com muita habilidade, abrindo buraco de onde já pinga e escorrem gotas de água-soro que passam pelos dedos e insistem em descer antebraço a fora refrescando o corpo. Sob a banca, quase escondidos, os cocos verdes esperando serem cortados pela afiada faca em vias de cartoculinância.

De relance, provoca ressonância o queijeiro que passa em pleno sol e calor a carregar um paradoxo - a quente brasa em uma mão e na outra o frio queijo que espera ser convidado a parar para ser vendido assado, enquanto alguns proseiam vendo a belezura do azul mar. Debaixo do sol, eles que laboram são alguns dos tantos capturados pelo sistema macropolítico (como na função de uma coordenação) que enclausura em formas de trabalho extenuantes a poucos trocos.

Gotas de água-soro



A escrita da função de uma coordenação que aqui cartoculina também segura um coco na mão, mas com a consciência da produção da subjetividade captura pela legislação buscando fazer malabarismo e cambalhotas com este coco, ou seja, fazer micropolítica nesta escrita. Uma consciência, também em Gabriela, que é capturada pela instituição casamento e dela escapa (AMADO, 2012). A captura é aquela que nos tolhe, faz com que entremos em um padrão, o que aqui não é julgado ou visto como bom ou ruim, apenas percebido como uma construção social que colabora para a total ou quase anulação das possibilidades de viver em suas potências (da dança, do movimento, das vestimentas, do trato com as pessoas...).

A coordenação pedagógica como profere Zordan (2007), depara-se com distintos discursos e lida com tensões impostas e estabelecidas pelos cânones sociais numa emaranhada relação de luta e poder no lugar de força que incube à função dessa coordenação questionamentos em relação à própria prática de escrita. Tanto na esfera espacial (das relações tecidas entre setores, instituições e atores educacionais), quanto na esfera temporal (das implicações que extravasam e atingem essa função estabelecendo contornos políticos), a escrita perpassa a estrutura de funcionamento hierárquico e subjacentes modos de pensar e fazer pedagógico estabelecendo padrão nessa função.

Entender que a função de uma coordenação exerce força pelo movimentar das normatizações, das condutas institucionais estabelecidas e das macrolinguagens foi e é essencial para a micromilitância nesta escrita enquanto

uma política que "está sempre em luta pela sua própria existência" (COSTA, 2017, p. 26), a favor de fissurar a escrita instrumentalizada para instaurar atos pensantes, atos políticos.

Com a culinária, política e literatura, utiliza-se aqui, do comer, do beber, do cozinhar, do degustar, até do prosear sem preconceitos para fantasiar uma escrita que também tensiona a inversão dos padrões e valores reprodutores de verdades da sociedade capitalística.

Ainda tomada pelo gosto intrigante da água de coco verde, é mirado o invólucro de casca grossa que enrola a polpa e um líquido tímido de dentro da fruta. Cartoculinar com o coco exige parcimônia... apesar do cheiro suave, seu gosto e textura são marcantes e devem ser usados dosadamente. Empilhados, dormem no cesto da despensa. Inunda uma vontade de cortá-los e prepará-los, mas, para quê?

A despeito da demorada escrita, os cocos da despensa seguem depositados em uma pilha que se equilibra com cuidado, sentados uns nos outros dentro do cesto. Volta e meia os olhos sobem a folha na máquina de escrever. O que poderia ser preparado com tais frutas? A escrita teima querer fugir para a cozinha e o olhar atravessa o líquido tímido do coco para o mar de possibilidades que se abre.

Trazendo isso para as durezas protocolizantes impostas à escrita do corpo de uma coordenação, há que se ter força no olhar para atravessar tais durezas e faíscas lançar. Segue o texto como a variabilidade do coco. Enche de ideias para experimentação com o canudo ainda de pé ao seu lado. Abre-se para inventividade.



Líquido tímido



Segue o texto como a variabilidade do coco: já sem água, bebida a goles largos de sede; quebrado sua polpa extraída tem toque cremoso para preparos de doces e salgados. Enche de ideias para experimentação com o canudo ainda de pé ao seu lado. Abre-se para a visão outra de inventivas no cartoculinar.

Considerando que a função de uma coordenação pedagógica opera como fio condutor entre os sujeitos que se interdependem nos distintos espaços educativos de forma a oxigenar e nutrir o processo educacional, essa coordenação tem na sua escrita, força para fomentar pautas que tombem as macrodeterminações das normas que padronizam e universalizam o modo de escrever à medida que se põe à disposição do educar um labor micropolítico de incansáveis estudos, leituras, conversas, discussões, planejamentos, dentre outras. Um labor que talvez seja o mais intenso no que diz respeito à interdependência dos atores, que se efetiva no compasso do delinear das ações coletivas nas relações do território educativo.

A função de uma coordenação pedagógica opera como fio condutor entre os sujeitos que se interdependem nos distintos espaços educativos de forma a oxigenar e nutrir o processo. Está na escrita a força para fomentar pautas que tombem as macrodeterminações das normas que universalizam o modo de escrever à medida que se põe à disposição do educar um labor de incansáveis estudos, leituras, encontros.... um trabalho que talvez seja o mais intenso no que diz respeito à interdependência dos atores nas ações coletivas do território educativo.

Assim, subverter a verdade naturalizada sobre o funcionamento dos textos de uma coordenação, violentar-se, negar-se ao decalque saltando voos, diz respeito a abrir micropassagem

pela escrita no interior das relações coletivas em prol de acionar um levante à funcionalidade de escrita da coordenação.

Esse saltar voos é posto na mesa da cozinha, de frente à bancada que dá paisagem inspiradora pela janela. Manipular ingredientes montando uma mesa que proporcione um fazer outro ao que pode ser feito de maneira decalcada como a receita de cuscuz de milho mesmo sendo inventada por Gabriela (AMADO, 2012) abre micropassagem na continuidade da inventividade.

Montando uma mesa com a preparação do cuscuz, vem a ousadia para a cena, adicionando a leveza do coco à mistura cor de sol do milho. O resultado é um cuscuz com cara de bolo e gosto singular entre sabores do doce e pitadas do salgado numa heterogeneidade provocativa.

A heterogeneidade provocativa se complementa levando em consideração a prescrição macropolítica da receita que reapropriada, manipulada, produz um singularizante cuscuz pelo fazer micropolítico.

Desse modo, a partir da reapropriação dos elementos de subjetividade que emana singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1986), rouba-se da personagem literária Gabriela (AMADO, 2012) a audácia de manipular o coco junto ao milho em vias de formar não somente uma mistura marcante, mais que isso, de abrir possibilidades que acenem também, brechas para a escrita de uma coordenação pedagógica presa na institucionalização da sua função, que somente repete padrões em incontáveis seriados protocolos de organização (BORGES, 2018). É se reapropriando das macrodeterminações que escapam aberturas de possibilidades para escritas singulares.



Montando a mesa



A toalha branca sobre a mesa vai sendo preenchida com preparações distintas para um cuscuz manipulando ingredientes de Gabriela (AMADO, 2012). Os cabelos das espigas, ruivos e louros, balançam enquanto a faca corta seu crespo vestido para a descoberta de um corpo de muitos dentes amarelos. Saem os vestidos para que os dentes sejam gentilmente ralados em uma vasilha de vidro.

Enquanto isso, o coco ralado na feição de neve aromática vai caindo como chuva de neve em flocos finos feito pluma a encher o fundo da vasilha de vidro a esperar o milho. A mistura para o prato é simples e de uma microação sobre o cuscuz tradicional: fissurado, manipulado, modificado em uma possibilidade outra.

Dos ingredientes arrumados sobre a branca toalha na mesa da cozinha para preparar um inventivo cuscuz, ressoa um cheiro que sai como enfeitiçamento na cozinha pela janela e atíça até quem não tem fome: milho, coco, especiaria de canela encontrando o cravo... um cheiro quente, um cheiro de cozinha de memórias. Um gosto salgado-doce que remete ao entre nos extremos do doce e salgado e que marca um singularizante sabor.

O convite agora é para acompanhar a coordenadora-pesquisadora nessa experiência inventiva.



Neve aromática



Cuscuz de coco * à la Gabriela *

- ralar as espigas de milho até que virem uma massa;
 - em seguida, misturar a massa com a tapioca, o coco ralado, o açúcar e o sal;
 - acrescentar a água a esta mistura, mexendo bem com a mão para que se molhe por igual;
 - deixar a mistura em repouso por 10 minutos antes de ir para o fogo;
 - colocar água no fundo do cuscuzeiro suficiente para o cozimento e acrescentar nesta água os cravos e a lasca da canela;
 - depositar a massa no cuscuzeiro, aplaná-la levemente e levar ao fogo. Estará pronto quando primeiro o cheiro do cravo exalar, seguido da nuance entre a canela e o coco a tomar conta da cozinha e exalar pela casa. Nesse momento, vai ver que o cuscuz estará firme e fofo ao dar duas batidinhas com uma colher de ferro;
 - servir quente com o acompanhamento que você imaginar.
-

Para servir 6 pessoas, é necessário:

- 6 espigas de milho em estado intermediário de seca (nem mole nem duro);
- 1 xícara de água;
- 1 xícara de coco ralado;
- 3 colheres de sopa de tapioca;
- 1 colher de sopa de açúcar;
- 1 colher de chá rasa de sal;
- 8 cravos;
- 1 lasca de canela.



Salgado-doce



ATRAVESSA



O cheiro ao abrir o pote de vidro sobre a bancada inunda as narinas e faz dar um suspiro de felicidade. É um cheiro afetivo, aquele que carrega a casa de quando criança, a cozinha de memórias, a força de um pai como educador ... de dentro do pote, as canelas enroladas e elegantes pousam como que se pudessem ser tiradas dali e comidas às mordidas.

Gabriela (AMADO, 2012) tem cor de canela e perfume do cravo. Pele amarronzada e ainda dourada pelo sol – é a cor de Gabriela. Espanta que tamanha beleza tenha saído de uma realidade de retirante sofrida e desprovida de todos os confortos, uma realidade comum no nordeste. Uma mulher que entra em cena para substituir um espaço na cozinha, ocupa também o coração do árabe Nacib arrastando tudo que tem direito: desejo, paixão, vontade. Exala sensualidade não somente sexual, mas uma que se liga diretamente à curiosidade de experimentar, de fazer manipulações, de pensar receitas, de mover o corpo com a música mesmo que ela nem tocando esteja.

Uma mulher sem explicação! Com atrevimento e desobediência aos padrões sociais, desde quando decide deixar o sebento aglomerado de retirantes onde vivia e se lançar a divagar fugindo da seca em vista de trabalhar alegre e faceira com risada nos olhos e na boca para uns e também para outros. Ela vem desnudada de chinelo, porém, com pés a deslizar pelo chão e cheia de vontade de cantar modas sertanejas, numa espécie de respirar a liberdade.

A close-up photograph of several cinnamon sticks. The sticks are rolled, showing the characteristic spiral pattern of the bark. They are arranged in a cluster, with some lying horizontally and others vertically. The lighting is warm, highlighting the texture and color variations of the bark, from light tan to deep brown. The background is dark and out of focus.

Cor de Gabriela



O cartoculinar permite singularizar, afastando-se do naturalizado da escrita, o que faz remeter à cachaça de fazer política na estampa da capa do diário de Ilhéus com a nota: "Itabuna apoia o programa de Mundinho Falcão", um movimento que lança um tiro ao peito do coronel Aristóteles Pires, que na fantasia de fazer junto a Mundinho, o porto do Malhado e prosperar a cidade, caminha em direção ao bar de Nacib para comer quitutes feitos por Gabriela, beber e soltar a língua para discutir política. A ousadia do personagem Aristóteles em contrapor os interesses políticos vigentes custa caro, no entanto, não é suficiente para subverter os padrões impostos. Felizmente, ele não morre e a sua cachaça política não o torna um homem rico como muitos. Em tensão política acirrada, diz que não se preocupa muito com praças e jardins, mas com a urbe interiorana abstando-a de jagunços e fazendo-a prosperar (AMADO, 2012).

Não diferente dos dias atuais, há esses poucos "insanos" nas relações de forças, contrapondo o padrão naturalizado e ousando inventar, entretanto, na maioria das vezes, não são compreendidos e, com isso, são censurados. Comboiá-los requer uma postura elevada - acima do bem e do mal, pois é possível que nessas relações haja violência e regras. Há, macropolítica e micropolítica nessa relação de força em constante oscilação, que provoca uma exaustão naqueles que tentam modificar essas relações pela interferência micropolítica. Todavia, é nesse movimento incessante oscilatório entre a apropriação e reapropriação das políticas que pode acontecer a singularização (GUATTARI, 1987).

Gabriela (AMADO, 2012) lança-se ao acaso nas tentativas culinárias, abusa do riso, das suas convicções, do corpo

dançante, da voz cantante e da liberdade, afastando a força da censura. Tem nas mãos o peso do papel matrimonial imposto pela sociedade para comportar-se como uma senhora Ashcar Saab, ao molde convencionado numa cerimônia em que "Nacib de azul-marinho, [ela] a sorrir, de olhos no chão" (AMADO, 2012, p. 211) casam-se.

A abusividade de Gabriela (AMADO, 2012) não sucumbe aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade; volta ou outra, está ela a voltear dançando um bom coco mexido ou um maxixe embolado, rompendo com atrevidos e perigosos passos o convencional padrão de mulher casada da alta roda da sociedade e embrenhando-se na política em via militante. A ousadia ecoa na contramão dos padrões sociais que ditam normas de comportamento no sistema da sociedade, esse que nos coloca na maquinaria da reprodução macropolítica e micropolítica que captura e investe nas subjetividades prescritivas e modelares (GUATTARI, 1987). Esses que fazem com que os indivíduos assumam um espaço previamente esperado pelos protocolos de organização para que ocupem ou desempenhem determinada função social (BORGES, 2018).

É na inspiração da micropolítica militante de Gabriela (AMADO, 2012), que a escrita da função de uma coordenação pedagógica se ocupa a permitir problematizar no plano político de seu fazer, entendendo que há equilíbrio de forças estabelecido entre o como, o sentido e as relações sociais.

Na esteira desta escrita, abster-se aos movimentos macropolíticos pela inércia em detrimento dos movimentos micropolíticos não é o que se busca tratar aqui; trata-se de questioná-los (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Enquanto os primeiros movimentos passam pela representação do modelo, da prescrição; os segundos

passam pelos microfazereres, e é onde, pois, instaura-se potência para fluxos, para singularizar uma escrita, por isso, a micro-política pelo cartoculinar carrega força singular nas linhas desta escrita.

A função de uma coordenação pedagógica está centrada na instrumentalização da escrita pelos protocolos de organização que são regimentos organizativos (BORGES, 2018), de forma que são componentes de dominação a funcionar como violência constante "introduzida e reproduzida no *socius*. Sua sutileza faz com que sejam aceitos ainda que sob algum tipo de dúvida [e] engloba todas as formas de controle disponíveis no campo social" (BORGES, 2018, p.15). Considerando que esses protocolos anunciam formas de controle social, embrenhar na escrita entre esses pormenores faz com que, talvez, entenda a condição desse sistema de dominação e os inconscientes elos que nos tomam a aderi-lo.

Borges (2018) traz os protocolos de organização como uma constituição de experiência referenciada, que transmitem formas de controle e asseguram uma confiabilidade de aplicação. As escritas da função de uma coordenação pedagógica partem, pois, de uma estrutura calcada em protocolos, uma vez que se fazem com o intuito de assegurar a manutenção "da manifestação do comportamento repressivo sobre o *socius*" (BORGES, 2018, p. 15).

É o enquadramento da escrita que opera pelos protocolos na forma "abstraída da estrutura molar" (BORGES, 2018, p. 15) e, espriam a fim de instrumentalizá-la para o cumprimento de atribuições como ingredientes conservadores de funções sociais. É isso que acena como ponto importante a se fitar nesse momento.

Normalmente, imprime-se em determinadas funções organizadoras da sociedade valores sociais referentes ao modelo sociopolítico vigente. Transpondo-se esse pensamento para a escrita da função de uma coordenação, têm-se os protocolos como formas de organizar os textos que carregam fortes marcas de instrumentalização e institucionalização com o fito de fazer a manutenção do modelo de pensar vigente.

Faz parte da função de coordenação cumprir prazos, como no caso de acompanhamento relativo ao desempenho educacional através de relatórios a molde de *templates* em via de atingir macroobjetivos. Ocorre que o movimento micropolítico pode agir na escrita dessa função como possibilidade singular dessa mesma escrita, dado que o movimento de singularização se abre com a generalização - aquela que domina invariavelmente as produções existentes dentro de tal função.

A generalização inviabiliza as possibilidades inventivas, mesmo as minúsculas, e coloca o fazer da escrita como formador de identidades calcadas na repetição e no decalque, atos protocolares sobre a função da escrita. Daí, o questionamento aos protocolos de organização, que acontece essencialmente pela sua possibilidade de abertura para a operação com experimentação singular. O cartoculinar, como método movente da pesquisa, intenta a singularização de um movimento prescritivo, saído da legislação e dos tantos gêneros textuais componentes da escrita da função de coordenação e vindo para as receitas culinárias.

Guattari (1986), em entrevista para o jornal Folha de São Paulo, comenta que uma das características da sociedade capitalística é a de cercear, bloquear processos de singularização, visto que os indivíduos são atenuados à "condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento dos seus modos de

vida. Passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 38). Gabriela tem o estabelecimento que a torna senhora Saad (AMADO, 2012), através da imposição da instituição casamento, e deve, a partir de então, comportar-se como uma esposa.

A palavra "esposa" está imposta à carga de postura esperada pela imposição do modelo da sociedade que coloca a mulher, tradicionalmente, na ocupação de um espaço subalterno em relação ao marido, destituindo-a do controle de seus próprios desejos.

A subversão dessa identidade imposta passa por um processo de singularização, que se repete nessa tentativa de escrita: o de fazer um texto em tentativa de questionamento constante à legislação que universaliza e aos protocolos que instrumentalizam e reduzem ao binarismo a escrita.

A preparação do coco como ato de singularização exige também sua colheita: fruta de trabalhoso acesso, dorme grudada aos galhos do coqueiro em dia de sol e de chuva, amadurecendo seu líquido e sua polpa em um funcionamento integrado que se abre para possibilidades diversas chegando a extrapolar a culinária. Na infância, pode até denominá-la de verdanção tropical pelo verde tropical brilhante que fascina.

A extração do coco acontece, muitas vezes, até sem instrumentos de segurança: apeada e habilidosa, uma pessoa vai subindo pelo tronco com pés colados na circunferência e braços fazendo força de impulsão. Ao encostar nas grandes frutas, joga-as para baixo com destreza para que, quem espera lá embaixo, consiga pegá-las caídas no chão. Se caem na areia, não quebram, parecendo que o despencar lá de cima remexe sua água para que fique mais vívida e adocicada.



Verdança tropical

Comenta Guattari (1986), como a imprensa acaba por produzir no dia a dia indivíduos esvaziados de singularidade e processos empobrecidos pela padronização de suas produções. Tal processo, casa com a feitura da escrita da função de uma coordenação pedagógica esvaziada de sentido pela repetição excessiva de tarefas que visam somente a "escrever mais do mesmo" com o intuito de manter os padrões.

Calha que os modos de subjetividade macropolíticos e micropolíticos oscilam no corpo da função de uma coordenação numa relação de "alienação e opressão [que] se submete a subjetividades tal como a recebe, ou[...]de criação [que] se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 33) de singularização. A escrita dessa função, portanto, tem a força de decisão da submissão ou da inventividade.

O processo de singularização age como a própria inundação de produzir outros sentidos, como os que nos remetem ao cantar de Gabriela querendo, com constância, voltar ao seu "fogão, [...] a seu dançar marinho, a seu vestido de chita, [a seu] pensar" (AMADO, 2012, p. 214), expressando seu corpo como parte de singularizá-lo mesmo institucionalizada pelo instituto casamento.

A singularidade, pois, opera por movimentos de intensidades que se definem através de matérias a ressoar em amontoado de possibilidades únicas, como o ato de cartoculinar desta pesquisa por meio de traços jorgeamadenses, e como a singularidade de Gabriela (AMADO, 2012) por seus comportamentos irregulares.

Os protocolos de organização na escrita da função de uma coordenação impõem o dever de cumprimento de normas

institucionais aos moldes de produção perversa, maquinária e dominante (BORGES, 2018). Sendo eles, então, parte de um estado-cafetão²⁴, "que as reconhece enquanto corpo a ser mantido em bom estado para que dele se possa extrair mais-valia" (GUATTARI, 1987, p. 37). Esse adjetivo aplica-se ao estado quando extrai da função de uma coordenação pedagógica índices diversos (por vezes, preso à modelagem de dominação), pelas atribuições excessivas de escrita na função que extrapolam os limites institucionais, pela desejável "pacificação política" situada do território educacional, enquanto flui o fluxo comunicativo-administrativo entre os atores nas instituições (escola, secretarias, sociedade) para que possa atender ao interesse cafetinista.

Em *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012), a engrenagem cafetinista opera pelos cocos de cacau "sob o sol ardente [...]. O trabalho [começa] com o raiar do dia, [...] um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura, comidos às pressas na hora do sol a pino" (AMADO, 2012, p. 165), enquanto a fisionomia da costumeira terra cacauqueira expande em paralelo a fortuna dos senhores de terras e suas normas, instituindo padrões sociais em repetição mais e mais.

Cabe ao estado legislar, operando nos ditames das leis, por meio das quais se instauram os protocolos de organi-

24. Termo extraído do pensamento guattariano (1987). O autor, em 1975, escreveu um artigo, quando um grupo de prostitutas estava em pleno movimento de ocupação de igrejas, principalmente em Paris e Lyon, protestando contra aquilo que elas chamavam de "estado-cafetão". O Estado, por um lado praticamente legalizava a prostituição - as prostitutas deviam, por exemplo, submeter-se a exames médicos - e, por outro lado, as castigava constantemente com multas pela prática ilegal de trottoir (a prostituição explícita nas ruas e calçadas), vendo-as apenas enquanto corpo.

zação (BORGES, 2018) com estratégias de padronização, que especialmente, na escrita de uma coordenação pedagógica ditam prescrições, instrumentalizam e institucionalizam os textos dessa função.

A normatização exercida pelos protocolos induz ao assentamento de padrões e comportamento sociais, que homogeneízam as ações exercidas por determinadas posições em meio a uma movimentação macropolítica. Com isso, a escrita da função de uma coordenação pedagógica capturada pela legislação e regida pelos protocolos tem suas possibilidades singularizantes cristalizadas, naturalizadas e universalizadas de modo a atender a determinados fins.

A lógica do sistema, além de cafetinar a escrita, acaba por colocar os próprios profissionais em tal posição, uma vez que são impostos a laborar mais e mais, a fim da obtenção de ganhos econômicos para a aquisição de "posses". Uma vida em face de produzir para consumir, sendo que, muitos desses bens consumidos, como aparelhos eletrônicos, livros e afins, servem exato para o cumprimento de mais funções de trabalho.

Se a literatura é mesmo o sentimento de uma época colocada no papel, pode-se dizer que Jorge Amado escreve toda sua culinária literária em *Gabriela, Cravo e Canela* (AMADO, 2012) para esta escrita, assim como a solidão da personagem Glória aplica-se à escrita da função de uma coordenação pedagógica, eis que a macropolítica do sistema capitalista e cafetista coloca essa escrita em um espaço de incompreensão do novo, ou de fabricação de um "novo novo", aquele que apenas continua a ser de mais do mesmo sendo feito, meros decalques de uma escrita que

só se repete, com o intuito de preencher espaços vazios com mais e mais caracteres aos quais são atribuídos poderes e funções que acabam por reger a vida de diferentes atores da vida pública.

Com Glória a desejar que os homens "atrasados e ignorantes, incapazes de compreender os tempos novos, o progresso, a civilização, [...] já não podem governar" (AMADO, 2012, p. 81), a última frase pode ser modificada para "eles já não sabem governar", pois a cafetinagem de uma escrita para atendimento aos interesses do sistema acaba por castrar as possibilidades de singularização de quem habita tal vida.

Nos poucos momentos de tempo livre, aqueles sem celular e longe do trabalho, sem nenhuma tarefa da função para fazer em casa em final de semana, é dia de feira. Esse cartoculinar de ir fazendo a escrita em meio aos ingredientes culinários é também um afago para quem gosta de um amontoado de cores em possibilidades singulares, vendo e sentindo a variedade que habita as prateleiras, os sacos postos no chão ou os longos cachos pendurados no teto baixo em uma feira.

Em vontade de descobrir algo para uma nova receita manipular, é momento de parar em frente a uma banca, os olhos diante de um amontoado de cores ressoam possibilidades de particularidades próprias: o que escolher nessa aquarela de texturas? Em mente, vem a versatilidade do coco e de como ele pode combinar com bananas, em uma preparação doce, ou até com o ardor sutil de uma pimenta vermelha em um molho encorpado. Atiçar o "novo-novo" é preciso!



Amontoado de cores



ATIÇA



Nesta escrita, o funcionamento se dá em processos contínuos de produção. O texto vai se compondo a partir das tramas tecidas nas relações e condições encontradas. Vai-se, ingredientes encontrando, cozinhando daqui, pesquisando e escrevendo dali... é nessa pequena fantasia de invenção, ou ao menos, de tentativa, que cartoculinar faz tantas outras produções virem à tona e as deixa com acentuado gosto de banquete baiano.

Flertes escapam em manipulações culinárias que vêm em rompante. Lembranças de um amor do passado ou de uma memória olfativa de criança. Flertes de singularidades em meio à macroescrita política, rabiscos de possíveis preparações sinestésicas que trazem cheiro, gosto e texturas heterogêneas funcionando juntas.

Cartoculinando na vontade em manipular ingredientes jorgeamadenses, eis o atiçamento para entender o movimento da escrita de uma coordenação pedagógica em relação ao funcionamento dos protocolos de organização (BORGES, 2018), que "por toda a parte [...]com as suas ligações e conexões" (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 7) instrumentalizam a escrita. Transcorrem diferentes sujeitos numa operação que responde ao comando, esse que atribui distintos moldes para que possamos produzir, cristalizando-nos. Os protocolos de organização agem alocados em formas de fazer prescritivas evidenciando

a representação e suprimindo tentativas inventivas de escrita.

Esses protocolos, conectados estão aos "conjuntos sociais de diferentes tamanhos" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 33) em devotada circulação, onde, pois, estão as leis, aquelas versadas no capítulo anterior que determinam o conjunto social que subjetiva a escrita do corpo de uma coordenação. Esse determinado conjunto social, por assim dizer, essa legislação que parte de uma determinação legal, de uma hierarquia, de uma instituição, sendo universal para todos é necessária à vida em uma organização societária, e é aqui assumida por um sujeito, isto é, pela escrita da função de uma coordenação pedagógica.

A subjetividade da escrita de uma coordenação pedagógica é capturada pela legislação, isso porque está nessas normativas legais, a captura da produção de subjetividade, ou seja, a captura do desejo. Todavia, o foco aqui não é o discurso da legislação, não é uma analítica de como se dá a produção do desejo, eis que já está estabelecida na legislação.

Urge desnaturalizar o natural, discutindo a naturalização da escrita da função de uma coordenação a partir da legislação, aquela que em conexão com os protocolos de organização passam a regimentar um sistema protocolar prescritivo em macromovimentos, os modos de operacionalização da escrita na função de uma coordenação (BORGES, 2018). E em micromovimentos tiranos, pouco a pouco, o sistema passa a anular as experimentações e as possibilidades de escrever de forma outras em prol da naturalização imposta.

Destarte, as escritas da função de uma coordenação estão submetidas a um sistema normativo de padrão formatado e dissimulado em lei que imprime uma lógica capitalista e cafetinista, compondo uma sinfonia administrativa de protocolos, cabendo a essa função o dever de cumprimento ao molde editado.

Sobre as leis, questiona-se: as legislações atendem à ampla necessidade de uma sociedade, ou mais regulam as relações sociais? Embora possamos fazer o que ela²⁵ não nos impede, fazemos o que ela nos permite. Por vezes, assistimos à elaboração de leis e à tentativa de aprovação nas casas legislativas para atender não somente as necessidades da sociedade, mas a comandos de quem ocupa o poder, dos gabinetes que mais se preocupam em deter força sobre a massa enquanto a participação popular nas casas legislativas segue anêmica.

Para além disso, a legislação não está no topo do piramidismo, há uma serventia à planetária máquina do capital - o capitalismo - que gira em linha de montagem numa imensa engrenagem capturando singularidades, sendo "obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas [exploradas] os interiorizem" (GUATTARI, 1987, p. 188) movimentando a produção sem parar por todo lugar, impondo, dessa maneira, padrões de controles dissimulados.

25. Refere-se a "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (BRASIL, 1988, ART.5º, II).

Há, com isso, um movimento da engrenagem organizativa nos territórios, em enrijecido estado, que vai se formando numa representação macropolítica, criando "roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização" (ROLNIK, 2016, p. 51) à medida que equipa cada sujeito, assim como a função de uma coordenação com estabelecimento de atribuições e protocolos que vai modelando a escrita na própria engrenagem societária. Pode, nessa engrenagem, escoar possibilidades de rasgos, de rupturas à paralisante obediência. É preciso, pois, que os lugares de fala e escrita da função de uma coordenação tramem contra a sistemática protocolar de organização.

É em um jogo ambíguo de acomodação em constante oscilação no qual se movimenta a macropolítica e a micropolítica (GUATTARI, 1987) na escrita da função de uma coordenação na tentativa de uma "capturar" a outra na medida que se encontram agarradas no território. Trata-se exatamente de tentar "arrebentar as fechaduras" (GUATTARI, 1987, p. 84), de rachar e quebrar os cocos em muitos pedaços e, ainda, de fazer desgrudar as polpas dos seus enrijecidos invólucros cabeludos, transmutando em uma brancura em joia pelo movimento da singularidade por dentro da generalização prescritiva.



Brancura em joia

A polpa do coco, nutritiva e macia, enche a boca de uma textura leve, aveludada, mas de gosto marcante e sabor duradouro. Sua versatilidade em preparações múltiplas e singulares abre também espaço para as escritas de uma coordenação tatearem possibilidades inventivas em meio a um oceano de padronizações protocolares. É preciso instaurar microfazerem onde quer que habite a escrita da funcionalidade da coordenação.

Um fazer micropolítico toma sentido e fluxo "proliferando a partir [das] maneiras de inventar, de maquinar novas sensibilidades" (GUATTARI, 1987, p. 139), como acontece com o cartoculinar que abre rasgos a proliferar uma salgada-doçura manipulada. As forças do prescrito estão na receita e na fantasia ao manipular os ingredientes levando a pensar movimentos que abalem as escritas padronizadas.

Pode-se pensar que no jogo ambíguo macropolítico e micropolítico (GUATTARI, 1987) de acomodação da escrita de um corpo coordenação, constitui-se um mapa de processos com conexões entre si. Em cada conexão que se faz e a cada arranjo que se tece, produz-se um mapa. Atravessam esta escrita movimentos de engrenagem da nossa organização social.

E tudo que nessa sociedade acontece vai se conectando, tecendo arranjos e produzindo mundos em constante movimento com efeitos por onde essa escrita habita, pois a função de uma coordenação se depara com as realidades dos gabinetes e dos atores com quem labora. Nela, também, está a subjetividade desse corpo de coordenação com suas afecções, paixões, regionalidade e distintos

fazeres de mãe, esposa, pesquisadora, estudante.

Tão assim, mel diamantado arrasta os extremos entre o doce - salgado dando outro toque de sabor no cuscuz a lá Gabriela. O açúcar é a inspiração mais portuguesa para prato baiano. O doce açúcar, trazido ao Brasil pelos portugueses em muda de cana, é parte do compositório da culinária baiana. É ingrediente que dá o toque final em variadas preparações baianas. Acentua o gosto do cuscuz, dá união ao coco nas cocadas dos tabuleiros das baianas, faz-se rapadura, mingaus, bolos... e insere um quê de vida em bebidas nas quais é colocado de colherzinha mexida em círculos até que os cristais se dissolvam.

Mel diamantado faz-se entre uma cena de açúcar capturada durante a manipulação culinária. Aparece em sobreposição a "protocolos em atos de escritas por meio de atribuições" de uma coordenação pedagógica. O açúcar é produto de vasto trabalho e cansaço de cortadores de cana em jornadas diárias de labuta excedente. A função de uma coordenação não está distante dessa engrenagem de labuta quando os atos de escritas tão burocratizados e instrumentalizados nos ritos dos protocolos atuam na forma de controle social.

Há mobilização de linguagens necessárias para efetivação dos instrumentos comuns ao exercer os verbos de ordem em fina sinfonia administrativa, como coordenar, elaborar, planejar, avaliar, conceber, estimular e implantar ações de manutenção dos padrões impostos por protocolos de organização em fazeres pedagógicos formatos para a maquinaria de elaborar atas, planilhas,

pautas, cartilhas, relatórios, dentre outros (BORGES, 2018). São comuns as ações circunscritas de dispor conteúdo em norma da linguagem padrão formal, obedecer a estruturas textuais preestabelecidas, emitir informações claras conforme a estrutura normativa, dispor conteúdo de forma persuasiva e utilizar linguagem de registro formal nos campos formulatórios.

Nota-se, o sancionamento de uma coordenação pedagógica desprovida de função política e despolitizada de potencial de formulação crítica. Há, uma macroestrutura esvaziada de sentido e formulada como modo de produção em escala de repetição da escrita que tolhe as possibilidades inventivas e firma padrões naturalizados de controle social.

Mel diamantado



Protocolos em atos de escritas pelas atribuições

Item	Atribuições	Atos de escritas	Protocolo
01	Coordenar o planejamento e a execução das ações pedagógicas nas Unidades Escolares e/ou SEMED.	<p>Formulação de planejamento</p> <p>Elaboração de pauta</p> <p>Elaboração de relatório</p>	<p>Dispor conteúdo em linguagem da norma padrão formal, atendendo aos princípios e objetivos educacionais e normais legais vigentes.</p> <p>Pautalar aspectos da reunião com fito a debater a proposta, além da data, local, horário e participantes.</p> <p>Redacionar em norma padrão, fruindo-se em registro formal, obedecendo na estrutura: título, identificação, introdução, desenvolvimento, conclusão, referências.</p>
02	Elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos.	Elaboração de relatório com estudos	Redacionar estudo quali-quantitativo em norma padrão, emitindo informações claras e obedecendo na estrutura: título, identificação, introdução, desenvolvimento, encaminhamentos e referências.
03	Elaborar, acompanhar e avaliar os planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema de ensino nos aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e material.	<p>Formulação de programas</p> <p>Elaboração de formulários</p>	<p>Dispor conteúdo em linguagem da norma padrão, fruindo-se em registro formal, preciso nos campos do formulário, atendendo princípios e objetivos educacionais e normas legais vigentes.</p> <p>Redacionar em norma padrão, obedecendo na estrutura: título, identificação, introdução, desenvolvimento, encaminhamentos e referências.</p>
04	Avaliar os resultados obtidos na operacionalização das ações pedagógicas, visando a sua reorientação.	Elaboração de relatório	Redacionar estudo quali-quantitativo em norma padrão, emitindo informações claras e obedecendo na estrutura: título, identificação, introdução, desenvolvimento, encaminhamentos e referências.
05	Conceber, estimular e implantar inovações pedagógicas e divulgar as experiências de sucesso, promovendo o intercâmbio entre unidades escolares.	<p>Elaboração de textos de divulgação</p> <p>Elaboração de cartilhas</p>	Dispor conteúdo de forma persuasiva a fim de emitir informações que venham a convencer o público em relação às atividades de sucesso desenvolvidas por determinada área de atuação.

Nota: Aparece em sobreposição a cena de ingrediente culinário "protocolos em atos de escritas por meio de atribuições" em molde tabela, elaborado pela autora que extrai atribuições da coordenação pedagógica da lei nº 1.375/10 (LAURO DE FREITAS, 2010, ANEXO V-B, VIII).

Independentemente de onde a função de uma coordenação habite, em instituição escolar, órgão central responsável pela educação ou qualquer que seja a instituição que opere fazer educacional, há, que se ter dissensos aos padrões modeladores. Há, que se fazer escritas pensantes, escritas como ato político.

As determinações de "elaborar, acompanhar e avaliar os planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema de ensino nos aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e material" (LAURO DE FREITAS, 2010, ANEXO V,B, VIII) versadas acerca da funcionalidade de uma coordenação provocam ressonâncias quanto à instauração de modos de singularização que não modos protocolares, desde que a produção não seja linear, verticalizada e se expresse no singular fazer micropolítico. Nota-se que a elaboração de textos voltados para a micromilitância do desenvolvimento educacional é um ato político.

Isso posto, instaura-se o pensamento de que é de dentro da macroengrenagem da escrita da função de uma coordenação pedagógica, compelida pelos protocolos de organização em intensa operação maquinária disfarçada de dominação, que uma escrita instrumentalizada pode curto-circuitar-se, desde que nesse território venha à tona

uma riqueza inaudita, imperscrutável
latente, micropolitizada, movente [...],
incansável, indômita e incoativa em
sua maneira de delatar a pacificação

universal da macropolítica capitalista, de denunciar o grude institucional e os seus decalques subjetivantes, [...], a captura zelosa das normas, as pacificações da potência criadora e a unificação paralisante [...]das ações utilizáveis (CARVALHO; CAMARGO, 2015, p. 122).

A escrita da função de uma coordenação instaure-se pelos contornos legitimados em diplomas legais, numa engrenagem àquilo que Guattari (1987) designa como plano molar da representação, operando em uma lógica centralizante, universalizante da macropolítica. Há, nesses contornos, movimento de revezamento, dado que a micropolítica se institui no plano molecular retalhando realidades, não se propondo a representar, tampouco a interpretar. De modo que operam em plano molar e molecular, sendo que no primeiro "conservam as formas sociais vigentes; [no segundo tem] movimento de partículas solapando tudo, diluindo todos contornos" (GUATARRI; ROLNIK, 1986, p. 136).

Em suma, a micropolítica e a macropolítica são distintas, mas um processo pode nascer de outro ou instalar-se no funcionamento do outro (GUATARRI; ROLNIK, 1986), em um intercâmbio de funcionamentos que validam, instituem ou rechaçam modos de fazer.

Gabriela, símbolo da liberdade, da subversão, da sensualidade e da beleza, dá atrevidos passos em militância na causa do Negro Fagundes, este de rosto inchado, a respingar sangue, tira prosa com ela quando procurado

por "homens da lei", e proteger-se precisa. O que pode Gabriela fazer ante a situação do personagem retirante? Ela quebra normas sociais para postergar a vida de Fagundes. Rasga protocolos de submissão em passo deslizando e com audácia, infiltra-se na política ao adentrar à alta roda, para tramar defesa à Fagundes (AMADO, 2012). Tal rasgo aos padrões impostos é um fazer micro-político, o mesmo que a presente escrita vem tecendo na cozinha com a manipulação de abaianados ingredientes culinários.

Dentro da burocracia pedagógica de uma coordenação, a função de escrita está a matutar seu fazer manipulando escritas decalcadas que lhes façam revés, pois "cabe a cada um de nós apreciar em que medida - por menor que seja- podemos contribuir para a criação de [escritas] políticas, teóricas, singularizantes, estéticas, capazes de acelerar a cristalização de um modo de organização social menos absurdo" (GUATTARI, 1987, p. 225) do que o atual.

Manipular a culinária apetece quebrar cocos e as amarras que insistem em escritas decalcadas; arrasta à vontade em querer um leite de coco, frágil e delicado em seu escorrer, aquele que muito é utilizado na cozinha baiana, tanto em consistência grossa quanto fina. Vai de moquecas, a doces, mingaus, cocadas e tantas coisas mais... Gabriela faz pratos baianos bastante "temperados, cheirosos, picantes, coloridos, [são] poemas de camarão e dendê, de peixes e leite de coco" (AMADO, 2012, p. 305).

Quebradores de coco



Ela usa e abusa do leite de coco no cuscuz de milho, aveludado e paradoxal: como pode ser, ao mesmo tempo, suave, delicado e marcante? Como pode o leite de coco ter uma textura leitosa-aveludada e dissipar-se em preparações diversas incorporando-se a outros ingredientes culinários? Fitam-se os cocos recém-saídos do cesto da despensa; e já sobre a bancada da cozinha, alguns quebrados realçando uma brancura em joia, outros cabeludos ou carecas e involucrados a olhar atores distintos que fazem uma cena de atribuições do cartoculinar.

Para a preparação do leite de coco, é preciso remexer a gaveta de utensílios culinários em busca de uma faca afiada e de um martelo de cozinha, daqueles usados para bater bife mesmo, juntos que se torna potentes quebradores de coco. Para quebrá-los basta posicionar cuidadosamente a faca sobre o coco e bater três vezes com o martelo: tlác! tlác! tlác! - (03 capítulos de escrita) e ele se quebra inteiro, vertendo um pouco de líquido tímido transparente e cheiroso: mostra sua corpulenta polpa grudada na elegante casca envolvida ao invólucro rígido, e com a mesma faca vai saindo a névoa polpa rechonchuda.

Agora, é a vez do ralador tomado por incontáveis furos, singularizar o coco à medida que se desliza a corpulenta polpa sobre seu corpo, e em transmutação cai no seu oposto lado uma neve aromática. Prepare você também seus utensílios, ingredientes e aventure-se a manipular essa delícia de suavidade pastosa para utilizar como acompanhamento na receita de cuscuz de coco à la Gabriela.



Suavidade pastosa



Leite de coco * grosso *

- pegar um coco e dar batidas em torno dele;
- escorrer a água para um copo e reservar;
- soltar o coco da casca. Geralmente ele sai todo, em pedaços grandes;
- descascar os pedaços de coco, retirando a pele grossa e escura;
- ralá-lo a partir de sua parte convexa, denomina-se "ralar o coco de costas". É importante se você usar o bagaço após retirar o leite grosso, pois o coco assim fica delicado e fino;
- espremer a polpa num pano branco e limpo. Obtém-se, aí, o leite grosso. Deve dar uma xícara de leite;
- a quantidade de leite depende da quantidade de água. Pode ser água do próprio coco ou água quente; e
- outra maneira de extrair o leite é batendo os pedaços de coco no liquidificador com a sua água. A massa obtida é coada no pano, como no processo anterior.

[A lista de ingrediente é suave..., quanto ao quebrar o coco, precisa atentar-se ao invólucro].

- 1 coco. [A quantidade de coco ampliada é a gosto.]





O QUEBRAR DO COCO
É IRREGULAR





A preparação em cartoculinância dispara para sensibilidade de escritas sujas - mexidas, manipuladas e experimentadas na função de uma coordenação pedagógica. Escritas essas que possam subverter escritas como as do advogado Argileu Palmeira, personagem jorgeamandense, que há muito tempo acende edições para que você "não fique privado de seu quinhão [de] ilusões" (AMADO, 2012, p. 217) e possa cada vez mais ler escritas regidas pelas leis em protocolos de ilusão.

Dispara sensibilidade para fazer micromilitância como ato político pela escrita, assim como o sapateiro Felipe, homem habitualmente educado e estimável, que milita pela escrita de "prosa de combate, de essas que removem montanhas e cambiam o mundo [ao militar com] cabeça de vento e fogo, coração sem medo" (AMADO, 2012, p. 218), acionando um funcionamento outro, pois sugere "afugentar, fazer fugir, fazer vazar, como se fura um cano ou abscesso" (GUATTARI, 1987, p. 142) as astuciosas escritas dominantes que a sociedade nos impõe.

Tão assim, arrastam-se em incessante cartoculinância, as aventuras de escrita nesta pesquisa. Flertes lançados, quando em 2021 coloria-se a paisagem e purificava-se o ar em torno de uma casa de memórias, e também imperava o rigor das leis inflexíveis em meio a paixões, afecções, banquetes, suspirantes histórias, manobras políticas, aromas, sabores, texturas, noites não dormidas, tensões, alegrias e à escassa chuva e farto sol à disparar a escrita da função de uma coordenação pedagógica que aqui, se outorga a ser cartografada com a consciência do direito a pensar, a singularizar escrita, a anunciar e afirmar potências.

Uma coordenação pedagógica que investe em movimentos de cartoculinar aciona a experimentação da escrita tomando-a como um ato micropolítico proveniente da sua função de micromilitância que insiste em resistir inventando entre movimentos de constituir-se em meio às subjetividades de devires que atravessam a sua escrita. Entre os microencontros com a culinária pela literatura, escreve-se na tentativa inventiva de fazer texto como ato político, a fim de gotejar micromilitância a favor de mudanças necessárias para uma população que tem destinos decididos pela caneta que assina pilhas e pilhas em protocolos instrumentalizados que servem para que mais sejam gerados, escritas sejam institucionalizadas e assim sucessivamente.

Investe-se, portanto, na escrita da função de uma coordenação pedagógica com a consciência da subjetividade capturada, a enroscar-se entre movimentos macropolíticos e micropolíticos (GUATTARI, 1987) para faiscar provocações pelas escritas sujas e singulares em prol de efetivas ações, não aquelas de papel, mas as que diretamente afetarão para melhor a vida de quem precisa ser visto e escutado na valorização da educação como ferramenta social em um país com timidez em políticas públicas educacionais efetivas e incentivadoras da criticidade e do pensar.

O trilhar junto a personagens jorgeamadenses, especialmente Gabriela (AMADO, 2012), símbolo da subversão, que com ternura e doçura suspira liberdade na cozinha, inventa poesia não acética, mas de gosto baiano, parece até mesmo "feita de canto e dança, de sol e luar, [é] de cravo e canela" (AMADO, 2012, p. 320), possibilita encontros de subversão, como se uma fissura nas prescrições, fazendo

ponte com as receitas em ingredientes tipicamente baianos para escorrer das letras mais do que decodificação – cartoculinância pela inventividade. Desse modo, cartoculina-se com a culinária pela literatura pela condição e possibilidade de expressar singularidade em uma escrita sob constante tensionamento.

O transbordamento vem com Jorge Amado (2012), aquele que quando posiciona os cocos de cacau em escritas, dispara a produção de uma consciência subversiva em seus personagens, movimentando forças em meio à engrenagem de classes sociais (AMADO, 1977b), assim como a de Gabriela (AMADO, 2012), que tão violenta e sedutoramente subverte os padrões modeladores da sociedade, a sair com seus tabuleiros de doces, abarás, acarajés, saias esvoaçantes e pés deslizes, enquanto florescem

nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias [...]. Mas, o perfume a elevar-se na cidade, a dominá-la, [vem] dos armazéns de ensacamento, do cais e das casas exportadoras, [vem dos cocos] de cacau. [...] Espalhando-se sobre a cidade, o rio e o mar. Nas roças [põem-se] de vez, todas as gamas do amarelo na paisagem, um ar doirado (AMADO, 2012, p. 139).

Um ar entontecedor que adentra os mais inócuos espaços produtivos em oscilante movimento de forças macropolíticas e micropolíticas (GUATTARI, 1987) na tentativa de macrocontroles e microfissuras em meio ao perfume de cravo de Gabriela (AMADO, 2012). Trata-se de quebrar cocos no movimento de forças. E muitas são as forças atravessadas quando se tenta quebrá-los para vazar mel na tão fel e amarga vida de quem somente opera nos ritos dos protocolos dos senhores que capturam possibilidades de crescimento econômico sobre o trabalho explorado de milhares de pessoas.

Decidir quebrar o coco, aquele que depois de beber a água que sai límpida pelo furo feito milimetricamente, faz-se gotejo nas volumosas, listas, formulários, arcabouço de plano, pautas, artigos, incisos e parágrafos, dissentindo os ritos dos protocolos de organização, ordena bater com o cabo da faca ou com o martelo até que um racho apareça na casca grossa. A força feita com a ponta da faca dentro da fissura faz com que ele se despedace em duas partes desuniformes.

Tão assim, o quebrar do coco é sempre irregular. É singular seu corte, em arestas de polpa grudada pelas laterais de um invólucro rígido que arrasta singularidade, assim como se desenrola a presente pesquisa.





O quebrar irregular



A possibilidade da escrita singular passa pela abertura, problematização e questionamento dos protocolos de organização (BORGES, 2018) em vias de fazê-los abertos para o entendimento de textos mais plurais e desuniformes, que proporcionem pensar maior efetividade e menor cumprimento de ações esvaziadas de sentido.

Espalha-se a possibilidade de pensar a escrita da função de uma coordenação pedagógica capturada pelas normas legais e protocolada em organização. Dispara-se a pensar na liberdade da escrita menos impositiva e mais experimental: a receita, roubada da culinária pela literatura jorgeramadense (2012), convida o leitor a cartoculinar nesta dissertação sem busca de fins assistidos e sendo completada e compartilhada em processo.

Cartografar as escritas da função de uma coordenação pedagógica em meio à invenção da escrita manipulada e suja movimentada pela culinária, sem respostas nem busca determinada, faz borbulhar alerta às barreiras impostas pelos protocolos quando se trata da escrita instrumentalizada, especialmente das suas atribuições.

O território da cartografia que se movimenta no espaço geopolítico e subjetivo reverbera escritas sujas da função de uma coordenação como exercício de sensibilidade plural da coordenadora-pesquisadora, visto que é um saber implicado, quebrável e um tanto provisório. Aqui entra a possibilidade de uma escrita menos colada em protocolos de organização (BORGES, 2018) que insubordine seu fazer à aceitação de imposições políticas dominantes. Na escrita da função de uma coordenação pedagógica instrumentalizada e institucionaliza em atravessamento por políticas

verticalizadas, cabe dissensos para bambear as estruturas rígidas e ecoar aberturas de potência política, possibilitando micromilitância dentro de uma escrita cercada por protocolos.

Uma escrita capturada pelo cafetinar do estado por meio da imposição de diferentes protocolos macropolíticos do sistema capitalista exige ação – essa que pode ser escorrida por entre as normativas de escritas instrumentalizadas e afugentadas de singularidades. Escapar por brechas na perspectiva de escritas outras é agir nas causas de dominação. É a micropolítica que combate essa prescrição opressora. Aqui, faz-se resistência à escrita instrumentalizada e institucionalizada. Faz-se ato micropolítico.

Que a tentativa inventiva desta dissertação aja de forma minúscula, como arranhão na cristalização de uma macroestrutura esvaziada de sentido e formulada como modo de produção em escala de padronização e repetição de escritas, que hoje, impõem à coordenação pedagógica produção de subjetividade, tolhendo as possibilidades inventivas e firmando padrões naturalizados de comportamentos e controle social.

A força da escrita da função de uma coordenação pedagógica está também em seu alto grau de punção de efetiva ação e mudança social. Por um fazer educacional de possibilidades é que se faz salutar fitar a escrita protocolar e transcriá-la (CORAZZA, 2020) em meio às injunções da receita, gênero que também legisla sobre o fazer culinário, mas permite aberturas para respiros em inventividade, cenas, roubos literários.

Além disso, essa força é do povo nordestino correndo por entre essas páginas em sua densidade; são os ingredientes jorgeamadenses fazendo da cozinha baiana uma explosão de sabores em sua finura popular e microfissurando pensamentos socialmente opressores suportados por esse povo; as paisagens que mudam ao cair das poucas chuvas; as casas simples e de janelas baixas que guardam fogões à lenha inimagináveis. Essa região de abundância e intensidades traz no jeito de ser do nordestino um ritmo que une a musicalidade dançante e alegre de um povo de saber cultural, lutador de seus trabalhos e merecedor de viver numa região que socioeconomicamente cresce.

A escrita movimentando potências é atravessada pelas histórias de tantos que dependem das ações públicas de educação em uma região pouco assistida por políticas públicas ou nutrida por falsas delas, travestida de controle de massa a explorar, por vezes, a força de trabalho alimentada por ideais que aplaudem dissimulados argumentos a populares sofridos dessa região, que ainda é inferiorizada por parcela do país que desconhece a militância de um povo que luta contra o apagamento e o silenciamento social.

Essas contações é que trazem fôlego para que, mesmo diante do engessamento da instrumentalização dos protocolos de organização (BORGES, 2018), continuemos no combate por uma escrita micropolítica que possa acionar o funcionamento de escritas sujas em outras coordenações pedagógicas em tempos de desmonte de direitos sociais e de esvaziamento de ações democráticas pelo estado-cafetão.

Fitar a escrita de uma coordenação pedagógica com olhos banhados de literatura, como força para repensar os pro-

tocolos que circundam a função da coordenação cafetinada por um estado, por essência, opressor permite-se cartoculinar pela injunção da receita com a literatura, tentando operar microfissuras em um modelo de escrita altamente instrumentalizado e institucionalizado.

Ao cartoculinar instauram-se experiências de singularidades, movimentando as receitas como possibilidades em uma escrita sob constante tentativa inventiva. As forças determinantes das macropolíticas sobre a função de uma coordenação fazem-se por ações de escrita voltadas a protocolos de organização que vão determinando um tipo de texto imposto por legislações e normativas, o que força um modo prescritivo e burocrático, apenas ordenando, classificando, seriando funções e atribuições (BORGES, 2018).

Quem sabe, seja hora, agora, de colocar a saia rodada de muitas cores, soltar os cabelos ao vento e sair pelas ruas de onde quer que se habite, fantasiando cartoculinâncias, lendo escritas pela lente da diferença, escutando dançantes músicas, vendo as pessoas que se amontoam em comemorações de final de dia, experimentando a diversidade dos ingredientes que fazem as comidas baianas de que tanto manipulamos os ingredientes e pintam a presente pesquisa. E ainda, partir para encontros outros, com escritas da função de uma coordenação que movimente vida, possibilidade e tentativa marcada pela inventividade.

Ficam as provocações sobre as sensações, as visões, os gostos, os toques que fizeram despertar esse texto cartoculinado para que o leitor possa, ele também, cartoculinar com culinária as experiências que perpassam a subjetividade em protocolos normalizadores dos textos que escre-

vemos; isso para que eles, os textos, ganhem um quê de Gabriela (AMADO, 2012), afastando-se da excessiva padronização para que questionem os modelos previamente expostos de como escrever e, por fim, tensionem os próprios papéis sociais aos quais estão sujeitadas as subjetividades dos sujeitos que habitam tais escritas.

Por feitura menos impositiva, mais abertas às possibilidades de invenções que tateiem os sobrevoos literários em cenas de escritas pela micromilitância; por fissuras para que mais métodos escoem escritas em pesquisas científicas e em escritas da função coordenação pedagógica; por textos que sejam escritos com paixão; e por uma escrita que movimente vidas em constantes micromovimentos é que continuamos a cartoculinar.



REFERÊNCIAS



ALLENDE, Isabel. **Afrodite**: contos, receitas e outros afrodisíacos. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 328 p.

AMADO, Jorge. **Bahia de todos os Santos**: guia de ruas e mistérios. Ilustrações de Carlos Bastos. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977a. 429 p.

AMADO, Jorge. Conversa com Jorge Amado. **Revista Hoje**: os melhores livros, (S.l.), Francisco Alves, 1977b.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 358 p.

APRESENTAÇÃO de defesa: uma coordenação pedagógica e sua escrita. Produção e fotografia: Patrícia dos Santos Costa de Oliveira. Orientação: Sônia Regina da Luz Matos. Montagem e edição: Ana Paula Vieceli. Caxias do Sul. 2022. (24min e 45seg) son., color. Disponível em: <https://youtu.be/WSjAWJ5-tEY>. Acesso em: 02 mar. 2023.

BAHIA. **Lei nº 7023 de 23 de janeiro de 1997**. Altera dispositivos da Lei nº 6.677, de 26 de setembro de 1994, e dá outras providências. DOE,1997. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-7023-1997-bahia-dispoe-sobre-a-estrutura-dos-cargos-e-vencimentos-no-ambito-do-poder-executivo-do-estado-da-bahia-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BAHIA. **Lei nº 8.261, de 29 de maio de 2002.** Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Bahia e dá outras providências. DOE, 2002. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/lei-no-8261-de-29-de-maio-de-2002>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I:** da vida à obra. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos:** seguidos de O grau zero da escritura. 1. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. 167 p.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.

BORGES, Bruno Gonçalves. **Adeus, formação:** o anti-Emílio anunciador do conceito de programa de vida. 2018. 326 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia, 2018.

BORGES, Florismar Menezes. **Acarajé:** tradição e modernidade. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8774/1/dissertacao_florismar.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. (Constituição (1988)). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRITO DE SÁ, Maria Roseli Gomes. Ah, hermenêutica! a quantas anda sua contribuição para a pesquisa em educação na atualidade?. In: ALMEIDA, Verônica Domingues; BRITO DE SÁ, Maria Roseli Gomes. ZORDAN, Paola (org.). **Criações e métodos na pesquisa em educação.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS: Nota Azul, 2020. p. 189-202.

CARVALHO, Alexandre Filordi; CAMARGO, André Campos de. Guattari e a topografia da máquina escolar. **Educação Temática digital**, Campinas, v. 17, n. 1, p 107-124, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v17i1.8634821>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CORAZZA, Sandra Mara. Metodosofia: contrato de tradução. In: CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Métodos de transcrição:** pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 13-33.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos.** In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-132.

COSTA, Luciano Bedin da. **Ainda escrever:** 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme, 2017. 74 p.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Revista Paralelo 31**, UFPel, Pelotas, ed. 15, p. 10-35, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/20997/12946>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

COSTA, Paloma Jorge Amado. **A comida baiana de Jorge Amado ou livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de Dona Flor**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 312 p.

COSTA, Paloma Jorge Amado. **As frutas de Jorge Amado ou o livro de delícias de Fadul Abdala**. São Paulo: Companhia das letras, 1997. 206 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. 559 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: 34, 2010. 272 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Rolnik Suely. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 233 p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. 328 p.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício das Baianas de Acarajé**. Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 2 jan. 2022.

LAURO DE FREITAS (Cidade). **Lei nº 1.138, de 13 de outubro de 2005**. Disciplina o quantitativo de vagas dos cargos de provimento permanente de professor, cria os cargos de coordenador pedagógico e auxiliar de classe, modifica os anexos II e IV da Lei Municipal nº 898/97 e dá outras providências. DOM, 2005a. Disponível em: <http://leismunicipa.is/fnrgj>. Acesso em: 03 jan. 2022.

LAURO DE FREITAS (Cidade). **Edital de abertura de concurso público nº 001, de 26 de outubro de 2005**. Torna público que no período de 01/11 a 18/11/2005, estarão abertas as inscrições para o provimento de cargos públicos dos quadros de pessoal do Magistério e Auxiliar de Classe, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. Diário Oficial Municipal, Lauro de Freitas, BA, 26 out. 2005b.

LAURO DE FREITAS (Cidade). **Lei nº 1.375 de 23 de junho de 2010**. Dispõe sobre a redação, alteração e consolidação das leis que versam sobre o estatuto e o plano de carreira e remuneração do magistério público do Município de Lauro de Freitas, na forma que indica e dá outras providências. DOM, 2010. Disponível em: <http://leismunicipa.is/hstmc>. Acesso em: 03 jan. 2022.

MACÊDO, Manoel Moacir Costa. **Crônicas do Barracão**. 1. ed. Aracaju: Edição do autor, 2014. 175 p.

RAMOS, Inajara Vargas. **Coordenação Pedagógica: a ressignificação de um espaço permeado pelo fazer, saber e aprender**. 2002. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2002.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Ed. da UFRGS, 2016. 248 p.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Antropólogo contesta tese. **Jornal A Tarde**, Salvador, n. 32.566, 06 jul. 2008. Ciência e vida, Caderno 1, p. 36.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **Usos e abusos das mulheres de saia e do povo do azeite: notas sobre a comida de orixás no terreiro de candomblé**. 1997. 358 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

ZORDAN, Paola; SOUZA, Anderson Luiz de. Maniera Moírai. In: CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença**. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 451-473.

ZORDAN, Paola. **Supervisão Escolar e a impossível perspectiva da diferença**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Conversações Pedagógicas na Cidade que aprende**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação (SMED), 2007. p. 177-191.

LISTA DE FOTOGRAFIAS



pg.

Fonte: Autora (2022)

- 10 Fotografia 1 - Lascívia baiana mesclada
- 17 Fotografia 2 - Gabriela, cravo e canela -
primeira parte
- 33 Fotografia 3 - Insurgência avermelhada
- 39 Fotografia 4 - Pontos brilhantes
- 41 Fotografia 5 - Nudes grãos olhantes
- 44 Fotografia 6 - Ebulição escarlate
- 47 Fotografia 7 - Riqueza acobreada
- 50 Fotografia 8 - Escoamento degradê
- 61 Fotografia 9 - Pintado em aquarela
- 67 Fotografia 10 - Cebola descamada
- 69 Fotografia 11 - Pintura da crocância
- 73 Fotografia 12 - Crocância atrevida
- 75 Fotografia 13 - Gama de beleza
- 80 Fotografia 14 - Vazamento de possibilidades
- 84 Fotografia 15 - Prateleira baiana
- 87 Fotografia 16 - Luxúria contrastante
- 90 Fotografia 17 - Porção aveludada
- 93 Fotografia 18 - Gabriela, cravo e canela -
segunda parte
- 98 Fotografia 19 - Casa de memórias
- 103 Fotografia 20 - Tela de ardência gentil
- 106 Fotografia 21 - A constituição das pimentas
- 111 Fotografia 22 - Cozinha pela janela

113	Fotografia 23 - Autossuficiência reclamada
120	Fotografia 24 - Cores do carnaval
127	Fotografia 25 - Chama repousante
131	Fotografia 26 - As linhas temperadas
140	Fotografia 27 - Olhos na espreita
142	Fotografia 28 - Riqueza prateada
148	Fotografia 29 - Rúbia festança
150	Fotografia 30 - Brotância de forças
152	Fotografia 31 - Preparo simples
154	Fotografia 32 - Brancura em grãos
157	Fotografia 33 - Explosão de sentidos
163	Fotografia 34 - Suspeito sabor
165	Fotografia 35 - Gabriela, cravo e canela - capítulo terceiro
169	Fotografia 36 - Liquidez acetinada
172	Fotografia 37 - As faces do coco
174	Fotografia 38 - Fineza da ruela
180	Fotografia 39 - Mesa de fantasia
185	Fotografia 40 - Farinha de grãos de sol
187	Fotografia 41 - Tesouro indígena
191	Fotografia 42 - Perfume estonteante
198	Fotografia 43 - Gotas de água-soro
201	Fotografia 44 - Líquido tímido
204	Fotografia 45 - Montando a mesa
206	Fotografia 46 - Neve aromática
208	Fotografia 47 - Salgado-doce
210	Fotografia 48 - Cor de Gabriela
216	Fotografia 49 - Verdança tropical
221	Fotografia 50 - Amontoado de cores
230	Fotografia 51 - Brancura em joia

- 230 Fotografia 52 - Mel diamantado
235 Fotografia 53 - Quebradores de coco
237 Fotografia 54 - Suavidade pastosa
241 Fotografia 55 - O quebrar irregular

A DEFESA DE UMA ESCRITA EM CARTOCULINÂNCIA



O texto de apresentação de defesa da dissertação que segue, é elaborado contendo alguns trechos do compositório pesquisado e, é tomado pela leitura durante a exibição do vídeo que aparecem fotografias desse compositório, cujo link está no corpo desta pesquisa.

Boa tarde a todos e a todas,

Inicialmente, eu agradeço às professoras Dras. Andréia Morés e Verônica Domíngues, pela gentileza de fazerem-se presentes desde o projeto de qualificação até esta defesa final, colaborando com a escrita da função de uma coordenação pedagógica por outro domínio: o da diferença.

Também agradeço à orientadora desta pesquisa, prof. Dra. Sônia Regina da Luz Matos, por me acompanhar durante esse movimento de escrita, assim como fez o grupo de estudo da Pedagogia da Diferença. Obrigada aos demais presentes por estarem dispostos a saborear esta apresentação como um banquete de escrita.

Assim como na pesquisa, há, que se fazer aqui, um acordo com o leitor-ouvinte: a defesa da dissertação intitulada Uma coordenação pedagógica e sua escrita será feita em leitura da culinária pela literatura, na fluidez da malemolência de um cozimento de texto abaianado, que tangencia uma provocação estética desobediente numa escrita de tentativa inventiva e autoral.

Enquanto na leitura, aparecem fotografias projetadas em vídeo, que desenrolam uma apresentação sensorial, em movimentação de característicos sons, de voz e de silêncios, todas as partes provocativas do compositório de lascívia baiana mesclada que movimenta processos na pesquisa em capítulos. Estes, atravessados por ingredientes culinários tipicamente baianos e cenas na feitura da pesquisa topográfica.

Sabemos aqui, cada um à sua maneira, o quanto ocasiões como essas são tomadas pelo rigor de atos solenes ancorados em protocolos de organização. Escapar deles, por vezes, não é atraente. Afinal, a representação tem força! Com efeito, escrever este texto foi um enorme desafio para alguém sempre ensinada a trabalhar e portar-se à mesa com a escrita dentro desses padrões institucionalizados.

Começo, então, lendo um escritor que povoa a dissertação, o brasileiro Jorge Amado, autor que arrasta nesta escrita o toque literário e culinário em uma gama de beleza que escorre de sua baianidade. Em escoamento degradê:

Nos navios negreiros, vieram o dendê e o gosto da pimenta, a culinária ritual dos negros, as comidas dos orixás. Os coqueirais cresciam nas praias, e o português guloso trouxe suas receitas de doces, seu açúcar. Misturaram-se os gostos: a mandioca dos indígenas, a branca farinha, o azeite cor de ouro do dendezeiro, a pimenta, o coco, o amendoim, o gengibre. Os pratos portugueses adquiriram maior picante, um gosto mais definido e forte. Os guisados africanos perderam sua agressividade, ganharam maior finura. A cozinha sadia e simples dos indígenas comparece também com suas folhas, suas raízes, suas caças. Assim nasceu a culinária baiana, sem dúvida e sem exagero, uma das mais finas e saborosas do mundo (AMADO, 1977, p.362-363).

Vê-se, aqui, um texto entrelaçado com a culinária, a literatura, a fotografia e a escritura para pensar a escrita da função de uma coordenação.

Nesse cruzamento, escorrem pela ebulição escarlate do azeite de dendê fantasias de uma coordenação pedagógica baiana, por uma coordenadora-pesquisadora e enclausurada na escrita instrumentalizada.

Com vontades, inquietações, despertares, vida contada, histórias variadas de como a coordenadora-pesquisadora, entre voltas e voltas, chegou até aqui... um remoto passado de memórias - de família, da educação até a formação também

como educadora. De experiência de escritas em regência de ensino, gestão escolar à coordenação pedagógica.

Com questionamentos por um fazer pautado na prática documental e delineando o apaixonante caso da escrita que se faz pela cozinha ... com espreitadas literárias, filosóficas, muita fome e vontade de cartoculinar ao modo jorgeamadense.

A insurgência avermelhada do azeite de dendê junto ao corpo revestido de fragilidades de uma coordenadora-pesquisadora leva a questionar: o que escreve uma coordenação pedagógica quando investe em movimentos de cartoculinar?

Tal questão de partida, trama o objetivo geral de cartoculinar, como ato de uma coordenação pedagógica baiana em meio aos microencontros com a culinária pela literatura jorgeamadense (2012), deste modo, pergunta-se pela função da escrita de uma coordenação pedagógica.

Nessa itinerância investigativa, há três querereres específicos, aqueles objetivados durante todo o processo de feitura da escrita:

a) cartoculinar, como método movente na pesquisa, provocando escritas da função de uma coordenação pedagógica;

b) tensionar a função da escrita instrumental da coordenação pedagógica em meio à culinária pela literatura jorgeamadense (2012); e

c) intuir a escrita da função da coordenação pedagógica atravessada por movimentos macropolíticos, como a escrita instrumental, e micropolíticos, como o ato de cartoculinar.

A feitura do método vem em luxúria contrastante colada à literatura jorgeamadense. O cartoculinar utiliza-se do ler,

do manipular dos ingredientes, do cozinhar, do degustar, do questionar receitas prontas, até do prostrar para fantasiar uma escrita que também tensione padrões reprodutores de verdades da sociedade onde vivemos.

O método cartoculinar não segue lógica planejada ou tem fim esperado, uma vez que extravasa a pesquisa acadêmica, vivenciando as porosidades da tentativa inventiva.

As fotografias adentram o método para sobrevoos de escrita, atuam como ponto sensível à invenção, uma vez que dão força à escrita e são, elas mesmas, textos a serem lidos no entrecruzamento de vidas, ora inventados, ora vividos e ressoados nos movimentos de escrita. Nessa tessitura, as fotografias recebem realce de cores em trabalho gráfico, assim como o texto é inserido em estética aproximada de um livro de receitas. A fotografia é potência textual, dá vazamento de possibilidades em um fazer de texto que transmita paladar, aroma, textura, calor, cheiro da cozinha baiana em pitadas de sensível traço literário.

Comida, quando feita pelo minúsculo, nunca é igual, não se decalca em seu grau de existência, pode lembrar do aroma, pode lembrar da estética, até do sabor, mas sempre haverá alguma linha, algum ponto que difere daquela receita universal. Esta escrita milita em resistir inventando pelo ato de cartoculinar, aventurando-se na constante tentativa de crocância atrevida, no balanço da fritura do acarajé arreitonado que vai pegando cor no borbulho do azeite de dendê.

Em meio às feituas culinárias com as pimentas - aquelas vestidas de suas cores do carnaval quando deitadas nos cestos da feira, chegando a enganar os desavisados: ardem, se não

usadas com parcimônia, em razão da sua autossuficiência reclamada e ensinam sobre a beleza e o cuidado necessário a uma escrita que faz tela de ardência gentil nos micromovimentos de afastamento aos protocolos de organização.

As pimentas arrastam alegrias e tristezas de uma filha da escrita naturalizada da coordenação. Da possibilidade à escritura (aliás, escritura essa que está atravessada pela culinária) quando corre farto o cartoculinar e transforma-se em explosão de sentidos nas preparações da pimencratizada moqueca de peixe, que vai povoando de aroma os espaços da casa de memórias em prescrições apetitosas.

Com legislação e atribuições - vontade de subverter e sinestesia de ações - traições literárias e compilações burocráticas - receitas, artigos, incisos, parágrafos...

Tateando por entre forças, sigo propondo e cozinhando entre encontros numa escrita escorrida a cada página. É um ar de desobediência que paira na cozinha pela janela...

A escrita instrumentalizada da coordenação pedagógica é calcada em protocolos de organização colados ao rito da legislação. A dureza do texto legislativo tem olhos na espreita mesmo com os respiros literários de Gabriela, Cravo e Canela, quem convida a dançar na cozinha, manipulando com ingredientes baianos que adornam cozimentos distintos em uma brotância de forças atrevidas.

A escrita mais densa, menos poética, mais estabelecadora de modelos atravessa o fazer da dissertação, o que, de certa forma, movimenta o cartoculinar - aquele que amolece, suaviza, cozinha vagorosamente sob chama repousante em banho-maria na casa de memórias, uma escrita que tem ânsia por ser esvoaçante.

Esta escrita experimenta feituças culinárias pelas frutas de polpas aveludadas e suculentas. Há, na Bahia, os cocos de cacau, aqueles que dão "grãos moles e brancos de mel" a cheirar mais e mais quanto mais secos vão ficando. Quando posicionados em escritas de Jorge Amado, dispara a produção de uma consciência subversiva em seus personagens, movimentando forças em meio à engrenagem de classes sociais.

Em cartoculinância, passa-se a falar de outros cocos, aqueles dos quais verte uma liquidez acetinada quando fissurados e quebrados. Talhados à faca e sob o brilho do sol, sensíveis e gelados, matam a sede em goles vagarosos. As faces do coco, abrem-se pela destreza das suas talhas acenando uma fruta múltipla, é água, é polpa, vira leite, é ralada, feito em lascas... revelando uma suavidade pastosa.

Pelo coco, é movimentada uma mesa de fantasia da escrita protocolada, instrumentalizada, que está a viver, acorrentada a prescrições legais, padronizadas e encaixotadas.

Arrastam-se atos de subjetividade em enroscamentos de forças macropolíticas e micropolíticas malabarizando em uma expressão singular. Busca-se encontrar cenas... quem sejam elas - que importa? Pequenas, minúsculas, plurais, rizomáticas...

Cenas como que atravessando a fineza da ruela, em explosão de possibilidades pelos ingredientes coloridamente dispostos no chão ou em bancas... no arranhar da institucionalização viciosa da função de uma coordenação movimentada pela cafetinagem administrativa: ágil em determinar, maquinar, dar forma, controlar e generalizar a escrita.

Desperta-se para consciência do direito de a escrita querer desviar desses padrões para anunciar, denunciar e escrever textos para cheirar - para ter prazer de escrever - para sobrevoos pelas tentativas aventureiras das provocações vindas de uma coordenadora-pesquisadora em flerte com a culinária pela literatura.

Da escrita vertem microgotejamentos de um líquido tímido em possibilidades que acenam para a experimentação de prescrições outras, que não as da escrita protocolada que repete fugaz os modelos impostos, em meio a uma verdança tropical de tentativas inventivas.

Os protocolos de organização tomam a escrita na medida em que impõem padrões dos textos na função de uma coordenação, o que faz estabelecer um paralelo subversivo com a cor de Gabriela, aquela que traz a liberdade, a subversão, a vontade, a excitação para um espaço antes ocupado pela macropolítica do status social. Em um mundo de repetição e decalque, Gabriela arrasta a dança, a culinária, as experimentações, as sutilezas do querer ser a própria versão única de si.

Subverter a verdade naturalizada sobre o funcionamento da escrita de uma coordenação diz respeito a abrir uma micropassagem pela escrita no interior das relações coletivas, em prol de acionar um levante à funcionalidade de escrita no fazer pedagógico da coordenação.

A possibilidade da escrita singular passa pelo questionamento dos protocolos de organização e pela manipulação de ações em vias de fazê-las abertas para o entendimento de textos mais plurais e descolados em partes desuniformes, que proporcionem pensar mais ligas com tesouro indígena

e menos cumprimento de escritas generalizadas que impõem padrões sancionando uma coordenação pedagógica desprovida de função política. Quando, na verdade, o que se quer é uma escrita que manipule prescrições como a do cuscuz, emoldurando de amarelo os pratos que enfeita, perfumado e exalando o coco, o cravo e a canela em finura salgado-doce de questionamentos, de provocações e de dúvidas.

Trata-se de tentar rachar e quebrar cocos e, ainda, fazer desgrudar as polpas dos seus enrijecidos invólucros, transmutando em uma brancura em joia pelo movimento da singularidade por dentro da generalização prescritiva.

Ao final dessa leitura, e cartoculinância junto a personagens literários jorgeamadenses, especialmente Gabriela, verso aqui, com ela, por atravessar as páginas do livro fazendo verter possibilidades cartoculinadas pela culinária que se faz de tantos ingredientes múltiplos. Em seu sorriso largo, roupa leve, modos simples, suspira liberdade na cozinha, inventa poesia não acética, mas de gosto baiano, parece até mesmo "feita de canto e dança, de sol e luar, [é] de cravo e canela", rasga os padrões impostos ao que seria ser mulher e esposa em uma sociedade patriarcal com seus desvios e seu perfume estonteante.

É irregular seu comportamento, assim como é sempre o quebrar irregular do coco, o que leva a tecer micropontos acerca da escrita de uma coordenação.

Finalizo, então, a defesa desta dissertação trazendo que as sensações, as visões, os gostos e os toques despertados neste texto cartoculinado apontam que uma coordenação, ao investir em cartoculinária, escreve acionando a experimentação como um ato micropolítico, proveniente

da sua função de micromilitância que insiste em resistir inventando entre movimentos de constituir-se em meio às subjetividades de devires que atravessam a escrita de uma coordenação pedagógica.

Investe, portanto, na escrita da função de uma coordenação pedagógica, com a consciência da subjetividade capturada, a enroscar-se entre movimentos macropolíticos e micropolíticos para faiscar provocações pelas escritas sujas e singulares.

Que a tentativa inventiva escorrida nesta dissertação aja de forma minúscula, como arranhão na cristalização de uma macroestrutura esvaziada de sentido e formulada como modo de produção em escala de repetição da escrita que tolhe as possibilidades inventivas e firma padrões naturalizados de controle social.

Nessa feitura, meus caros, essa coordenadora-pesquisadora é um pouco a subversiva Gabriela!

Obrigada!



